



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LARISSA DE SOUZA OLIVEIRA

***OS ESPAÇOS DE LEITURA* NAS PÁGINAS DO
CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL – COLE
(1978-1993)**

**CAMPINAS
2018**

LARISSA DE SOUZA OLIVEIRA

OS ESPAÇOS DE LEITURA NAS PÁGINAS DO
CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL - COLE
(1978-1993)

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
Educação da Faculdade de Educação
da Universidade Estadual de
Campinas para obtenção do título de
Mestra em Educação, na área de
concentração Educação.

Orientadora: Lilian Lopes Martin da Silva

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA
ALUNA LARISSA DE SOUZA OLIVEIRA E
ORIENTADA PELA PROFA DRA LILIAN LOPES
MARTIN DA SILVA

CAMPINAS
2018

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

OL4e Oliveira, Larissa de Souza, 1987-
Os espaços de leitura nas páginas do Congresso de Leitura do Brasil -
COLE (1978-1993) / Larissa de Souza Oliveira. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Lilian Lopes Martin da Silva.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Congresso de Leitura do Brasil. 2. Associação de Leitura do Brasil. 3.
Espaço de leitura. 4. História. 5. Memória. I. Silva, Lilian Lopes Martin da,
1955-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III.
Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The reading spaces in the pages of Reading Congress of Brazil -
COLE (1978-1993)

Palavras-chave em inglês:

Reading Congress of Brazil
Reading Association of Brazil
Reading spaces
History
Memory

Área de concentração: Educação

Titulação: Mestra em Educação

Banca examinadora:

Lilian Lopes Martin da Silva [Orientador]
Norma Sandra de Almeida Ferreira
Maria das Dores Soares Maziero

Data de defesa: 06-07-2018

Programa de Pós-Graduação: Educação

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

***OS ESPAÇOS DE LEITURA NAS PÁGINAS DO
CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL – COLE
(1978-1993)***

Autor: Larissa de Souza Oliveira

COMISSÃO JULGADORA:

Lilian Lopes Martin da Silva

Norma Sandra de Almeida Ferreira

Maria das Dores Soares Maziero

A Ata da Defesa assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica do aluno.

2018

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço à minha professora orientadora Lilian Lopes Martin da Silva. Mais uma vez, e sempre, obrigada por dividir comigo seu conhecimento sobre a leitura, a escola, a sala de aula, a biblioteca; seu conhecimento de ALB, de COLE, de mundo. Obrigada por compartilhar comigo tantos momentos da sua vida e da minha vida. E, principalmente, obrigada por me orientar na pesquisa, pela paciência, persistência e confiança no caminho que percorri para me tornar pesquisadora da educação. Sou fruto do seu trabalho, sempre.

Agradeço também à banca avaliadora desta pesquisa: Norma Sandra de Almeida Ferreira e Maria das Dores Soares Maziero, membros da banca de defesa, e Cláudia Beatriz de Castro Ommetto, membro da banca de qualificação do trabalho. Obrigada pela leitura cuidadosa, delicada, generosa e inspiradora. Obrigada pelo interesse na minha pesquisa e pelas orientações que acompanharam todo meu percurso enquanto mestranda.

Agradeço à minha família: Ao meu esposo, André, pelo incentivo e confiança sem limites no meu trabalho; à minha mãe, Dona Cida, pelo cuidado e amor que transbordam; ao meu Paipai, Fausto, seu orgulho me inspira a fazer mais, a ser melhor!

Minhas irmãs (Érika, Alayne, Mailme), meus irmãos de alma (Emily e Antônio José), meus sogros (Roberto e Marina), meus cunhados (Nike, Charlin e Leandro) e cunhadas (Drica e Mari), obrigada pela curiosidade sobre meu trabalho, obrigada pela alegria da companhia e pela compreensão das ausências.

Meus pequenos, Cecília, Mariana, Vitinho e Ana Laura (chega logo!), obrigada pelos abraços apertados e pelos sorrisos estampados em seus rostinhos a cada encontro cheio de amor e saudade!

Agradeço às minhas amigas Luciane Moreira de Oliveira e Sônia Midori Takamatsu, pela coorientação cuidadosa e incentivadora desta pesquisa, desde seus primeiros passos. À minha amiga Suelen Batista, pela alegria de sua companhia.

Agradeço também às meninas que vieram para somar na pesquisa “ALB: memórias”: Renata, Karol e Yasmin.

Agradeço à ALB, pela persistência na luta diária pela democratização da leitura. Lucy Rudek, obrigada pelo suporte a esta pesquisa.

Aos professores e colegas do grupo ALLE/AULA, pelos encontros inspiradores e que fazem a vida acadêmica ter mais sentido.

Ao Centro de Memória da Educação: professores Alexandro Henrique Paixão, André Luiz Paulilo, Arnaldo Pinto Júnior e Anderson Trevisan, obrigada pela acolhida e pelo trabalho tão generoso e cuidadoso com o acervo do COLE, precioso! Obrigada por compartilharem conosco seus conhecimentos sobre arquivo, memória e história!

Agradeço, finalmente, à CAPES, pelo financiamento fundamental desta pesquisa de mestrado.

Se as palavras são difíceis, deixe-me te perguntar: por que não são elas difíceis? A dificuldade se esvai na procura do dicionário? Ou será o mundo que elas trazem às suas mãos? Será que palavras difíceis não escondem mundos difíceis? Vidas escondidas? Ideias represadas? Palavras fáceis mostram um mundo fácil? Claro? Entendível? Os livros são cheios de palavras fáceis e difíceis. O mundo tem encontros simples e encurralados. O mundo é fácil e difícil.

Milton José de Almeida, FE/Unicamp

5º CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 1985, p. 121

RESUMO

Esta investigação se insere no projeto maior de pesquisa “ALB: memórias”, do grupo ALLE/AULA (Alfabetização, Leitura e Escrita e Trabalho Docente na Formação Inicial) da FE/Unicamp (Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas). Seu objetivo é estudar o tema *espaços de leitura* no âmbito dos Congressos de Leitura do Brasil (COLE) ao longo de 15 anos, em um período que recobre as nove primeiras edições do congresso (1978-1993). A fonte documental desta pesquisa se constitui dos suportes nos quais se inserem textos referentes à programação oficial dos congressos: cadernos de Resumos (1º, 2º e 3º COLEs) e Anais (4º, 5º, 6º, 7º, 8º e 9º COLEs). A partir do estudo desses impressos, que carregam um estado do conhecimento e uma memória sobre o COLE, principal ação da Associação de Leitura do Brasil (ALB), selecionamos textos que, de alguma maneira, discutem ou mencionam a noção de espaços em que se pratica a leitura. Nossa problematização deste conjunto de textos apoia-se no conceito de representação, de Roger Chartier (2002; 2009). Buscamos levantar representações desses *espaços de leitura*, levando em conta a “configuração composicional” (FERREIRA, 2017) que carregam os textos de um congresso pioneiro na discussão sobre a Leitura no Brasil. Essa discussão se insere em pesquisas que se preocupam com uma história da leitura no país.

Palavras-Chave: Congresso de Leitura do Brasil; Associação de Leitura do Brasil; Espaços de Leitura; Memória; História.

ABSTRACT

This investigation is part of the larger research project "ALB: memorias", from the group ALLE/AULA (Literacy, Reading and Writing, and Teaching Work at Initial Formation) of FE/Unicamp (School of Education at University of Campinas). The objective is to study the theme of *reading spaces* in Reading Congress of Brazil (COLE) scope, over 15 years, in a period that covers the nine first editions of the congress (1978-1993). The documentary source of this research is the official support of the congresses: abstracts notebooks (1st, 2nd and 3rd COLE) and Annals (4th, 5th, 6th, 7th, 8th and 9th COLE). From the study of these materials, which carry a state of knowledge and a memory about COLE, the main action of the Brazilian Reading Association (ALB), we select texts that discuss or mention the notion of *reading spaces*. Our studies of the set of texts is based on Roger Chartier's (2002; 2009) concept of representation. We aim to meet representations of these *reading spaces*, considering the "compositional configuration" (FERREIRA, 2017) that carry the texts of a pioneering congress in discussion about the theory of reading in Brazil. This discussion is inserted in researches concerned about the history of the reading in our country.

Keywords: Reading Congress of Brazil; Reading Association of Brazil; Reading Spaces; Memory; History.

Sumário

1. A pesquisa: sua história, objetivos, inspiração teórica e metodológica	11
2. Resumos e Anais: O texto impresso, fonte de pesquisa	22
2.1 Constituindo o corpus.....	25
2.2 Apresentação dos Resumos e Anais dos COLEs	27
3. Os <i>espaços de leitura</i> nas páginas do COLE	40
3.1 Quais são e como são representados esses <i>espaços de leitura</i> ?	46
1º COBI – Discurso dos bibliotecários.....	50
1º COLE - Denúncia.....	52
2º COLE – Propostas de solução.....	54
3º COLE – Várias facetas da leitura.....	58
4º COLE – Ação.....	62
5º COLE – Prática	64
6º COLE – Promoção da leitura	67
7º COLE – O literário.....	70
8º COLE – Leitura crítica e cidadania.....	72
9º COLE – Resultados.....	77
3.2. Uma síntese possível	79
4. Considerações Finais.....	85
Fontes	91
Referências Bibliográficas	104
Anexo 1	113
Anexo 2	118
Anexo 3	121
Anexo 4	123
Anexo 5	124

1. A pesquisa: sua história, objetivos, inspiração teórica e metodológica

A presente pesquisa tem como proposta identificar, conhecer e problematizar discursos relacionados aos *espaços de leitura*¹ que se fizeram presentes ao longo das nove primeiras edições (1978-1993) dos Congressos de Leitura do Brasil (COLE), principal ação da Associação de Leitura do Brasil (ALB).

A ALB² nasceu em 1981; trata-se de uma entidade sem fins lucrativos, cuja sede é na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/Unicamp). Uma de suas realizações é a promoção bianual dos Congressos de Leitura do Brasil, iniciados em 1978 e atualmente em sua 21ª edição, que acontecerá de 10 a 13 de julho de 2018, no Centro de Convenções da Coordenadoria de Desenvolvimento Cultural (CDC) da Unicamp. O COLE é um evento acadêmico e cultural que reúne pessoas de todo território nacional e marca um espaço formal de reunião de grupos profissionais ligados à educação e ao livro: professores, pesquisadores, bibliotecários, editores, representantes de instituições e associações governamentais e não-governamentais. O foco do evento é a leitura e, integrando-o, estão muitos outros temas, tais como: cultura, educação, ensino, formação de professores, literatura, alfabetização e, também, biblioteca e outros espaços destinados à prática de leitura.

Trata-se de um evento que movimentou muitas vozes ao longo de 40 anos de vida. Muitas delas estavam, nas primeiras edições do congresso, no início de suas carreiras e hoje se tornaram referências no campo da leitura em suas diversas facetas; outras já eram reconhecidas na academia, nacional e internacionalmente como, por exemplo: Paulo Freire, Marilena Chauí, Magda Becker Soares, Nelly Novaes Coelho. Ana Luiza Bustamante Smolka, Marisa Lajolo, Regina Zilberman, Edmir Perrotti, João Wanderley Geraldi, Luiz Percival Leme Britto, Ezequiel Theodoro da Silva.

No momento do nascimento do COLE e da ALB, final dos anos 70 e início dos 80, evidencia-se uma realidade em que a sociedade civil e, em especial, a classe trabalhadora começa a se mobilizar em um movimento reivindicatório pela busca da democratização da sociedade. O COLE é pioneiro em discutir academicamente a leitura enquanto uma questão integrante do conceito de democracia. Desde a primeira edição do

¹ Neste trabalho, a expressão será grafada em itálico para demarcar o conceito em estudo.

² Para maiores informações acessar o site da entidade. Disponível em: <<http://alb.org.br/>>. Acesso em 03 mar. 2016

evento, fruto da parceria entre professores do Departamento de Metodologia de Ensino (DEME) da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Campinas e Associação Campineira de Bibliotecários, esse sentido está posto. Os próprios coordenadores do COLE investiram esforços na criação de uma associação de leitura, fundada no interior do 3º Congresso. Associação e Congresso passaram a ocupar um espaço relevante no cenário dos debates sobre leitura no contexto educacional, colocando em evidência questões a respeito das discussões sobre a democratização da leitura no país e seu ensino (SILVA; OLIVEIRA, 2015).

Uma série de movimentações dos professores pôde ser vista no mesmo período, como a criação da ANPED — Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, em 1976, e que tinha por finalidade o desenvolvimento e a consolidação da pós-graduação e pesquisa em educação no Brasil; do CEDES — Centro de Estudos Educação e Sociedade, também criado em Campinas, em 1978, e especialmente interessado na discussão a respeito das ações e reflexões no âmbito das relações da educação e sociedade (sua principal publicação é a Revista Educação & Sociedade); da ANDE — Associação Nacional de Educação, criada em 1979 com o objetivo de desenvolver ações no âmbito da educação inicial, hoje nomeada educação básica (TAKAMATSU, 2017).

Naquele momento, cabia debater os problemas herdados de duas décadas de autoritarismo, agravados por políticas econômicas desastrosas e que, ao longo de muitos anos, deixaram profundas cicatrizes, particularmente no que se refere a um conjunto social desassistido e excluído, principalmente, do acesso à educação escolar. As mudanças do panorama social e político do país conseguiram imprimir um ritmo mais intenso de mobilização social, quadro impensável no auge da ditadura.

Segundo Norma Sandra de Almeida Ferreira (2017)³, membro da banca avaliadora deste estudo, o congresso é parte significativa desse movimento:

A temática [da pesquisa] é relevante na escrita da história de uma entidade e de um evento importante e decisivo para a construção de um discurso sobre a leitura no nosso país: um discurso lúcido, militante, necessário em uma sociedade que se configura como desigual no acesso e familiaridade com o mundo das letras, com as práticas culturais ligadas à leitura. Importância que esses espaços ocupam no cenário

³ Trecho transcrito da gravação do exame de qualificação, ocorrido dia 30/11/2017 na Faculdade de Educação da Unicamp.

brasileiro há quase 40 anos. Na força de um grupo capaz de criar (naquele momento) e manter (agora) esses espaços e animá-los (dar alma), movimentando ideias e pessoas, agregando, debatendo e colocando em circulação. Um evento que representa um grupo que chega e diz: aqui está um espaço público para as pessoas falarem.

Esta investigação vincula-se ao projeto de pesquisa “ALB: memórias”⁴ que, desde 2009, vem trabalhando com a organização do acervo histórico da Associação de Leitura do Brasil. Parte deste acervo diz respeito aos diversos materiais provenientes dos Congressos: documentos escritos, sonoros, iconográficos, tridimensionais. Organizar o arquivo histórico da entidade e de seu evento insere-se em um movimento que preserva e dá a ver documentos que registram e potencializam a escrita da história da leitura do Brasil:

Os acervos, fundados em determinadas condições, realimentados em outras e conservados sob pressupostos e sob políticas específicas, dizem muito sobre a própria fonte. De uma maneira ou de outra, o que eles contêm e as formas como se organizam também revelam algo sobre aquilo que o passado quis que se tornasse futuro e aquilo que, contemporaneamente, pretende-se dar a ver para que se construa um outro passado, pela realização da pesquisa e da escrita da história. (BATISTA; GALVÃO, 2009, p. 27)

Inicialmente, minha participação neste projeto de pesquisa aconteceu a partir do 2º semestre do ano de 2012, em resposta a um convite da professora Lilian Lopes Martin da Silva, da Faculdade de Educação da Unicamp, dirigido a todos os estudantes da graduação desta unidade e das Licenciaturas. Com a tarefa de desenvolver as atividades de decupagem dos registros sonoros correspondentes aos três primeiros congressos, cursei duas disciplinas, a primeira foi a disciplina de Iniciação Científica em Educação (eletiva para os cursos de Licenciatura) e, a segunda, Atividades Livres (eletiva da Pedagogia). O trabalho já foi realizado com as onze primeiras edições do COLE e envolveu a escuta dos registros em áudio; o desenvolvimento e preenchimento de fichas de decupagem, que trazem um levantamento detalhado dos conteúdos de cada um dos arquivos sonoros; o desenvolvimento de uma ficha de referência entre os arquivos impressos e aqueles em áudio; e a elaboração de um manual de orientações.

⁴ Projeto de pesquisa coordenado pelas pesquisadoras Lilian Lopes Martin da Silva e Luciane Moreira de Oliveira e desenvolvido junto ao Grupo de Pesquisa ALLE/AULA da FE/Unicamp. Disponível em: <<https://www.alleaula.fe.unicamp.br/grupos-de-pesquisas/pesquisa-alb-memorias>>. Acesso em: 21 set. 2017

Também participei como bolsista CNPq/PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica). Esse trabalho, cujo título é “Congressos de Leitura do Brasil (1978-1995): catálogo de fontes”⁵ teve como objetivo organizar as fontes existentes para cada um dos 10 primeiros Congressos, na forma de um catálogo descritivo deste material. Construir o arquivo histórico da ALB e organizá-lo em um catálogo inseriu-se na consciência de um cuidado que preservasse os registros da entidade para o presente e o futuro.

O manejo desse material impresso e em áudio, o contato com os conteúdos dos congressos, com os discursos de pessoas que hoje são referências na área, com as discussões sobre a leitura em suas diferentes facetas e diferentes tempos, chamaram minha atenção pelo teor histórico ali presente. Minha inserção nesse contexto, especialmente no que diz respeito ao meu encontro com os arquivos dos COLEs e com as mais diversas possibilidades e caminhos de pesquisa, permitiram o contato com o material que veio a se configurar como corpus deste novo estudo.

Por fim, meu Trabalho de Conclusão de Curso apontou para uma nova possibilidade de pesquisa. Com o título *A Biblioteca Escolar entre as páginas escritas do Congresso de Leitura do Brasil e da Revista Leitura: Teoria & Prática (de 1978 a 1985)*⁶, o TCC buscou conhecer o que a ALB, em seus anos iniciais (1978-1985), colocou em circulação acerca da Biblioteca Escolar a partir dos seus principais veículos de comunicação: os Congressos de Leitura do Brasil e a Revista Leitura: Teoria & Prática (LTP). Este trabalho, em especial, possibilitou um desdobramento de pesquisa por revelar uma relação bastante estreita e híbrida entre a *Biblioteca Escolar* e a *Leitura* nos discursos problematizados, porque, por vezes, as discussões e reflexões levantadas sobre uma e outra temática se misturam, caminhando em uma via de mão única.

A maioria dos textos presentes nos cadernos de Resumos e Anais dos COLEs e nas revistas *Leitura: Teoria & Prática* do período selecionado para corpus de meu TCC promove uma discussão sobre a leitura e, em parte dela, faz-se presente a reflexão sobre a biblioteca como equipamento significativo para o acesso ao livro. E, em menor parte, produz-se considerações com o foco exclusivo na biblioteca escolar. A tônica dos debates nesse momento é a democratização do acesso ao livro e a conquista de condições que

⁵ O catálogo pode ser acessado pelo link:

<https://drive.google.com/file/d/0B8GCM74ZeZAXZC05X0NhSzlaZkk/view>.

⁶ Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000951663&opt=4>. Acesso em: 21 set. 2017.

representem maior inclusão da população em geral. Da mesma forma, houve a descoberta de enunciados cujas discussões mencionavam ou se apoiavam em outras possibilidades de lugares destinados à prática de leitura. As discussões começavam a tematizar além da biblioteca escolar e biblioteca pública – municipal ou estadual - a biblioteca itinerante, a biblioteca particular, aquelas de sindicatos, as salas de leitura, a própria escola e sala de aula como espaços a serem destinados à leitura e que propiciariam essa prática. Deste modo, esta pesquisa de mestrado buscou ampliar a investigação anterior, assim como considerar o tema dos *espaços* nos quais as *práticas de leitura* acontecem, para além das bibliotecas escolares.

Além do tema dessa dissertação ligar-se à pesquisa “ALB: memórias” e a trabalhos anteriores por mim realizados, sua temática liga-se também ao grupo no qual minhas experiências de pesquisa estão inseridas, o ALLE/AULA⁷ (Alfabetização, Leitura e Escrita e Trabalho Docente na Formação Inicial), da Faculdade de Educação da Unicamp. Esse grupo, em uma de suas frentes de investigação, tem se esforçado na construção de pesquisas de abordagem histórica do livro e da leitura, tendo em vista a necessidade de proposição de uma história da leitura no Brasil. Igualmente, tem desenvolvido trabalhos cuja presença das questões relacionadas aos *espaços de leitura*, especialmente as bibliotecas, é significativa. Uma busca rápida pelo site do ALLE/AULA permite o contato com 28 pesquisas que apresentam palavras que remetem à noção de *espaço de leitura* em seus títulos: treze trabalhos de conclusão de curso, onze dissertações de mestrado, três teses de doutorado e uma pesquisa de pós-doutorado. As referências completas destes estudos se encontram no Anexo 1 (p. 113).

Os trabalhos dão enfoque à temática de diversas formas: discutindo a biblioteca escolar e programas voltados a ela; estudando alguma biblioteca em particular; levantando práticas de leituras realizadas em espaços como a escola, a livraria, a sala de aula, bibliotecas públicas e escolares; produzindo memórias e histórias sobre os espaços, sobre os livros e leitores, sobre os processos de aprendizagem e as práticas de leitura; realizando mapeamento de produções acadêmicas, de períodos determinados.

Por *espaços de leitura* entendemos os ambientes em que a leitura pode ocorrer. O *onde* da leitura. Há um espaço importante gerado na atividade de leitura que é o espaço imaginário: “Está se falando de um espaço intersubjetivo modulado pelas circunstâncias do texto e do leitor. Aí, neste *espaço*, insere-se a função do fantástico, do imaginário, o

⁷ Disponível em: <<http://www.alleaula.fe.unicamp.br/>>. Acesso em: 21 set. 2017.

espaço das representações” (BARRETO, 2007, p. 45). Entretanto, nesse trabalho, não será esse nosso ponto de discussão. O foco é o espaço físico, material, *o onde* a prática de leitura pode acontecer e se enraizar. Espaço que, assim como o texto, a situação, a materialidade do objeto que dá suporte ao texto, a finalidade da leitura, forja, modela os gestos do leitor.

Entendemos que a leitura é uma prática sempre enraizada na cultura e realizada por um sujeito situado, envolvendo não só um objeto (o livro), mas também um corpo, um conjunto de gestos, um lugar, além, é claro, de uma história pessoal, individual e coletiva de leitura, elementos que, no dizer de Goulemot (2009, p. 108), constituem o “fora-do-texto”, o “leitor e a situação de leitura”. Ao *que* se lê, somam-se questões que envolvem o *onde* se lê, *quem* lê, *de que modo* lê, *com que* propósitos etc.

Chartier (2009) fala de prática encarnada de leitura enquanto o encontro do leitor com o texto. Do suporte que carrega o texto e o corporifica para o leitor, de uma materialidade onde a leitura ocorre. É nesse campo que caminhamos. É preciso considerar o espaço físico onde esse encontro entre texto e leitor acontece, o que “nos apresenta como o lugar, o ambiente destinado ao ato de ler, onde o corpo do leitor presentifica-se” (BARRETO, 2007, p. 45).

Ao mesmo tempo em que se trata da prática de leitura, se trata do corpo que ela mobiliza e do espaço, físico e social, ocupado por esse corpo. Corpo que é marcado por esse espaço. Pensando na biblioteca ideal, aquela que se presta a oferecer “um espaço e [que] propõe objetos, objetos culturais, de que podemos nos apropriar, que podemos provar” (PETIT, 2013, p. 69), ela tem uma materialidade que também interfere no modo como o leitor lê o texto e como se constitui leitor.

Silva e Ferreira (2006, p. 194), com base em Goulemot (2009), afirmam que:

... em toda leitura há uma posição assumida pelo corpo, articulada ao tipo de impresso e à disposição interior do leitor ou seu engajamento na atividade. Uma dialética entre o livro e o corpo que lê. Para ele, assim como existem certas atitudes impostas como modelos para a leitura: a sonhadora, a profunda, a desatenta etc., os livros, em sua diversidade, também orientam e indicam o melhor lugar e forma para que sua leitura ocorra.

Em conformidade com SILVA (1987, p. 80-81), o “ato de ler” perpassa por três estágios: a constatação (reconhecimento do código, da palavra, do texto), o que produz algum sentido; o cotejo, o momento de reflexão individual e/ou coletiva sobre o texto

lido, que produz mais sentido; e a transformação, a relação que se trava entre o mundo e o texto, a apropriação de um texto que dialoga com outros textos, com o “além das entrelinhas”, com a vida do leitor, o que produz mais sentidos ainda.

Ao realizar a leitura, o leitor executa também um ato de aprender, “ele porta-se diante do texto, transformando-o e transformando-se” (SILVA, 1987, p. 44). Isso pressupõe uma prática pedagógica que se preocupa com o porquê do ensino, para quem, o quê, como, e o que ficou na experiência de praticar a leitura (SILVA, 2008, p. 21-32). Em nosso entendimento, pressupõe que se considere também *o onde* ou *o espaço* em que se dá a leitura. Assim sendo, a leitura ultrapassa aspectos de ordem cognitiva, que podem torná-la uma habilidade universalmente dada.

Esse trabalho se pauta no modo de entendimento da leitura que a situa como prática social, cultural e histórica, enraizada na materialidade da vida. Uma prática pautada por modos compartilhados segundo aspectos vinculados aos textos, propósitos, finalidades, situações, que acomodam as variadas comunidades leitoras. A concepção de leitura deste trabalho se pauta na premissa de que “a leitura é sempre produção de sentido” (GOULEMOT, 2009, p. 107), articulando aspectos ligados ao texto e ao “fora do texto”.

Consideramos que os textos carregam representações sobre *espaços de leitura*, as quais nos propomos a investigar em um período específico. O recorte temporal escolhido para essa investigação se justifica pelo fato de que a partir da 10ª edição do COLE (1995), as bibliotecas escolares, enquanto um dos espaços possíveis para a prática da leitura, ganharam um lugar próprio de debate, o II SEBES (Seminário de Bibliotecas Escolares)⁸. Sua segunda edição, trazida para o interior do COLE, pode estar indicando a importância e força de suas discussões naquele momento, como também aponta para um novo formato do Congresso (que iria perdurar até o 17º COLE, em 2009) vez que compôs nova estrutura ao lado de muitos outros seminários.

Nossa hipótese, que também justifica esse recorte temporal, é que esse é um período em que o debate sobre esse tema se reveste de um caráter mais fortemente ligado a questões políticas e sociais, acompanhando a pauta de reflexões dos COLEs. Também,

⁸ Conforme o Catálogo “Tempo de Cole” (2014). Convém esclarecer que o Seminário de Bibliotecas Escolares teve uma primeira edição em 1994, sob a coordenação de Luiz Percival Leme Britto. De acordo com Gláucia Pécora, coordenadora do II SEBES, em relatório avaliativo deste segundo evento, o I SEBES ofereceu 120 vagas, teve “6 palestras e 13 comunicações” e contou com participação comprometida dos participantes. Segundo Pécora, estar no COLE deu maior visibilidade ao SEBES. (ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Relatório Técnico-Científico*. 10º Congresso de Leitura do Brasil. 1995, p. 30)

que nas discussões mais recentes e atuais⁹, é possível encontrar ecos de debates ocorridos nesse tempo.

O catálogo *Tempo de Cole* (2014) é um de nossos pontos de apoio para a formulação dessa hipótese. Nele é possível ter contato com uma ficha técnica de cada evento. Uma das informações destacadas por ele é o tema, ou temário, de cada congresso¹⁰. Esses temários apontam os assuntos enfatizados em cada evento, as direções que as discussões tendem a seguir na programação oficial dos congressos. É possível notar que as temáticas acompanham a dinâmica política, social e cultural do país e que, de acordo com Silva e Oliveira (2015, p. 389), podem ser agrupados em três momentos, cujas margens, segundo as autoras, são “porosas”.

Os seis primeiros congressos (que estão entre aqueles que balizam essa investigação) inclinam suas reflexões para a democratização da leitura no país e para questões que perpassam, principalmente, pela escola, ensino, aprendizagem, recursos e espaços; em diálogo com esse primeiro momento de democratização política e social do país e do ensino, os cinco congressos subsequentes (do 7º ao 11º COLE) encaminham discussões em que a leitura é o instrumento chave para responder à necessidade latente de uma nação “democrática e inclusiva”; no terceiro momento, do 12º ao 17º COLE, os congressos delineiam os caminhos diversos da leitura frente ao conhecimento do mundo, alguns temários estimulam essa orientação ao buscar refúgio no texto literário.

Outro ponto de apoio remete a resultados alcançados em nosso trabalho anterior (OLIVEIRA, 2015). Eles mostram que, no COLE, a discussão sobre biblioteca enquanto *espaço de leitura*, assim como sobre outros espaços que constituem a prática de ler, vai ganhando força ao longo do tempo.

⁹ Sobretudo aquelas decorrentes das exigências trazidas pela legislação que torna obrigatória a instalação de bibliotecas em todos os municípios do país, lei 12.244 de 2010, e do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) criado em 1997.

¹⁰ Eis o temário de cada congresso: 1º COLE: *Leitura para todos*; 2º COLE: *Pedagogia da Leitura*; 3º COLE: *Lutas pela Democratização da Leitura no Brasil*; 4º COLE: *Leitura na Sociedade Democrática: do discurso à ação*; 5º COLE: *O Professor e a Leitura*; 6º COLE: *Leitura: a questão dos métodos e os métodos em questão*; 7º COLE: *Nas malhas da leitura, puxando outros fios*; 8º COLE: *Leitura: Autonomia, trabalho e cidadania*; 9º COLE: *Leitura: conquista de uma realidade*; 10º COLE: *Leitura e sociedade*; 11º COLE: *A voz e a letra dos excluídos*; 12º COLE: *Múltiplos objetos, múltiplas leituras: afinal o que lê a gente?*; 13º COLE: *Com todas as letras, para todos os nomes...*; 14º COLE: *As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase... Carlos Drummond de Andrade*; 15º COLE: *Pensem nas crianças mudas, telepáticas... Vinícius de Moraes*; 16º COLE: *No mundo há muitas armadilhas e é preciso quebrá-las Ferreira Gullar*; 17º COLE: *O olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo... Manoel de Barros*; 18º COLE: *O Mundo Grita. Escuta?*; 19º COLE: *Leitura sem margens*; 20º COLE: *Nas dobras do (im)possível*; 21º COLE: *Leituras dissonantes*.

Da mesma forma, segundo Ferreira, no período em que este estudo se localiza, as pesquisas sobre leitura no país foram se intensificando:

A narrativa cronológica das pesquisas sobre Leitura no Brasil revela que essa história se inicia timidamente, com poucos trabalhos. Se nos anos que antecederam a década de 1980, um período de 14 anos, foi possível identificar 22 trabalhos, verifiquei que praticamente no mesmo espaço de tempo, de 1980 a 1995, foram realizados 189 trabalhos. (FERREIRA, 2001, p. 170)

São esses os três argumentos de que lançamos mão para delimitar nosso período investigativo. Nessa pesquisa, recorreremos ao conjunto de textos escritos presentes nos Resumos e Anais dos congressos e, de modo complementar, aos registros sonoros existentes e já convertidos em arquivos digitais para consulta. Tomamos por base material desse trabalho de investigação os discursos oriundos da programação oficial dos congressos no período selecionado (1978 -1993) e depositados nas materialidades dos impressos.

Por isso, essa pesquisa caracteriza-se como pesquisa documental, porque está assentada em fontes primárias de consulta, ou seja, manipula dados originais (OLIVEIRA, apud SÁ-SILVA, 2009, p. 5-6). Trabalhar com esses textos, que carregam com eles todo o contexto histórico e cultural em que foram produzidos é, em primeiro lugar, tomá-los por documentos, fontes, monumentos: “O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias.” (LE GOFF, 2005, p. 538). Eles registram o que era dado a ver naquele momento.

Para Sá-Silva *et al.* (2009, p. 2):

O uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado. A riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural.

Além disso, assume-se que esses documentos, enquanto unidades, são enunciados. Na perspectiva de Bakhtin, isso significa levar em consideração a interação verbal diante das duas faces da palavra de uma enunciação, em um ato de fala. A enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e “não há enunciado representável ou dotado de significado sem avaliação social que o veicule” (BAKHTIN,

1999, p. 250), por isso, considera-se necessário voltar para as condições de produção e os interlocutores/público alvo da palavra verbalizada, vez que “cada discurso tem origem em um lugar e modula seus temas em função de seus destinatários e adversários” (CHARTIER; HÉBRARD, 1995, p. 15)

Além disso, trabalhamos com a ideia de representação, proposta por Roger Chartier: “por um lado, a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro, a representação com a exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou alguém” (CHARTIER, 2002, p. 20). A esse conceito, soma-se a ideia de que olhamos para uma pluralidade de discursos situados em um espaço e tempo específico, produzidos por profissionais ligados ao livro e a leitura e que, portanto, têm a sua relevância para a história da leitura no país.

Procuramos conhecer quais representações, ideias, discussões, reflexões sobre os espaços destinados à prática da leitura se fizeram presentes nos congressos. O objetivo é não apenas identificar os discursos (acerca das bibliotecas públicas, pessoais, escolares, comunitárias, salas de leitura ou qualquer outro que tenha emergido nas discussões do período selecionado), mas pensar sobre: *o que* se dizia; *quem* estava dizendo; de onde se dizia; *a quem* se dizia; em que momento; por quais razões; com que intenções e de que maneira; levando em conta os “aspectos constitutivos” do texto (MORTATTI, 2000, p. 31), somados aos aspectos materiais, ao suporte do texto.

Nesse sentido, esta pesquisa assume um estudo da *configuração composicional* do objeto, que relaciona aspectos discursivos que “articulam [o texto] entre si, mas que incluem o “suporte do texto”, que os carrega e os sustenta e as práticas que os movimentam, dando-lhes sentido”, ou seja, os textos se tornam objetos “possíveis de serem interrogados discursivamente e materialmente, quanto ao gênero e suporte que o sustenta” (FERREIRA, 2017, p. 39). É preciso explorar a relação entre questões de linguagem, gênero e sentidos do texto e suporte que o carrega.

A cada um desses elementos correspondem questões, tais como: Como se apresentam esses materiais? Quais são as características do impresso em que se inscrevem? Que textos carregam? Quem são os autores desses textos? De que posição estão falando? Quais os principais pontos levantados em seus discursos? Quais suas preocupações, certezas e incertezas sobre os *espaços de leitura*? Quais são as representações de *espaço de leitura* presente nesses discursos? Quais as finalidades desses enunciados? De que forma circulam pelos profissionais do livro?

Enfim, pergunta-se nesta pesquisa: De que forma se configuram os discursos a respeito dos *espaços de leitura* que foram postos em circulação pelos Congressos de Leitura do Brasil, no período de 1978 a 1993? E quais as representações imbricadas nesses discursos?

Associação e Congresso propõem, principalmente, levantar reflexões sobre a leitura, em vários de seus aspectos e de muitas formas, no que diz respeito à teoria e prática no ensino de leitura, em relação às políticas públicas, às políticas institucionais, aos livros didáticos, ao mercado editorial, ao universo literário, à formação do professor, à formação do aluno e a esse universo que se volta para a discussão da importância de um espaço na prática de leitura... O que os significam como importantes instrumentos de garantia do direito à palavra, especialmente no que diz respeito aos esforços de democratização da escrita, da leitura, da palavra no país. Em seus 40 anos, eles agora proporcionam também uma fonte de conhecimento sobre a história de discussões que fomentam essa e tantas outras propostas de reflexão. Escrever uma história dessas manifestações permite um encontro com ideias, discussões de problemas, de propostas e abordagens acerca da leitura.

2. Resumos e Anais: O texto impresso, fonte de pesquisa



Figura 1. Imagens ilustrativas das capas dos 8 volumes de impressos dos Congressos¹¹

A Figura 1 apresenta as capas de oito dos nove volumes de Anais e caderno de Resumos dos Congressos de Leitura do Brasil, que agora tomamos como fontes de pesquisa. O texto impresso se torna registro de representações em circulação, naquele tempo, naquele contexto, através daquele conjunto de pessoas. As ideias que estavam sendo ali apresentadas são trazidas à memória graças ao registro escrito nesses suportes, cuja funcionalidade está expressa na página de apresentação do impresso do 5º COLE, por Ezequiel Theodoro da Silva:

As anotações esparsas, feitas talvez apressadamente nas atividades do Congresso, poderão ser agora retomadas para o devido aprofundamento. Por outro lado, como o tempo de execução do evento exigiu a co-ocorrência de comunicações orais, os participantes poderão, com os ANAIS, conhecer todos os textos apresentados. (SILVA, 1985, p. 1)

A essa funcionalidade somam-se outras: a de divulgação e a de preservação da memória do congresso. Os Anais são uma importante ferramenta, inclusive, para o

¹¹ O 9º COLE não contou com a impressão dos Anais, houve apenas preparação, que compõe o acervo do COLE e que agora tomamos como fonte de pesquisa. Por esse motivo não apresenta uma capa oficial.

congressista que se manifesta por meio de palestra, comunicação ou conferência e que tem, com este recurso, mais um meio de registrar e divulgar suas pesquisas e reflexões:

Anais de Congressos e eventos científicos (também são chamados de Conference Proceedings em inglês) são uma das formas mais conceituadas de se publicar os resumos e trabalhos apresentados em um congresso, conferência ou outro tipo de evento científico. Eles são uma coletânea de conhecimento, e um documento histórico de todas as submissões e suas discussões durante uma edição do encontro científico, trazendo assim o estado-da-arte em um determinado momento. (Galoá Journal)¹²

É possível pensar nesses suportes enquanto componentes de um dado gênero discursivo. Os estudos de Mikhail Bakhtin consideram a relação dialógica do processo comunicativo, sendo que de acordo com os usos da linguagem, características relativamente estáveis dos enunciados, de conteúdo, construção composicional e estilo linguístico, configuram um gênero. Bakhtin afirma que:

Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional, estilístico (BAKHTIN, 2000, p. 284).

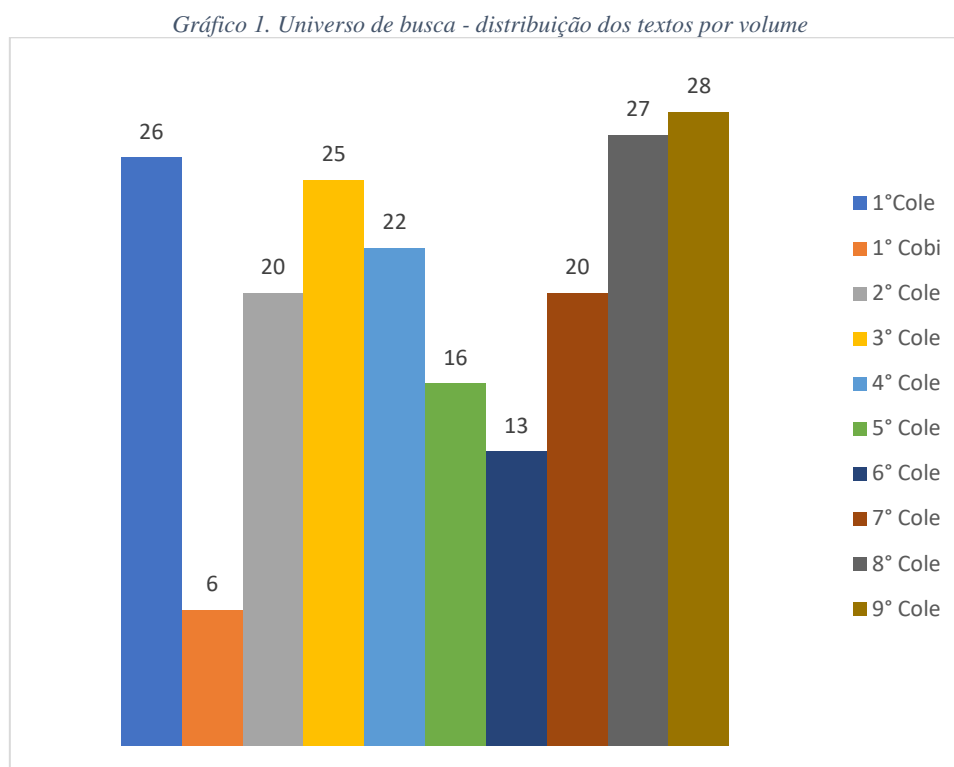
Os Anais carregam consigo textos que refletem condições da enunciação de um grupo social, em uma situação de produção. Todos foram produzidos no âmbito de um congresso que propõe discussões sobre a leitura, todos são escritos com a finalidade de apresentação oral, para um público específico – profissionais em torno do livro e da leitura – com propósitos pré-definidos pela organização do evento; são enviados antes ou depois do evento, ou transcritos, com a finalidade de propagar a palavra verbalizada, registrar um momento de estudo. Os Anais carregam os textos que indiciam o projeto e a execução de um pensamento científico sobre a temática da leitura.

Nesse campo que caminhamos, e para formar a base de fontes necessárias ao estudo desses discursos, uma primeira operação de pesquisa se deu na identificação e

¹² Disponível em:

<https://galoa.com.br/blog/o-que-sao-anais-de-eventos-e-proceedings?utm_source=sumome&utm_medium=facebook&utm_campaign=share-site>. Acesso em: 29 ago. 2017.

reunião dos nove volumes de Resumos e Anais dos Congressos¹³ e no levantamento quantitativo destes textos, para que houvesse contato com o universo a ser pesquisado. A relação quantitativa das fontes desta pesquisa se constitui por 203 textos distribuídos em nove volumes de impressos dos dez eventos¹⁴ que se encontram registrados nesses suportes, como visto no gráfico 1:



Este Gráfico 1 contém a relação completa de textos encontrados nos 9 volumes impressos, fontes desta pesquisa, e permite visualizar a variação dos textos de cada evento ao longo do tempo.

Pode-se afirmar que esses números representados nas colunas do Gráfico 1 correspondem a uma variação quantitativa da programação de cada congresso. Por exemplo, a quantidade pequena de textos do COBI (cor laranja no Gráfico 1), significa que a programação foi, de fato, pequena: seis conferencistas convidados geraram seis textos que foram publicados. Já a baixa quantidade do 6º COLE (representada na coluna

¹³ Todos os volumes de Resumos e Anais estão disponíveis na íntegra no site:

<http://pesquisaalbmemoira.wixsite.com/cartografiasmemoira>. Acesso em: 30 nov. 2017.

¹⁴ Aos nove COLEs, soma-se a referência ao 1º COBI – Conferência para Bibliotecários, que se justifica pelo fato do evento ter ocorrido juntamente ao 1º COLE, em 1978, cujos textos compõem o volume de Resumos do 1º COLE.

azul do Gráfico 1) se justifica pelo fato de que os textos de uma de suas quatro mesas-redondas foram publicados em um livro¹⁵ e não no volume de Anais, por esse motivo não constituem o *corpus* desta pesquisa, que se interessa por manifestações ocorridas no âmbito dos COLEs e publicadas em seus cadernos de Resumos e Anais.

Desde os primeiros congressos, que apresentam grande quantidade de textos correspondentes a sínteses de gravações realizadas durante o evento e que foram transcritas posteriormente, os textos existentes equivalem, exatamente, aos discursos orais oficiais realizados no evento. Do 3º COLE em diante os volumes foram produzidos a partir dos textos que foram solicitados pelos organizadores aos convidados. Nem todos, em todos os momentos, podem ter enviado seus textos, respondendo afirmativamente à solicitação, porém, os organizadores do evento e, depois, a Diretoria da ALB¹⁶, sempre se preocuparam em manter o registro da parte oficial dos eventos na íntegra. Há, inclusive, quantidade expressiva de textos transcritos a partir de fita gravada ou de textos resumidos, garantindo, assim, o contato com toda a programação oficial dos congressos. Nos últimos congressos dessa série de nove, observa-se um crescente número de textos integrais, que pode sugerir uma assimilação maior de todos da ideia da publicação.

2.1 Constituindo o corpus

Diante deste conjunto, que representa nosso principal universo de busca, esta pesquisa deu seu segundo passo: a procura por textos que tratassem de alguma forma dos *espaços de leitura*, com o objetivo de levantar, agora, o corpus oficial deste estudo. Nesse sentido, outras duas operações de pesquisa foram realizadas: a primeira consistiu em uma varredura pelos títulos dos 203 textos. Os que se referiam à noção de *espaço de leitura* foram selecionados, totalizando 17 textos¹⁷ que estão representados no Gráfico 2, a seguir, na coluna em azul. Note-se que alguns eventos não apresentam essa coluna justamente por não terem tido textos selecionados nesta primeira operação de busca.

¹⁵ A mesa-redonda “Natureza interdisciplinar da leitura e suas implicações na metodologia de ensino” foi transformada no livro: ZILBERMAN, R; SILVA, E. T. *Leitura – perspectivas interdisciplinares*. São Paulo, SP: Ática, 1988.

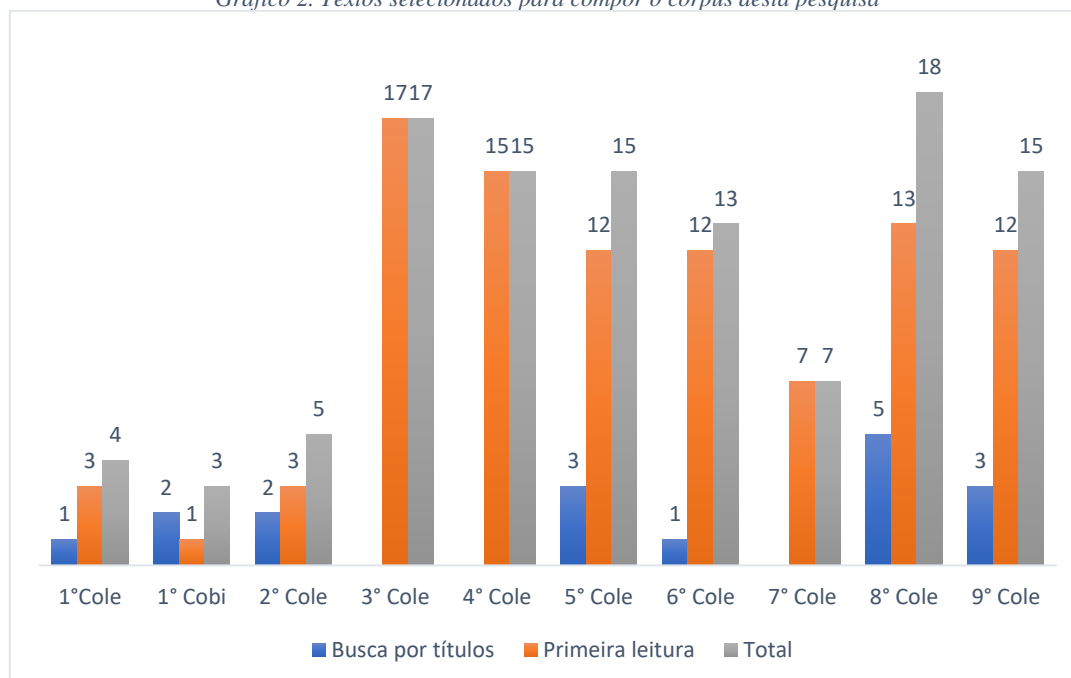
¹⁶ O Anexo 2 (p. 118) apresenta a relação completa dos membros das Comissões Organizadoras dos três primeiros COLEs e das Diretorias da ALB ao longo do período estudado (1981-1993).

¹⁷ Esses textos se encontram nos seguintes eventos: 1º COBI, 1º, 2º, 5º, 6º, 8 e 9º COLEs, conforme ilustra o Gráfico 2.

A segunda operação de pesquisa foi realizar uma primeira leitura, texto-a-texto, percorrendo os demais discursos localizados nas fontes (com exceção dos 17 já selecionados anteriormente, na varredura por título – coluna azul do Gráfico 2). Essa primeira leitura, ainda exploratória, foi orientada pelos questionamentos: O texto trata do tema em estudo? Se sim, compôs nosso corpus de investigação. O resultado dessa segunda operação totalizou 95 textos, que estão dispostos COLE a COLE na coluna laranja do Gráfico 2. Vale ressaltar que essa coluna laranja não contempla os textos selecionados na primeira operação de busca por títulos, ela ilustra apenas os resultados do segundo movimento de busca: primeira leitura.

Essas duas operações permitiram levantar 112 textos que tratam, de alguma forma, sobre a noção de *espaços de leitura*. Este novo conjunto, bastante expressivo, que representa 55,17% do total de textos, compõe, enfim, o corpus selecionado. A terceira coluna do Gráfico 2, na cor cinza, representa a soma dos quantitativos apresentados, COLE -a- COLE, nas colunas em azul e em laranja, resultados das duas operações de pesquisa. A coluna cinza corresponde, então, ao nosso corpus de pesquisa, a ser descrito e problematizado.

Gráfico 2. Textos selecionados para compor o corpus desta pesquisa



O conjunto de textos se apresenta em cadernos de Resumos e Anais produzidos ao longo de 15 anos por diferentes pessoas, mas com o mesmo propósito: registrar os

enunciados no âmbito de um congresso que se propõe a discutir a leitura enquanto agente de fundamental importância na democratização da sociedade e que, portanto, deve também ser democratizada. As concepções de leitura, as metodologias e didáticas de seu ensino, os meios de acesso ao seu principal suporte – o livro, as políticas públicas existentes e que estavam sendo pensadas, e tantas outras facetas deste fenômeno são colocadas em questão, ora em movimentos de denúncia, ora em propostas de solução para o problema, ora como relatos de experiência que deram certo ou errado, ou que foram significativos para a formação dos leitores.

2.2 Apresentação dos Resumos e Anais dos COLEs

Nesse momento do trabalho, procuramos nos apropriar melhor da materialidade em que se inscrevem os textos que compõem o corpus dessa pesquisa. O objetivo foi explorar as características de cada volume, que sinalizam para os variados modos e as diferentes figuras envolvidas em sua produção. Esse universo de vozes e assuntos são dados a ver na materialidade de cada uma dessas publicações, que tomamos como documentos históricos.

Nos dois primeiros COLEs, os suportes são chamados de “Resumos” e apresentam textos resumidos, a partir das transcrições de fitas gravadas, das participações dos convidados oficiais¹⁸. O “Resumos” do 1º COLE conta também com textos integrais de um evento que ocorreu em paralelo, chamado Conferência para Bibliotecários (1º COBI), o qual interessa a esta pesquisa por tratar do objeto pesquisado.

Os convidados oficiais dos congressos poderiam ser palestrantes, coordenadores em mesas-redondas, conferencistas ou apresentadores de comunicação oral. Porém, essas modalidades de participação vão tomando formas diferentes ao longo do tempo nos Congressos. No 1º COLE (1978), as chamadas “comunicações” se configuravam como manifestações verbais de um ou dois convidados com discussões de cunho teórico sobre a leitura, ou sobre aspectos de seu ensino e aprendizagem. Ao ouvir as gravações do arquivo da ALB, é possível pensar que essas participações se assemelham ao que entendemos hoje como conferência ou palestra. As mesas-redondas desse COLE, basicamente, reuniram um grupo de convidados especialistas para discutir um dado tema,

¹⁸ Eles foram organizados pela então aluna de mestrado da Faculdade de Educação da Unicamp, Lilian Lopes Martin.

respondendo a questões colocadas pelo coordenador da mesa-redonda. Não há informações que permitam afirmar que alguns desses textos são trabalhos inscritos no Congresso e não convidados oficialmente pelos organizadores.

Os textos do 1º COBI (1978), também dispostos neste caderno de Resumos, não carregam informações que possibilitam afirmar que se tratam realmente de textos resumidos, não é possível também constatar se foram organizados para a publicação pelos próprios autores ou por uma terceira pessoa, embora apresentem indícios de que se tratam de textos integrais, como descrição detalhada de teorias ou procedimentos, destaques em algumas palavras ao longo do texto, esquemas que permitem organização do texto em introdução (às vezes histórica), desenvolvimento e conclusão. Assim como o nome do evento sugere, todas as participações são conferências. Não há gravações desse evento, portanto, ficamos limitadas ao que é apresentado na Programação Oficial e no caderno de Resumos do 1º COLE e 1º COBI.

Essa publicação ainda conta com a imagem do cartaz de divulgação do 1º COLE em sua capa (como ilustrado na Figura 1 da página 22 deste texto). Assim como será possível visualizar em alguns dos demais volumes de Anais; há uma página de epígrafe, outra com informações de patrocinadores, entidades responsáveis e comissões organizadoras dos eventos, objetivos do COLE e COBI, informações referentes à organização do caderno. Em seguida, inicia-se a apresentação dos textos resumidos com um outro texto, chamado “Palavras Iniciais”, feito pelo coordenador do evento, Ezequiel Theodoro da Silva. Ao fim do volume, encontra-se a Avaliação do 1º COLE. Ali é possível ter contato com a voz do congressista participante a partir da reunião de questionários enviados a todos os participantes do evento. Não há, porém, texto avaliativo referente ao 1º COBI.

Este formato se estende também ao 2º COLE (1979), que segue com aspectos bastantes similares ao impresso do 1º COLE; o que se destaca é que já é possível encontrar alguns textos integrais, conforme informações indicativas presentes em alguns textos: na página 18, há um “Resumo da autora” ao final do texto; em outros momentos diversos, vê-se marcas no texto que indicam finalidades diversas do autor: aspas, sublinhados, palavras em itálico, itens em tópicos numerados, parênteses, colchetes, travessões. Por outro lado, a maioria dos textos que compõem este impresso apresenta traços de linguagem narrativa, o que indicia se tratar de um exercício de resumo do discurso ouvido. Ainda, nas “Palavras Iniciais” deste volume, há a afirmativa de que o volume se compõe

por textos transcritos a partir de fita gravada e um agradecimento nominal à responsável pelo trabalho¹⁹.

Nesse COLE, as formas de participação se deram por meio de apresentação de comunicação, mesa-redonda e dois discursos (um de abertura, outro de encerramento do Congresso). Cada mesa-redonda se configura como apenas um único texto, composto por vozes que se misturam ou que, por vezes, se dão a ver ao longo do resumo, visto que não há diferenciação na relação nome do autor-trecho resumido. Há três textos que inicialmente se apresentariam individualmente, mas que, no momento de execução do 2º COLE, foram reorganizados e compuseram uma mesa-redonda²⁰. Ainda, a maioria das comunicações trata de resultados de pesquisas ou relatos de experiência de trabalhos com a leitura, já tomando caminhos do que entendemos hoje como comunicação.

Nas páginas iniciais do volume, há a informação de que no Congresso houve um “Encontro regional sobre material didático de Ciências”, por isso também é possível encontrar quantidade expressiva de textos que tratam essa temática. Ademais, o caderno do 2º COLE dispõe de um texto produzido por Lilian Lopes Martin da Silva e Ezequiel Theodoro da Silva chamado “Síntese 1º e 2º COLE e perspectivas...” (CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 1980, p. 56) que foi apresentado na 32ª Reunião Anual da SBPC, em julho de 1980. Este volume apresenta a data de publicação (1980 – um ano após a realização do congresso) já indicando o registro de uma informação que parece se tornar padrão nos impressos a partir do 6º COLE.

O 2º COLE (1979) não conta com uma Programação Oficial impressa, o que não nos possibilita saber se aqui já havia uma divisão entre parte oficial e não oficial (trabalhos inscritos), que nos permitiria partir da premissa de trabalhar apenas o oficial dos COLEs. Os “trabalhos inscritos” correspondem a uma manifestação que é registrada a partir do 3º COLE, quando a configuração “parte oficial” versus “trabalhos inscritos” se torna definitiva.

Através de uma ação da pesquisa “ALB: memórias” no Jornal Correio Popular de Campinas, foram localizadas duas matérias com informações que podem ser auxiliares na reconstituição do evento (Anexo 3, p. 121-122), porém não é possível afirmar que

¹⁹ Lilian Lopes Martin da Silva, membro da comissão organizadora do 2º COLE.

²⁰ Trata-se dos textos: “Energia: fontes convencionais e não-convencionais. Um projeto de ensino para o 2º grau”, de José Carlos Valadão de Mattos; do texto “Mitos e ilusões: o conceito de Ciências veiculado pelo livro didático” de Luiz Alberto de Lima Nassif; e do texto “Laboratório circulante de Física: uma nova dimensão para o ensino experimental”, de Fuad Daher Saad, que compuseram a mesa-redonda “Material Didático para o Ensino de Ciências”, sob a coordenação de Décio Pacheco.

todos os textos que compõem o impresso em estudo correspondem integralmente ao conteúdo oficial do evento. Pelo contrário, alguns indícios encontrados nos arquivos de áudio, na fala do coordenador do 2º Congresso, Ezequiel Theodoro da Silva, apontam que a programação foi se ajustando no decorrer do evento e que ocorreram mais manifestações do que as que estão registradas no “Resumos”:

Bom dia a todos. Nós vamos iniciar os trabalhos imediatamente para não haver atraso entre uma comunicação e outra. Hoje de manhã, nós vamos ter a comunicação da professora Gilberta Januzzi “Alternativas de alfabetização: Paulo Freire ou Mobral?”. Eu gostaria de lembrar que o dia de hoje é dedicado, totalmente, aos problemas relacionados com a alfabetização no Brasil. Às 10:00 horas “O instrumental do alfabetizador: formação e pesquisa básica” com a professora Geraldina Porto Witter; às 11:00 “O relato de uma experiência de Campinas”; às 15:00 horas uma mesa-redonda com o título de “Instrumental do Alfabetizador”; às 18:00 horas teremos um filme de dez minutos “Dez jingles para Oswald de Andrade”, direção de Rolf de Luna Fonseca e roteiro de Décio Pignatari; às 20:00 horas a comunicação não foi confirmada pela professora Ana Maria Poppovic, do Projeto Alfa, mas nós havíamos providenciado uma comunicação, vamos dizer, de apoio, então a Escola Comunitária de Campinas fará um relato da experiência que eles vêm fazendo naquele local, então nós teremos “A literatura como apoio à alfabetização”, às 20:00 horas do dia de hoje; também àqueles que se interessarem por problemas dos índios brasileiros, o senhor Vilas Boas²¹, indianista famoso, estará fazendo uma comunicação ao público em geral às 9:00 horas.²²

Este trecho transcrito do arquivo de áudio do acervo do COLE permite afirmar que a programação não está totalmente contemplada no volume impresso. Não há, por exemplo, o registro da manifestação do referido “indianista famoso”. Da mesma forma, não temos informações que permitam afirmar se todos os textos são componentes da parte oficial ou se algum corresponde a um trabalho inscrito. Por isso, tomamos a decisão de olhar para todo o conteúdo do “Resumos” do 2º COLE.

²¹ Acreditamos tratar-se de um dos “irmãos Villas Boas”, provavelmente Orlando Villas Boas, por encontrar menção em pesquisa na internet, que diz: “o mais famoso sertanista do Brasil ou indianista, um pioneiro que não só ajudou a cortar pistas de pouso fora da floresta tropical no Brasil central, mas tentou defender as nações indígenas que viviam lá das consequências mortais de avanço do homem branco.” E ainda, que Orlando Villas Boas “escreveu 14 livros”. Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/biografias/orlando-villas-boas>. Copyright © Portal São Francisco. Acesso em: 13 mar. 2018.

²² Trecho transcrito do arquivo de áudio 2C FR #009, proveniente do fundo ALB, correspondente aos tempos inicial e final, respectivamente 00:51:49-00:53:43. Trata-se de uma fala do coordenador do evento, em momento de boas-vindas e recados aos participantes do COLE. Fazendo um paralelo com uma das matérias do Anexo 3 desta pesquisa (p. 121-122), é possível afirmar que se trata da programação do dia 25 de outubro de 1979, quinta-feira.

Ambos os suportes, arquivo de áudio e matéria de jornal, também contribuíram para realizar o levantamento de procedência dos autores quando da apresentação dessas mesas-redondas ou comunicações, e cujos textos compõem nossa fonte de pesquisa.

No terceiro Congresso (1981), embora o caderno também seja chamado de Resumos, não é possível verificar informações que permitam afirmar que alguns dos textos sejam resumidos, pelo contrário, a informação que se tem na folha de guarda do caderno é que houve preparação dos manuscritos e revisão dos textos para a publicação. Além disso, é possível encontrar marcas indicativas de um texto integral, como epígrafe, tabelas, gráficos e referências bibliográficas, por exemplo. Talvez por esse motivo, a partir da publicação deste volume, encontra-se a voz do autor de forma mais direta e, conseqüentemente, cada manifestação se torna um texto, a não ser quando a comunicação é realizada em dupla ou grupos. Há também o registro de textos integrais de trabalhos inscritos no Congresso, cuja apresentação também era chamada de comunicação, apesar de se tratar de manifestações que não compõem a parte oficial do congresso.

Já na página 1 do caderno de Resumos do 3º Congresso de Leitura, existe um índice que separa os textos em procedentes de “convidados oficiais” e “congressistas participantes”. Esse indício de diferenciação de participação no evento se mostra nas manifestações dos participantes não oficiais, que se apresentam nas modalidades comunicação oral (inscrita) ou painel. Já os convidados oficiais apresentam a conferência de abertura do Congresso, palestras em mesas-redondas e em comunicações, mas como convidado oficialmente pelos organizadores do evento.

De toda forma, foi nesse momento, em 1981, que o COLE abriu as portas para que houvesse uma participação ainda mais ampla e variada de profissionais em torno do livro e da leitura. Além da programação planejada pelos organizadores do congresso, trabalhos de participantes não convidados passaram a ser submetidos para a avaliação e, se aceitos, eram apresentados como comunicações de duração mais breve que as demais apresentações. O COLE cumpria, assim, em seu próprio formato, seu projeto de democratização, até porque todos os trabalhos submetidos eram aceitos e sua “avaliação” era feita pelos participantes em questionário enviado após o Congresso, o que dava direito à participação de todos, sem distinção. Esse formato se firmará por longo tempo²³, os

²³ Até o 9º COLE, em 1993, esse será o formato do evento. O 10º COLE, em 1995, passa a contar com seminários específicos [nos quais se admite também a inscrição de trabalhos como comunicação oral]. (SILVA, OLIVEIRA, 2014, p. 40-45)

trabalhos submetidos terão uma vigorosa ampliação, indicando não só o crescimento e valorização da pesquisa em leitura, mas viabilizando sua divulgação e circulação.

A partir dessa descoberta, que ocorreu logo no primeiro contato com as fontes, embora delineada apenas agora, fizemos a primeira delimitação de corpus. Decidimos não tratar dos textos dos participantes inscritos, principalmente por questão quantitativa²⁴, mas também porque o objetivo é pensar nesses discursos como uma manifestação da Associação enquanto entidade de luta a favor da democratização da leitura que se faz representativa, principalmente, pelos Congressos. Assumimos aqui que à pesquisa interessa o que os convidados oficiais do COLE enunciam, que representa o que a ALB, direta ou indiretamente, coloca em circulação a partir dessa publicação das diversas manifestações no momento do Congresso.

Ainda, neste volume, assim como nos volumes anteriores, encontram-se informações de organização dos Resumos, do Congresso, patrocinadores, página de epígrafe, desta vez com um trecho da conferência de encerramento do 2º COLE, proferida por Moacir Gadotti, professor da FE-Unicamp, o que pode estar sugerindo a continuidade que as discussões do 3º COLE tiveram em relação ao congresso anterior. Nas páginas finais, é possível encontrar um resumo das decisões da primeira assembleia da Associação de Leitura do Brasil, que foi efetivamente criada neste momento, assim como moções aprovadas no congresso e avaliação do evento, com pontos negativos, positivos e observações importantes.

Já no 4º COLE (1983), a publicação passa a ser chamada de Anais. Encontra-se aqui o registro integral de um Edital de Abertura, assinado pela Diretoria da ALB, fundada no congresso anterior e que agora, como entidade jurídica, passava a realizar o COLE. O Edital, por ter sido enunciado no momento da abertura oficial do congresso, constitui-se em corpus dessa pesquisa, uma vez que se trata de um registro da “parte oficial” assim como os demais trabalhos apresentados no evento. As mesas-redondas, um debate e uma palestra realizados neste evento fazem parte deste conjunto de textos oficiais. Aqui também se vê uma novidade: além de haver um título para a mesa-redonda ou debate, há um “texto gerador”, proposto pelo coordenador, referente ao assunto a ser tratado. Um esforço dos organizadores do evento a fim de garantir maior organização das discussões? Os textos dos membros da mesa respondem a esse escrito, ora adotando como

²⁴ Há quantidade expressiva de trabalhos inscritos que apresentaram comunicações do 3º COLE em que os espaços de leitura são discutidos. Em sua tese, Sonia M. Takamatsu trabalha com alguns desses discursos em um movimento de análise bastante rico no que tange à biblioteca. (TAKAMATSU, 2017)

título de suas intervenções, ora apresentando de forma complementar, às vezes literária, ao que está sendo discutido ao longo do “texto gerador”.

O volume de Anais do 4º COLE ainda conta com um texto de apresentação, informações de entidades promotoras e patrocinadores do evento, organizadores dos Anais, índice com a descrição detalhada da parte oficial do evento e dos trabalhos apresentados em sessões de comunicação. Porém, este volume não apresenta uma página de epígrafe, nem a avaliação do congresso e não traz informações detalhadas acerca da composição da Diretoria da ALB.

Essa configuração de Anais torna-se uma espécie de modelo para os demais, salvo algumas alterações, como, no caso do 5º COLE (1985), em que se vê a presença de um “Manifesto dos Bibliotecários” (ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL, 1985, p. 130) e de um “Relatório, moções e recomendações...” (ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL, 1985, p. 123). No 5º Congresso de Leitura do Brasil, foram confeccionados e publicados Anais dedicados exclusivamente aos trabalhos inscritos, garantindo um espaço de publicação para o trabalho do congressista participante. Da mesma forma, além desses dois Anais, houve a produção de um caderno de Resumos para os trabalhos que configuram comunicações orais e grupos de estudos, que foi distribuído aos participantes no momento do congresso, para orientação geral. Todavia, como dito anteriormente, esse material não foi consultado nem utilizado neste momento, nesta pesquisa, porque o objeto se fixa na voz dos convidados oficiais da ALB.

Além desse caderno de Resumos, na “Programação Geral” do evento, documento disponível no acervo do COLE, temos o contato com a informação que diz respeito à existência, nesse evento, de onze grupos de estudos. Aparecem os títulos, nomes dos coordenadores e seus créditos pessoais²⁵. São momentos em que se estudam e se discutem questões mais específicas sobre a leitura, tanto em um viés teórico, quanto prático. É também mais um momento em que o congresso reforça a participação e a circulação da voz de estudantes de graduação, pós-graduação e professores da rede básica, além da

²⁵ Aspectos fonéticos e fonológicos da alfabetização, coordenado por Bernadete Gnerre e Luis Carlos Cagliari (IEL-Unicamp); O contexto social da alfabetização, coordenado por Helena Lopes de Freitas (FE-Unicamp); Alfabetização de adultos, coordenado pela Equipe do Instituto de Ação Cultural (IDAC) de Santo André-SP; Leitura na pré-escola, coordenado por Ana Luíza B. Smolka (FE-Unicamp); Uma experiência de ensino integrado de leitura, língua e literatura, coordenado por João Wanderley Geraldi (IEL-Unicamp); A imprensa escolar: uma experiência, coordenado por Ruth Joffili Dias; Dinamização da biblioteca escolar, coordenado por Maria Isabel Santoro; Leitura e dramatização: uma experiência em teatro jornal, coordenado por Hélio Iveson Passos Medrado (Curso de pedagogia-Unicamp); Ler e estudar, coordenado por Olga Molina (FE-USP); O universitário como leitor, coordenado por Roxane Rojo (PUC-SP); A literatura brasileira contemporânea, coordenado por Jesus Durigan (IEL-Unicamp).

academia. Esses encontros ocorrem pela primeira vez nesse congresso, e já no 6º COLE ganham também o nome de “minicurso”, que estão na programação dos eventos até hoje, em sua 21ª edição.

Pelo Gráfico 2, apresentado anteriormente, é possível visualizar também que, quase em unanimidade, os textos dispostos nos Anais do 5º e 6º COLE foram selecionados para problematização do tema *espaços de leitura*. Aqui formula-se a hipótese de que isso se deve aos temários e objetivos desses congressos. O 5º COLE, por exemplo, ao tematizar “O professor e a leitura” torna inseparáveis questões que perpassam pela **sala de aula** e pela prática da leitura em outros espaços da **escola**, principalmente a **biblioteca escolar**. Neste congresso, vê-se também discussões que passam pelo **espaço familiar**, pela **igreja**, pela **sala de leitura** (muito discutida naquele momento, 1985, quando o projeto de ampliação das salas era iniciado em nível estadual) e pelas **bibliotecas públicas e particulares**. Da mesma forma, no 6º COLE, com o temário sobre “Leitura: a questão dos métodos e os métodos em questão”, não é possível dicotomizar leitura e **sala de aula**, par que se faz presente na maioria dos discursos e que, por isso, são corpus desta pesquisa. Além disso, dois dos quatro objetivos deste 6º congresso trazem a noção de leitura na escola e na biblioteca, indício de que encontraríamos quantidade expressiva de discussões sobre *espaços de leitura*.

Os Anais do 6º COLE (1987) apresentam textos da conferência de abertura e das mesas-redondas que ocorreram no evento e que, posteriormente, foram solicitados aos autores para compor a publicação, mas os Anais trazem a informação de que parte deste conjunto de textos, seis discursos, são frutos de transcrição de fita²⁶. Na folha de rosto, encontram-se os nomes dos membros da Diretoria da ALB, dos organizadores da publicação e informações dos órgãos que apoiaram financeiramente evento e os Anais (Fapesp - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo; Inep - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira; Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; e CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

²⁶ Transcrição realizada por Valdir Heitor Barzotto, que atualmente é professor da Faculdade de Educação da USP. Passou a integrar a diretoria da ALB na gestão 1996/97, que realizou o 11º Cole. Em seu lattes, menciona o 10º COLE, mas já havia trabalhado com a transcrição das gravações do 6º COLE, em 1987. Não era aluno da Unicamp na época, mas era professor da rede estadual em Campinas e fazia uma especialização na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE. A transcrição não contou com a revisão dos autores.

Há também um sumário que apresenta o conteúdo detalhado do caderno, seguido por um texto de apresentação e pelo plano geral do evento. Neste plano, encontram-se o temário e os objetivos do congresso, datas, locais, pessoas e agentes envolvidos na organização do evento, a programação completa e modos de participação no evento.

Este volume dos Anais traz uma novidade: a transcrição do debate ocorrido após a Conferência de Abertura, proferida por Guiomar Namó de Mello, na ocasião Deputada Estadual por São Paulo, (1988, p. 1-26), o que dá a ver, pela primeira vez, o registro da voz do congressista participante do evento, suas contribuições, angústias e pontos de vista. Também indica que seu ano de publicação foi um ano após a realização do congresso, 1988. Até então, nem todos os suportes traziam a informação explícita de data de publicação.

Ao final do suporte (ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL, 1988, p. 101-105), encontra-se a Avaliação do 6º COLE, realizada pelo presidente de honra da ALB, Ezequiel Theodoro da Silva e Luciane Moreira de Oliveira, ambos membros da comissão organizadora do evento. Foram apresentadas as análises de aspectos de cunho mais negativo trazidos pelos participantes, em resposta aos questionários de avaliação sobre as mesas-redondas, os grupos de estudo, as sessões de comunicação oral, a organização geral do evento e as sugestões levantadas para o 7º COLE, dentre elas aquelas em que se discutia o tema da leitura em diferentes espaços: “A Leitura nas Escolas Rurais – experiências [...] Leituras na Escola, na Biblioteca e na Família [...] Leitura e Produção de Textos na Universidade [...] A Leitura na Escola Particular; Leitura fora da Escola” (SILVA; MOREIRA, 1988, p. 104). Esses contextos remetem ao sentido de *espaço de leitura* que procuramos neste trabalho.

O 6º COLE contou com mesas-redondas e conferência de abertura, além de sessões de comunicação, grupos de estudo (ou minicursos), programação cultural (teatro, cinema, música, atividades de lazer, a Feira do Livro de Campinas e a disponibilização de um roteiro cultural noturno) e até um jantar de confraternização. Todas essas informações estão detalhadamente apresentadas no “Plano Geral do Evento”, que se encontra nas páginas iniciais dos Anais (ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL, 1991, p. VII-XIII).

O volume de Anais do 7º COLE (1989) apresenta informações detalhadas da Diretoria da ALB no biênio anterior e posterior ao congresso, vez que os Anais foram publicados já em 1991, ano do 8º COLE e da Diretoria que via de volta a figura de Ezequiel Theodoro da Silva. Outra transformação do impresso pode ser percebida logo

após o Sumário, na página 5. Na apresentação do “Plano Geral do Evento”, há uma espécie de relatório contendo, além das informações gerais daquela edição do congresso, semelhantes às informações constantes nas publicações anteriores, o número de participantes inscritos e de convidados.

Os Anais do 7º COLE apresentam 20 textos oficiais, entre mesas-redondas e discursos de abertura. Aqui também há quantidade expressiva de discursos transcritos a partir de fita gravada²⁷. A baixa quantidade de textos cujas discussões perpassam pelo tema *espaços de leitura* talvez se justifique pelo próprio temário do Congresso: “Nas malhas da leitura, puxando outros fios”. Os textos apresentados neste momento se ligam a questões de produção dos livros e incidem sobre a relação do texto verbal com o não-verbal, principalmente do ponto de vista dos produtores de literatura (autores e ilustradores); talvez, por esse motivo, a discussão não tenha adentrado aos espaços físicos da prática de leitura.

Houve também, pela primeira vez reunidos em volume único, a produção de um caderno de Resumos, com informações de título, local, data, coordenadores e ementa dos grupos de estudo (ou minicursos) e, também, com os textos resumidos das sessões de comunicações inscritas no evento, que era entregue no momento em que ocorria o congresso, para orientação ao participante.

Os Anais do 8º COLE (1991) ganham capa diferenciada de seu cartaz de divulgação, o que vinha sendo feito até então. O suporte volta a ser publicado no ano seguinte ao evento (1992) e apresenta informações das Diretorias da ALB no período do Congresso (biênio 90/91) e da publicação dos Anais (biênio 92/93). Após o Sumário, traz um texto de apresentação da publicação e uma ficha técnica do evento, contendo temário, subtemas, programação completa da parte oficial, relação de todos os locais de realização do evento, relatório de número de participantes (convidados, inscritos, apoio e local de origem dos participantes inscritos); entidades promotoras, de apoio, equipe de planejamento e execução, agradecimentos e, num movimento de resgate de configuração e inovação do suporte, a avaliação do evento, realizada por 41,14% participantes (ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL, 1992, p. 18) sobre os objetivos dos congresso, nível das conferências e mesas-redondas e aspectos de organização.

²⁷ Trabalho realizado por Isabela Santoro Brunetti, que é filha de Maria Isabel Santoro, que era, nesse momento, bibliotecária da Engenharia da Unicamp e integrante da diretoria da ALB (2ª Secretária na gestão 1990/1991).

Também em suas primeiras páginas, os Anais apresentam as “Moções Aprovadas” em reunião dos associados da ALB e uma análise geral sobre esses resultados, movimentos que já haviam sido apresentados nos suportes, porém como elementos pós-textuais. Seguem-se os textos integrais ou transcritos de fita gravada de toda a programação oficial do 8º congresso, totalizando 23 discursos e quatro textos que se referem a Áreas Temáticas, que são os textos de referência para as sessões de comunicação. Pela programação do evento, é possível inferir que ocorreram “Oficinas temáticas” a partir de propostas dos participantes inscritos. Não temos maiores informações sobre essa programação, nem mesmo no Relatório Técnico-Científico do evento.

Para o 9º COLE (1993) foram planejados dois volumes de Anais contendo textos integrais de toda a programação oficial. Porém, esses volumes não foram publicados e o arquivo da ALB conta apenas com o “Volume 1” destes Anais, datado em 1993, que contém uma Fala de Abertura, da então presidente da ALB, Rute Batista de Pontes, uma conferência de abertura, realizada por João Wanderley Geraldi, professor do IEL-Unicamp (Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas), e outros 26 textos, ora encaminhados pelos autores, ora transcritos integralmente, referentes a mesas-redondas e conferências realizadas nos dois primeiros dias de congresso (26 e 27 de julho de 1993). Além disso, o congresso realizou sessões de comunicação e atividades culturais paralelas. Não há informações nem na Programação Geral do evento, nem no volume dos Anais, a respeito de minicursos, o que nos leva a acreditar que houve uma mudança na configuração do evento naquele ano. Este suporte dispõe de um texto de apresentação, assinado pela Diretoria da ALB, e a ficha técnica do evento, com temário, objetivos, local, entidades promotoras e de apoio.

Em sua grande maioria, os cadernos de Resumos e Anais foram datilografados em máquinas de escrever, com capas cartonadas, com exceção do 5º, 6º e 8º COLEs, cujas capas se apresentam em forma de brochura, com o mesmo material das demais páginas do impresso, já amareladas pela ação do tempo. Como já mencionado, com exceção do 8º congresso, as demais capas dos Resumos e Anais reproduzem os cartazes de divulgação de cada evento. A arte da capa dos Anais do 8º COLE foi feita por João Alexandre Duek, profissional de apoio técnico de serviços (PAEP), do Setor de Publicações do IEL/Unicamp.

Todos dispõem de páginas coladas em lombadas, com exceção do 2º COLE, cujas páginas do caderno são grampeadas. O número de páginas variou de 57 páginas, no 2º

COLE, até 247, no Volume I dos Anais do 9º COLE, o que pode representar a abrangência que o congresso ganha nesses 15 anos. Como dito anteriormente, não houve a publicação dos Anais do 9º congresso. Dois volumes com textos das participações oficiais do evento foram planejados, porém o acervo conta apenas com o Volume I original, que apresenta 247 folhas de sulfite numeradas e encadernadas em espiral.

Os formatos dos impressos parecem seguir o padrão 15x21cm (largura x altura), variando em um ou dois centímetros, esporadicamente. Também contamos com a informação da gráfica responsável pela impressão dos volumes, com exceção do 6º COLE, que não traz essa informação. No 1º e 2º COLEs esta foi a tarefa da Gráfica da Faculdade de Educação da Unicamp; no 3º COLE, a Lisa – Livros Irradianes S. A., de Campinas, se incumbiu do trabalho; no 4º e 5º COLEs a responsabilidade volta a ser da Gráfica da FE-UNICAMP, nos Anais, há referência ao funcionário Dagoberto Silva, e no 7º e 8º COLEs, a Diretoria de Serviços Gráficos, Divisão de Serviços Gerais da Unicamp imprime os volumes.

Deparamo-nos com um grande número de pessoas em grande diversidade de funções: datilógrafas, preparadores de manuscritos, transcritores de textos, revisores, editores etc.; com diferentes caminhos realizados para a composição dos volumes (diversos modos de obtenção dos textos para publicação, que se misturam em alguns casos, são exclusivos em outros); diferentes técnicas de impressão (volumes em brochura, grampeados, volumes com cadernos colados em lombada) do objeto que se presta ao estudo do professor.

Também é possível verificar marcas manuscritas em dois volumes de Anais (5º e 6º COLEs) dizendo que se tratam dos únicos exemplares da ALB. São traços inscritos na materialidade dos suportes que revelam o cuidado da entidade em preservar suas memórias.

Essas características, apontadas COLE a COLE, somam-se a tantas outras informações que se pode ler em logotipos, créditos a apoios recebidos, agradecimentos feitos a funcionários, alunos, colaboradores e que estão inscritas nas páginas ao redor dos textos selecionados por nós.

Com sua apresentação, nossa intenção foi mostrar de onde foram retirados os registros que transformamos em corpus de pesquisa. As características materiais são indicativas das circunstâncias, situações e propósitos em que os suportes foram produzidos, situando-os no tempo e espaço, conferindo-lhes uma dimensão não apenas técnica, mas social e cultural. Carregam também sentidos, vez que “não existe nenhum

texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor” (CHARTIER, 2002, p. 127), o que permite pensar a “configuração composicional” (FERREIRA, 2017, p. 39) desses textos.

Os textos de nosso corpus, acompanhados desses “paratextos”, também tomados para significação juntamente com eles, nos permitem compreender melhor nossa questão de investigação.

3. Os *espaços de leitura* nas páginas do COLE

Mais da metade dos textos presentes nos volumes de Resumos e Anais dos COLEs foi selecionada para compor nosso corpus. O que essa quantidade representa? Pode-se afirmar que sempre houve preocupação com os espaços? De que forma isso acontece nos textos? Essa forma revela quais concepções de leitura, prática de leitura, espaço? Há tendências? Continuidades e descontinuidades?

O passo seguinte da pesquisa, foi realizar uma leitura minuciosa, investigativa, dos 112 textos deste corpus, buscando quais *espaços de leitura* estavam ali mencionados ou sinalizados e como eram representados. É importante destacar que o olhar para esses enunciados focalizou principalmente a questão dos *espaços de leitura*. Os sentidos dos dizeres enunciados no âmbito dos nove congressos, realizados no período entre 1978 a 1993, nos permitem extrair elementos para a construção de uma história do debate nacional em torno da leitura, não apenas com relação aos seus diversos momentos, mas com relação a diferentes aspectos dessa questão, como: a preocupação política envolvida naquelas discussões, a movimentação dos profissionais do livro e da educação em torno da leitura, das práticas de leitura em escolas. Modos ricos e diversos; olhares e focos múltiplos; direcionamentos e complexidades distintos; referenciais teóricos, concepções de leitura, escola, educação, de ser humano, representadas por pessoas que ocupam diferentes lugares sociais e vêm de diferentes lugares geográficos.

Nossa pesquisa não dá por encerradas as discussões que se encontram nesses textos. Pelo contrário, ao longo da leitura e sistematização dos *espaços de leituras* neles representados, foi necessário e angustiante conviver com a incerteza da completude do levantamento e análise; a vontade de ler mais, pensar mais, escrever mais, estudar mais; a dificuldade de definir; a inquietação em ter que estabelecer um fim; a certeza de que outros olhares trariam outras possibilidades...

O conjunto de representações dadas a ver pela ALB que, pela voz dos participantes oficiais, colocava em circulação uma “produção cultural” acerca de questões várias da leitura, representam formas de pensar, de encaminhar acontecimentos, de fazer na prática da escola, dentro de uma lógica que representa uma ideologia, uma postura, algo que, pelo polo de sua circulação entre profissionais ligados ao livro e à leitura, se presta a discutir e dar sentidos para os *espaços de leitura*, em sua pluralidade.

Consideramos de extrema relevância para o estudo dos textos, conhecermos e apresentarmos aos leitores desta pesquisa os elementos principais que se fazem presentes tanto no polo da produção dos enunciados (seus autores), como no polo de sua recepção (público participante dos congressos). Acreditamos que ambos acrescentam sentidos às representações encontradas por nós. Podemos pensar que é na paisagem social, em suas circunstâncias e ênfases, que aquilo que se diz, produz determinados sentidos. Sendo assim, não só os textos e “paratextos” foram objeto de nossa atenção, mas as informações sobre seus autores.

A escolha dos convidados para os congressos, enunciadores dos discursos, inicialmente realizados pelo Departamento de Metodologia de Ensino da FE/Unicamp (DEME) e, posteriormente, pela ALB (comitê organizador dos congressos) em conjunto com o DEME e com o Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de Campinas, também realizadores do evento, pode ser compreendida no contexto maior desses eventos.

Os primeiros COLEs ocorreram num momento que colocava em realce os esforços da sociedade civil para a organização da vida democrática do país, reconhecendo a urgência de dar por encerrada a exclusão das classes trabalhadoras e setores da sociedade economicamente frágeis. Após o fim do regime autoritário do governo militar imposto ao país, tornava-se imperioso dar voz àqueles que haviam sido duramente silenciados e excluídos dos direitos. Assim, nos parece que a escolha das pessoas a serem convidadas esteve pautada por esse propósito maior.

Para conhecer os lugares de origem e as posições sociais dos autores dos textos selecionados para essa pesquisa, nos baseamos, em primeiro lugar, nos próprios Anais, na programação oficial e nos arquivos de áudio dos Congressos. Quando essas três fontes ainda não respondiam nossas questões (de que lugar social este convidado enuncia, qual sua origem geográfica, se representa alguma entidade ou instituição) buscamos informações no *Currículo Lattes* de cada um e no *google*, pesquisando em sites que apresentassem biografias dessas pessoas.

É nessa conjuntura, por exemplo, que temos o Professor Paulo Freire como responsável pela conferência de abertura do 3º COLE, em 1981²⁸. Recém-chegado do exílio, o professor foi uma escolha da ALB, o que marca, sem dúvida, sua intencionalidade para com o evento. A posição (política) do autor, tanto em relação ao

²⁸ FREIRE, Paulo. A importância da leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1981. p. 3-6.

tema de sua conferência, quanto ao congresso e ao público nele presente, assim como o momento social do Brasil, vão orientar toda sua fala, que se faz de extrema relevância para a obra futura de Freire.

Nesse sentido, é possível perceber grande variedade profissional entre os convidados dos congressos: escritores de literatura infantil, um folclorista, bibliotecários, professores universitários, alguns ainda em processo de doutoramento, alunos de mestrado, professores da educação básica, jornalistas, editores, livreiros, assim como representantes de entidades, associações e fundações (como a FEBAB – Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, o Conselho Regional de Biblioteconomia – 8ª Região; a Associação Campineira de Bibliotecários; a FNLIJ - Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil; a APLL - Associação de Professores de Língua e Literatura; a FUNARTE - Fundação Nacional de Artes; entre outras), representantes de órgãos oficiais (MEC, FAE, Instituto Nacional do Livro, entre outros) e de movimentos sindicais; e até um administrador de empresas e uma Deputada Estadual.

Isso nos permite afirmar que em sua programação oficial, portanto de forma intencional e planejada, os congressos colocaram em movimento uma diversidade de vozes oriundas de lugares sociais distintos, trazendo certamente um rol heterogêneo de visões, perspectivas e representações acerca de assuntos ligados ao livro e à leitura. Colocaram, lado a lado, profissionais identificados na sociedade como uma elite cultural e educacional e aqueles provenientes de classes trabalhadoras, historicamente excluídos da cultura legitimada e da educação. Tornaram possível que, naqueles espaços, fossem colocadas preocupações, ênfases, debates, problemáticas, conflitos, enfim, toda uma movimentação que se via na sociedade, assegurando não somente a voz oficial, mas aquela proveniente da sociedade civil, que começava vigorosamente a se fazer representar por entidades e sindicatos, muitos deles dando seus primeiros passos contemporaneamente aos primeiros COLEs. Vozes diversas, mas todas identificadas com o desejo da democratização, de melhor formação para os professores, de ampliação da formação cultural para toda a população.

Ainda é possível constatar que a maioria destes autores são oriundos do eixo sudeste-sul, dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, principalmente. Há pequena participação do Nordeste, com os estados de Pernambuco, Maranhão, Sergipe, Rio Grande do Norte, e do Centro-Oeste, com Goiás, Mato Grosso do Sul e Brasília-DF, mas nenhuma oriunda do Norte do país. A pequena participação do

Nordeste e a ausência do Norte serão, ao longo do tempo e aos poucos, revertidas, implicando certamente em novas e diversas visões.

Isso pode ser conferido na análise dos congressos futuros. No 17º COLE, por exemplo, na mesa-redonda *Encontros do PROLER*, a participação de Heleusa Figueira Câmara representante do PROLER em Vitória da Conquista, na Bahia. No 18º COLE, há a presença de um representante da Universidade Federal do Pará, Thomas Massao Fairchild, na mesa-redonda *A leitura que potencializa a produção: uma questão para a formação de leitores*. Os COLEs seguintes contam também com a participação de convidados de outros países, como, no 16º COLE, o escritor africano Mia Couto e o educador espanhol Jorge Larossa, e o historiador cultural francês Jean Hébrard, no 17º COLE, por exemplo.

Essas participações indicam, nesse início dos COLEs, seu caráter mais local, mais regional, a presença de centros mais desenvolvidos no que diz respeito à pesquisa e à pós-graduação e com os quais os organizadores parecem ter maior poder de comunicação e de relacionamento.

Nessa diversidade, podemos identificar nomes que atualmente alcançaram projeção nacional e que na ocasião dos primeiros congressos iniciavam sua vida profissional, mas traziam posições críticas e polêmicas, identificadas com os desejos de uma sociedade mais aberta. Como, por exemplo: Helena Costa Lopes de Freitas, Eliana Yunes, Márcia Abreu, Norma Sandra de Almeida Ferreira, Silvia Maria Manfredi, dentre outros já citados na página 11 desse texto.

Além desses nomes, hoje importantes na academia, o COLE também trouxe para dentro da universidade a voz dos sindicalistas (Francisco de Paula Garcia Caravante - Secretário Geral do Sindicato dos Petroleiros de Campinas), dos editores (Regina Mariano – Editora Ática, Luiz Schwarcz – Editora Brasiliense), autores de literatura (José Louzeiro, Elias José, João Alfredo Rabaçal), professores da rede básica (Maria Regina Pannuti – Campinas, Ana Lúcia Vieira de Menezes, rede estadual de Sergipe, Eulina Pacheco Lufti, rede estadual de São Paulo), pessoas que representam a luta, no cotidiano da população, pela democratização da leitura. O movimento era o de, coletivamente, pensar e fazer mudanças na escola, no ensino, na sociedade desigual que se liberta de um regime de exceção e de sucateamento da educação, como aponta Takamatsu (2017):

Especificamente na área da educação, as reformas implementadas durante o regime militar configuraram um processo de negação de qualquer participação ou discussão mais ampla da sociedade civil como um todo e daqueles diretamente envolvidos nas questões da educação, especialmente os profissionais da educação. (...)

As mudanças na área educacional visavam à adesão da sociedade, especialmente os setores conservadores, à promoção, através da educação, de bases que atendessem às demandas de mercado às quais a ordem econômica adotada pelo regime estava atrelada. (...)

Outro fator fundamental que contribuiu grandemente para a crise instalada na educação foi a progressiva diminuição de verbas que, em curto espaço de tempo, resultaria no sucateamento da rede de ensino público, no desmonte dos quadros docentes e dos funcionários, no arrocho salarial. Some-se a isto a diminuição de ofertas de vagas nas escolas, à falta de recursos para manutenção de infraestrutura das escolas, etc. Tal situação, acrescida da contenção ou afunilamento das oportunidades de acesso à educação, configurava uma real política de exclusão social que grande parte da sociedade experimentaria no final da década de 1970. (TAKAMATSU, 2017, p. 15-16)

Takamatsu também desenvolve, em sua tese de doutoramento, um histórico de movimentos de lutas contra a ditadura por parte de associações (Associação Nacional de Educação - ANDE e a Associação Nacional de Pós-graduação em Educação - ANPED), instituições (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC) e universidades (a UnB e PUC-SP). Em conjunto a isso, o COLE e a ALB inovam quando trazem a questão da leitura para além da sala de aula da ditadura, das secretarias e ministérios, quando dá voz ao povo. O Congresso representa a universidade chamando a população não acadêmica para mudanças porque tem-se a crença de que a leitura muda as pessoas, transforma a sociedade.

No que tange ao polo da recepção, segundo Silva e Oliveira (2014), no 1º COLE, 250 participantes foram inscritos para o evento, enquanto no 3º COLE este número já avançou para 550, apresentando um salto nessas participações, que pode significar que o congresso vai ganhando maior projeção e visibilidade. No 4º COLE, houve participação de 300 pessoas, “a maioria de outros estados brasileiros, já que poucos profissionais de São Paulo se inscreveram” devido a uma “crise financeira no país” e a uma “saturação de congressos e seminários em São Paulo”, de acordo com reportagem no jornal *Correio Popular*²⁹ (Anexo 4, p. 123). O 1º COBI, assim como o 2º COLE, não contam com registro dessa informação quantitativa, nem no conjunto de fontes principais que constituem o

²⁹ Congresso nacional encerra-se hoje. *Jornal Correio Popular*, Campinas-SP, p. 6, 15 de novembro de 1983.

corpus da pesquisa, nem nos jornais da época. Não é possível, portanto, saber ao certo sobre o quantitativo dos participantes inscritos nos eventos.

A partir do 5º COLE, passa-se a produzir um Relatório Técnico-Científico em que as informações estão registradas mais detalhadamente. Encontramos, neste documento, maiores detalhes relativos ao público participante:

O 5º COLE conseguiu reunir 550 participantes. Com exceção dos Estados e Territórios da Região Norte, todos os outros estados brasileiros estiveram representados no evento. Esta ampla participação parece demonstrar que a leitura se coloca, atualmente, como uma preocupação nacional.³⁰

O acervo histórico dos COLEs conta com poucos documentos relativos ao 6º Congresso, apenas 3 volumes de Anais, uma notícia de jornal, o cartaz de divulgação e fitas cassete que contêm os registros sonoros do evento. Não tivemos, portanto, contato com o Relatório Técnico-Científico que deve ter sido produzido à época. Em reportagem do jornal *Diário do Povo* (Anexo 5, p. 124), é possível ter contato com a informação de que o evento contou com a participação dos 600 inscritos, “representantes de todo o país, entre professores, editores e bibliotecários”³¹.

Nos 7º e 8º COLEs essas informações são apresentadas ao leitor dos Anais³² na “ficha técnica” de cada evento, sendo que no 8º COLE, há também uma relação da quantidade de participantes por espaço geográfico de origem. No 7º Congresso, 1357 pessoas participaram do evento, enquanto no 8º foram 1802 participantes inscritos, sendo que a maioria, 1204, é oriunda do estado de São Paulo. No 8º COLE, se vê a presença de pessoas de todos os estados do país e do Distrito Federal. Ainda que em pequena quantidade, houve participação dos estados de Tocantins (um participante) e do Amapá (dois participantes).

No 9º COLE esta informação está registrada no Relatório Técnico-Científico, produzido pela ALB após o evento, e apenas dois estados não estão representados dentre os 1534 participantes inscritos no evento: Acre e Roraima. De toda forma, isso pode

³⁰ ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Relatório Técnico-Científico*. 5º Congresso de Leitura do Brasil, 1985, p. 2.

³¹ Congresso de Leitura vai terminar hoje. *Jornal Diário do Povo*, Campinas – SP, 13 de setembro de 1987.

³² CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. 7º Congresso de Leitura do Brasil. *Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB, 1991. p. 5.

CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. 8º Congresso de Leitura do Brasil. *Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB, 1992, p. 12.

afirmar a maior circulação e visibilidade que o Congresso vai conquistando ao longo do tempo.

O público alvo dos congressos, e por consequência dos discursos, parece ser, principalmente, o professor. As próprias discussões, os temários e objetivos apontam para questões da leitura ligadas à escola, seu espaço de ensino por excelência. Além disso, nas avaliações dos primeiros congressos, constantes do Caderno de Resumos, há, sempre, referência ao professorado como público presente ao congresso, como no 1º COLE (1978, p. 95. Grifos nossos): “segundo os *professores que responderam ao questionário*, a taxa de inscrição para a associação deveria ser de, no máximo, Cr\$200,00 (duzentos cruzeiros)”; ou no 5º congresso (1985, p. 124): “O temário escolhido é plenamente justificável à luz da importância do trabalho pedagógico dos professores no processo de formação dos leitores”; ou, ainda, no 8º COLE (1991, p. 1) que “foi proposto como um espaço crítico para o debate em torno das práticas de leitura no contexto brasileiro, principalmente aquelas que se relacionam à atualização dos professores”³³.

Com essas considerações podemos pensar que o que se diz nos diferentes enunciados tem seus sentidos produzidos para além dos textos. Esses sentidos se relacionam com quem os produz – e realizando um levantamento dos autores dos textos podemos afirmar que há uma espécie de “orientação crítica” em sua produção e posicionamento – e para quem são produzidos – nesse caso, encontramos elementos suficientes para afirmar que em grande parte esse receptor dos enunciados é o profissional do ensino. De modo igual, podemos considerar a situação em que os enunciados são produzidos: a de uma sociedade que não apenas faz a denúncia dos limites que se impõem à sua organização, mas que busca uma forma democrática de existir.

3.1 Quais são e como são representados esses *espaços de leitura*?

Com base nos *espaços de leitura* que puderam ser identificados no conjunto de 112 textos, foi gerada a *tagcloud*³⁴ abaixo (Figura 1). Ela apresenta todos os espaços encontrados nesses discursos, de maneira a destacar os que mais apareceram. Quanto maior o realce da palavra, ou do conjunto de palavra que representa os espaços, mais vezes ela foi encontrada no corpus. O destaque se dá à medida em que a reincidência da

³³ ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Relatório Técnico-Científico*. 8º Congresso de Leitura do Brasil, 1991, p. 1.

³⁴ *Tagcloud* gerada através do site: <<https://wordart.com/>>. Acesso em 30 mar. 2018

palavra acontece. **Escola, biblioteca e casa**, por exemplo, são os três *espaços de leitura* mais discutidos nesse conjunto de textos, seguidos da **sala de aula, biblioteca escolar, livraria, sala de leitura** e o COLE.



Figura 2. Espaços de leitura

A tagcloud da luz a todos os *espaços de leitura* que pudemos encontrar em nosso corpus de pesquisa e que, adiante neste texto, ganharão um olhar mais atencioso. Aqui o contato com a força da diversidade dos dizeres dos convidados do COLE sobre os espaços em que a prática de leitura se realiza. Já na década de 1980, temos o contato com a prática de leitura no cabelereiro, no metrô, em centros culturais estabelecidos em periferias, no supermercado, na rua, o leitor do cotidiano, o leitor da cidade, que revela a importância que a prática leitura ocupa em nossa sociedade, da importância do COLE que vem a tratar a temática enquanto uma questão que merece ser pesquisa, investigada cientificamente porque um valor caro à sociedade e não apenas um problema do cotidiano escolar, do professor. A leitura enquanto uma questão da Ciência.

A leitura texto-a-texto buscou menções aos *espaços de leitura* e ao modo que estavam sendo mencionados. Esforçamo-nos para compreender e atentar aos indícios do tempo e espaço em que se situam cada uma dessas menções. A leitura das palavras revela

representações que relacionam o espaço aos modos de ler, às situações de leitura, a concepções de leitura, à metodologia de ensino de leitura, história da leitura, produção e circulação do livro, democratização da leitura, discussões da leitura em relação a classes sociais, democratização social – leitura transformadora.

Percorrendo os títulos dos discursos selecionados, é possível perceber que a presença do tema *espaços de leitura* é unânime quando a discussão gira em torno de políticas públicas de livro ou leitura e aborda o ensino de leitura. No 1º COBI, por exemplo, com a conferência *Diretrizes da implantação do Sistema de Bibliotecas no Estado de São Paulo*; no 4º COLE, com a mesa-redonda *Subsídios para uma política de leitura*, ou no 9º Congresso, na mesa-redonda chamada *Políticas nacionais de leitura: uma análise*. Nesses enunciados, principalmente a **biblioteca escolar** e a **escola** se apresentam como os principais *espaços de leitura* mencionados:

A **escola** de primeiro e segundo grau seria o espaço ideal para a implantação dessa política que abrangeria desde a criação de **bibliotecas escolares** e **públicas** condignas, passando pela formação do professor e bibliotecário, em disciplinas que examinassem a produção destinada a criança e jovens, as técnicas de estímulo à leitura, aqui entendida como um ato de reflexão crítica. (SANDRONI, 1983, p. 27, grifos nossos)

É também bastante significativa a presença do tema em estudo em manifestações que discutem a leitura enquanto um problema de investigação, na mesa-redonda *A pesquisa na área da leitura*, do 5º COLE: “O professor que está cara-a-cara com o não leitor, com o analfabeto, com a **biblioteca** sem livros, com a **escola** e o bairro caindo aos pedaços, este não pode fazer pesquisa, isto é, não pode investigar o seu dia-a-dia, os seus leitores concretos”. (SILVA, 1985, p. 113, grifos nossos); ou enquanto prática essencial da sociedade, na conferência *Leitura ou “lei dura”?* do 2º COLE: “Os livros estimulam a atividade, a criticidade e a transformação” o que esbarra no problema de que “não existe **biblioteca** especializada nas **escolas**” (SILVA, 1980, p. 3-4, grifos nossos); e elemento de cultura e desenvolvimento do ser humano, na conferência *A importância do ato de ler*, no 3º COLE: “recrio, re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra” pelas **ruas** de seu bairro “A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do meu mundo particular” (FREIRE, 1981, p. 4, grifo nosso) referenciando aqui o **chão** de sua **casa**, espaço comum do desenvolvimento do ser humano.

Os *espaços de leitura* também estão presentes naqueles textos em que se discute a leitura das classes trabalhadoras e a leitura popular, como as mesas-redondas do 3º COLE *Leitura e classes trabalhadoras* e do 4º COLE *Leitura Popular*: “Ver uma **exposição de pinturas** é ler os quadros de pinturas da mesma forma que lemos os filmes dos cineastas [...] Na grande maioria das **casas** não há livros, nem mesmo como enfeite de paredes” (LOUZEIRO, 1983, p. 40, grifos nossos); em participações de representantes de associações de classes específicas de profissionais ligados ao livro, como a mesa-redonda do 2º COLE *Estudo comparativo das atribuições do Conselho Regional de Biblioteconomia e Associação de Classe* que representa o bibliotecário: “a principal preocupação do Conselho é criar **bibliotecas** e os padrões mínimos para seu funcionamento já estão sendo estudados” (ARMENTANO *et al.* 1980, p. 12, grifo nosso); e de entidades ou associações que, assim como a ALB, se voltam para a discussão da leitura, como na mesa-redonda *Debate entre representantes de entidades e associações ligadas à questão do ensino e da leitura*, realizada no 4º COLE: “(...) partindo-se de situação escolar, já que a APLL/RS é formada por professores, provocou-se o questionamento da leitura para **além dos muros das instituições de ensino**, em níveis mais abrangentes” (AGUIAR, 1983, p. 56, grifos nossos).

Também nota-se a questão do espaço em discussões que se preocupam com a prática na sala de aula, como na mesa-redonda do 6º COLE *Condições de produção da leitura na rede pública de ensino*: “Em nosso país, a fragilidade das condições de produção da leitura nas **escolas públicas** é um fato histórico” (RENSI, 1988, p. 55, grifo nosso); em discussões sobre sua metodologia, *Natureza social da leitura e suas implicações na metodologia de ensino*, também no 6º COLE: “Nas nossas **escolas** em geral a obrigação supera o prazer da leitura” (GADOTTI, 1988, p. 30, grifo nosso).

Em teorias sobre as concepções de leitura do professor, na mesa-redonda *O professor como leitor e como incentivador de leitura*, no 5º COLE: “(...) a **escola** que atende as quatro séries iniciais, porque os hábitos de leitura aí são formados e é a esta primeira faixa de escolaridade – gratuita e obrigatória – que a maioria da população escolarizável do país tem acesso” (BEDRAN, 1983, p. 51-52, grifo nosso), e *Leitura crítica e sua promoção na escola*, mesa-redonda do 8º COLE; sobre a produção de livro para as crianças e adolescentes, na mesa-redonda do 7º COLE *De leitor para leitores: a produção do que se lê*: “Atingir, assim, esse universo infantil ou juvenil que a **escola** tão providencialmente se incumba de arregimentar (...) supõe (...) atingir-nos” (LAJOLO, 1989, p. 52, grifo nosso); e em discussões sobre o ensino de adultos, na mesa-redonda do

9º Congresso: *Leitura na educação de adultos*: “Esses textos constituídos de letras, sílabas, palavras, sentenças com sua extensão de objetos linguísticos ganham sentido no contexto vital em situações dialogais, mesmo quando em **sala de aula**” (MENDONÇA, 1993, p. 194, grifo nosso); e sobre a formação do professor, também no 9º COLE, na mesa-redonda *Leitura e estudo*:

O professor numa aula dialogada pode ir perguntando aos alunos o que eles entendem por Método, Técnicas, Pesquisa, Projeto. À medida em que as colocações forem sendo feitas, o professor vai “amarrando” o sentido que interessa ao programa de disciplinas (...) No que se refere ao conhecimento textual o professor pode, por exemplo, dizer que trabalha mais com textos dissertativos, são os mais usados, por exemplo, **nas universidades**.” (VIEIRA, 1993, p. 171-172, grifo nosso)

A pluralidade de campos de discussão nos quais se faz menção à questão do espaço físico em que se pratica a leitura pode indiciar o quanto este tema é importante. O que propomos para este momento do texto, é um movimento investigativo temporal e linear, COLE a COLE, que indicia que essa questão vai ganhando mais força com o passar dos anos. O objetivo não é esgotar no detalhamento de como todos os espaços aparecem em cada COLE, mas apresentar algumas ideias gerais sobre como foram se configurando os discursos, apresentando alguns espaços específicos em cada Congresso.

1º COBI – Discurso dos bibliotecários

Com seis conferências³⁵, o 1º COBI surge com a necessidade de estimular a discussão no campo da formação do bibliotecário. Seus objetivos alertam para problemas vividos no campo de atuação do profissional, como a distância entre distintos agentes de formação de leitores, o desconhecimento dos frequentadores de bibliotecas em relação ao potencial de seu uso, o valor desse equipamento cultural:

1. Mostrar a necessidade urgente dos bibliotecários e professores trabalharem como uma equipe;
2. Fazer com que os bibliotecários sanem o problema da necessidade urgente de dar orientações mais profundas aos seus usuários de como usar as bibliotecas, usando a disseminação coletiva;

³⁵ Disseminação coletiva de informação; ISBD: novo enfoque na catalogação; A biblioteca particular do bibliotecário, Sistema de informação técnico-científica; Diretrizes da implantação do Sistema de Bibliotecas no Estado de São Paulo; Sede de Leitura.

3. Mostrar o grande valor das bibliotecas, de modo que os usuários passem a utilizá-las para maior facilidade de dados necessários à vivência cultural. (CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 1978, p. III)

Três dessas seis conferências foram selecionadas para nosso corpus de pesquisa. Isso pode indicar que nesse momento de discussão sobre questões atinentes ao campo da biblioteconomia, havia uma preocupação acentuada com a questão do espaço. Aqui encontramos referência à **biblioteca particular** do bibliotecário, enquanto um espaço (recurso) necessário para a formação deste profissional. “O bibliotecário tem necessidade de ler constantemente, para poder chegar algum dia a conhecer algo mais, esse fabuloso – mundo do livro” (LITON, 1978, p. 71). A **biblioteca particular** é aqui representada como um espaço de coleção, que envolve o livro em sua materialidade. O livro se torna objeto colecionável e agrega valor ao colecionador, cuja imagem passa a ser de alguém detentor de conhecimento, como reforça Liton: “Ao formar a coleção profissional [de livros] a pessoa torna-se um especialista dentro de sua área, oferecendo constantemente algo novo” (1978, p. 71). Com essa afirmativa, é possível inferir que o autor tenha como concepção o livro enquanto objeto de guarda do conhecimento universal, aquele essencial à excelência intelectual.

A respeito da **biblioteca pública**, segundo Rabaçal (1978, p. 76), faz parte das diretrizes que norteiam a implantação de um sistema de bibliotecas no Estado de São Paulo: “Relacionar as necessidades de conservação de imóveis, móveis e equipamentos, bem como as exigências em recursos humanos e preparação técnica de pessoal necessário ao bom funcionamento das bibliotecas integrantes do sistema”. Isso aponta para uma representação da **biblioteca pública** enquanto um espaço que precisa de serviço especializado e boas condições do espaço físico para bom funcionamento e atendimento ao público.

Também encontramos representações que consideramos bastante representativas nos modos de se pensar os *espaços de leitura* naquele momento: o espaço como garantia de acesso ao livro (**bibliotecas**) e de incentivo ao hábito de leitura (a **casa**, a **escola**); espaços que devem ser dessacralizados, em oposição aos ambientes das **livrarias** tradicionais, e que podem facilitar e democratizar o acesso ao livro, como instalação de máquinas automáticas que vendem livros em **metrôs**, **bares**, **supermercados**, **restaurantes e clínicas** (FERREIRA, 1978).

1º COLE - Denúncia

Com o temário “Leitura para todos”, o 1º COLE se propõe, em primeiro lugar, a “congregar indivíduos ligados à educação e ao mundo da leitura”. Seus três objetivos dão o sentido dessa reunião de pessoas:

1. Refletir mais incisivamente sobre a problemática da leitura e da divulgação da cultura no contexto brasileiro;
2. Caracterizar a importância da literatura (infantil e adulta) na formação do leitor crítico;
3. Fornecer aos professores de todos os níveis de ensino algumas propostas para a melhoria do ensino de leitura. (CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 1978, p. III)

Uma leitura mais atenta desse conjunto indica que os dois primeiros desejam compartilhar, com os que se fizerem presentes, um processo de reflexão sobre os problemas focalizados na leitura e um esforço de caracterização do gênero literatura infantil para a formação do leitor crítico, respectivamente. Já o terceiro objetivo coloca os interlocutores-professores numa posição que nos parece bem mais passiva, de “recebimento” de propostas de ensino. Apesar de constituírem-se como destinatários principais do congresso, como vimos acima, nos parece que a representação que deles se tem nesse momento é a de alguém que precisa receber um conhecimento elaborado por outro e convertido em proposta de como fazer.

Os *espaços de leitura* mencionados nos quatro textos selecionados desse congresso, são: **biblioteca**, **biblioteca escolar**, **livraria**, **escola** e **casa**. O discurso é fortemente marcado pelo tom de denúncia das fragilidades da realidade brasileira.

A **livraria** e a **biblioteca** (que se desdobra em **biblioteca escolar**) são representadas como espaços quase inexistentes ou ausentes na sociedade, o que dificulta o acesso do leitor ao livro: “O problema maior para a literatura infantil é a dificuldade de acesso a ela, seja nas livrarias, seja nas bibliotecas. Não há livrarias ou bibliotecas para as crianças” (ASSIS, 1978, p. 4) e isso compromete a leitura e atrapalha o trabalho do professor, porque ambas devem ser espaços complementares à prática docente: “A finalidade da biblioteca escolar é dupla: de um lado deve contribuir para alimentar o interesse das crianças pela leitura e, de outro, deve servir de complemento ao trabalho do professor” (NOGUEIRA, 1978, p. 40-41).

A **casa** é um espaço representado como o primeiro que estimula o hábito de ler, mas a sistematização da leitura pertence à **escola**. A **biblioteca** é também o espaço que tem a função de dar continuidade e complementaridade ao trabalho realizado pela **casa** e **escola**, espaços principais para essa formação: Como? Provendo os leitores de livros, instrumentos para seu desenvolvimento intelectual. No entanto, essa é justamente a grande denúncia: as condições de acervo são precárias (NOGUEIRA, 1978).

A **escola** é representada como defasada, carente, o que limita sua função de sistematizar o ensino de leitura, de promover o hábito de ler. É um lugar que precisa ser revitalizado, e que, embora seja o principal lugar da prática da leitura, é acrítico, cheio de fragilidades: “(...) a instituição escola – principal responsável pelo registro verbal da cultura – parece não ter iniciado ainda uma reflexão mais incisiva sobre o processo de leitura” (SILVA, MAHER, 1978, p. 52). Enquanto a **escola** é considerada acrítica na condução do processo leitor, a **biblioteca**, quando existente, é inútil, porque sem leitores, porque sem livros.

Esses discursos parecem caminhar em um movimento que grita: leitura e escola não são para todos... bibliotecas, livrarias não são para todos... O Congresso reúne vozes para dizer que há que se democratizar a leitura e levá-la para todos, caso contrário “o papel o livro é nulo” (BRAGGIO, 1978, p. 21).

Nesses textos, é interessante notar que o destaque é dado às funções a serem cumpridas pelos espaços: da **casa**, da **escola**, da **biblioteca**. A discussão ainda não trata do espaço físico ou das atividades possíveis para ele, também formadoras de leitor. Não há preocupação com o enraizamento cultural, histórico, do corpo e espaço, talvez porque, naquele momento, a concepção de leitura estava mais pautada pela ideia de encontro cognitivo entre leitor e texto, do que na ideia de uma prática cultural e social.

O 1º COLE contou com três mesas-redondas e dez comunicações³⁶ que evidenciam e reforçam seus objetivos. Quando levamos em conta as avaliações desse COLE, presentes no caderno de Resumos, verificamos que dentre as considerações feitas, os participantes afirmaram que a dinâmica do 1º COLE foi “cansativa”, “elitizante”, “distante do público” e apresentando “poucas propostas concretas”.

³⁶ Mesas-Redondas: Literatura infantil; Divulgação da cultura; Revistas pedagógicas e a atualização do professor. Comunicações: As Belas Mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos de leitura das quatro primeiras séries do primeiro grau; Cultura hoje, linguagem plural; Tele-Educação ou Tele-Repressão?; Leitura e discurso pedagógico; O mundo da escrita; O método Paulo Freire de alfabetização: teoria e prática; Utilização da biblioteca; Alguns fatores geradores de distúrbios de aprendizagem; Aprendizagem da leitura e contexto cultural; Releitura da leitura.

Nesse sentido, solicitam algumas propostas de melhoria, como: “um caráter mais prático ao congresso”, “um trabalho mais efetivo e mais orgânico, junto aos professores de 1º e 2º graus”, “depoimentos de escolas de 1º e 2º graus sobre os problemas da leitura”. Parece que, mesmo que um dos objetivos do congresso tenha sido levar ao professor algum “como fazer” a prática pedagógica, ainda há reivindicações nesse sentido, ainda há vontade de “uma abordagem aqui e agora aos problemas de leitura deixando de lado o hermetismo da abordagem lógica”, “mais técnicas” (CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 1978, p. 94)

2º COLE – Propostas de solução

Incorporando as reivindicações do 1º Congresso, o 2º COLE apresenta o temário “Pedagogia da Leitura” e suas discussões se voltam para questões de cunho prático, priorizando a prática da escola, como podemos notar nos objetivos:

1. Estabelecer estratégias viáveis para a incrementação do hábito de leitura junto à população.
 2. Fornecer aos professores de 1º e 2º graus algumas propostas para a melhoria do ensino da leitura.
 3. Refletir sobre aspectos relacionados com a utilização de livros e materiais didáticos.
 4. Trocar experiências voltadas à pedagogia da leitura.
- (CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 1980, p. III)

Os quatro objetivos parecem contemplar essa prioridade: definir estratégias para fomento do hábito de leitura da população; fornecer propostas para melhoria do ensino da leitura; equacionar o uso do material didático e estimular a troca de experiências (práticas). Pensar em estratégias, propostas, uso, experiências nos parece enfatizar a aplicabilidade de algo. Se cruzarmos os objetivos com o temário desse evento, fica possível pensar o caráter dado à Pedagogia pelos organizadores do COLE e refletir se ele não estaria ligado a uma representação dessa ciência em circulação na sociedade. Uma ciência que aplica conhecimentos produzidos em outros campos.

O *Encontro de Material Didático* realizado no âmbito deste congresso, com a organização do Professor Décio Pacheco, do DEME-FE, cujo foco se centra no ensino de Ciências, apresentou uma mostra com “materiais e livros brasileiros, selecionados entre uma centena de edições classificadas como realmente didáticas e tendo por trás toda uma

pedagogia e especialização de editores”, como explicita matéria do *Jornal Correio Popular*³⁷ (Anexo 4, página 123). Além disso, as mesas-redondas *Produção, divulgação e utilização de materiais didáticos para o ensino de ciência nos 1º e 2º graus* e *Material didático para o ensino de ciências*, componentes da programação oficial do 2º COLE, são elementos que podem ser compreendidos como uma forma de responder a esse pedido, dos professores, de um diálogo mais objetivo, palpável.

Além dessas duas mesas-redondas, o 2º COLE contou com duas conferências, uma para a abertura do evento e outra para seu encerramento e quatorze comunicações³⁸; totalizando dezoito participações que buscavam colocar em prática esses objetivos e discutir a temática proposta.

Dos cinco textos selecionados deste congresso, três anunciam que tratarão da questão dos *espaços de leitura* logo em seus títulos. Há um “Seminário Integrado” e uma mesa-redonda que reúnem bibliotecários que se dedicam a discutir questões várias sobre a **biblioteca**. Assim como no primeiro evento, nesse congresso a denúncia sobre a precariedade de acervo, ausência dos espaços e falta de estímulos à prática de leitura está presente:

Diversos fatores contribuem para o “desgosto pela leitura” no território nacional. O número de publicações é baixíssimo (0.06 publicações por habitante – ano); o desaparecimento das livrarias (80% das livrarias nacionais se encontram no eixo Rio, Belo Horizonte, São Paulo) e bons livreiros; o número restrito de bibliotecas públicas e escolares; a distribuição precária de livros por parte das agências governamentais e a falta de verbas para a compra de livros para as escolas. (MIRANDA, 1980, p. 33)

A mesa-redonda *Estudo comparativo das atribuições do Conselho Regional de Biblioteconomia e Associação de Classe*, do 2º COLE, em 1980, trouxe as vozes de Antônio Gabriel, professor e presidente da FEBAB (Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários); Cecília Ernestina D’Ottaviano Armentano, professora e presidente do

³⁷ O 2º COLE e Mostras de Material Didático. *Jornal Correio Popular*, Campinas, p. 4, 20 de outubro de 1979.

³⁸ Conferências: Leitura ou “lei dura”? e O que é ler?; Comunicações: Programa de incentivo ao hábito de leitura (Seminário Integrado); A literatura, a criança e o adulto; Estudo comparativo das atribuições do Conselho Regional de Biblioteconomia e Associação de Classe; Alternativas de alfabetização: Paulo Freire ou Mobral?; Instrumental do alfabetizador: formação e pesquisa básica; Literatura como instrumento de alfabetização; Uma experiência de alfabetização; O instrumental do alfabetizador; Biblioteca, leitura, educação continuada; Leitura na área de comunicação e expressão; A transformação da linguagem verbal e o problema da leitura; Lendo para estudar: a dimensão pedagógica da leitura; Guerrilha Ideológica, Livros Didáticos: de aparelhos ideológicos do Estado a aparelhos hegemônicos; A imprensa pedagógica de Celestin Freinet.

Conselho Regional de Biblioteconomia – 8ª Região (CRB-8); Vania Lando de Carvalho, professora e presidente da Associação Campineira de Bibliotecários (ACB); Ester Ramos, professora e presidente da Associação dos Bibliotecários Municipais de São Paulo; e Carminda Nogueira de Castro Ferreira, bibliotecária.

No texto apresentado no caderno de Resumos, há destaque para algumas dessas vozes. Antônio Gabriel, como coordenador da mesa, discorre sobre a FEBAB, sua história e propósitos, e lança perguntas aos demais componentes da mesa que dizem respeito à legislação e regulamentação de **bibliotecas**: sobre o registro de bibliotecas no Conselho, sobre o serviço de atendimento ao público prestado pelo Conselho, se a legislação que prevê bibliotecas em escolas que dispõe de mais de 20 classes está sendo cumprida, se as indústrias que têm biblioteca contam com bibliotecários. Nota-se, por essas perguntas, uma preocupação com mapeamento da situação das bibliotecas no estado. Duas outras vozes ganham espaço no caderno de Resumos: a de Cecília Armentano, que discorre sobre o CRB-8 e Vania Lando de Carvalho sobre a ACB, destacando seus objetivos, propostas e ações.

Em geral, a representação que se tem de **biblioteca** na voz desses profissionais diretamente ligados ao espaço, é que, apesar do amparo legal, nem todas as escolas possuem bibliotecas em razão da falta de verbas para sua instalação. Nem todas as bibliotecas possuem profissionais de biblioteconomia, assim como há a ineficiência das campanhas de promoção do livro, que quando existem, carregam caráter assistencialista, por parte do governo. Destacam também a necessidade de que profissionais, como eles, sensibilizem “o governo para uma nova estrutura da cultura”, afirmando que aquela era uma “hora de decisão”. Propõem, portanto, a criação de um “órgão na Secretaria de Educação para planejar a estrutura das bibliotecas escolares”, representando-as como fundamentais nessa “nova estrutura da cultura” (ARMENTANO *et al.* 1980, p. 12).

Os espaços das **bibliotecas (pública, escolar, especializada)**, da **escola pública**, das **livrarias**, da **casa** carregam representações que indicam sempre a escassez. Dessa vez, no caso da **biblioteca pública carente**, essas ideias são confirmadas por um relatório de pesquisa:

Segundo relatório de estudo sobre 30 Bibliotecas Públicas Carentes do Estado de São Paulo (Profa. Carminda, 1978)³⁹, constata-se o seguinte: (a) a biblioteca pública inexiste em termos de presença atuante de agente de desenvolvimento; (b) os serviços bibliotecários à comunidade são precários, por falta de pessoal devidamente qualificado; (c) instalações, equipamentos e acervos são insuficientes, inadequados, deficientes, “pobres e obsoletos”; (d) pessoal, administração e verbas são insuficientes. É dentro desse quadro desolador que devem atuar professores e bibliotecários. (FERREIRA; FERREIRA, 1980, p. 8).

Por outro lado, este evento permite que se tome contato, também, com um relato de experiência positiva com relação ao espaço da **biblioteca**, que é representada não como só acervo, mas como *espaço de leitura*. Na escola campineira Criarte, a **biblioteca** ganha a representação de um espaço possível de ser organizado pelas crianças e professor, na escola. É um lugar de troca de experiências, respeito, solidariedade. É um primeiro momento de mudança no modo de se dizer do espaço. A **biblioteca** é representada como espaço de guarda, distribuição e dinamização da leitura. Um acervo cultural compartilhado num espaço, por meio de prática da troca de experiência. Esse espaço foi organizado e conquistado pelo leitor e não estava disponível apenas por um sistema burocrático:

O gosto pela leitura é grande e a consciência de ser capaz de ler e escrever dá a criança alegria e emoção. É um ato profundamente consciente. Na escola [Criarte, em Campinas] temos uma biblioteca que é frequentada por crianças de todas as idades (...); a organização foi feita com a participação das crianças das 2ª e 3ª séries do 1º grau (...) A nossa biblioteca é um local respeitado e onde, inclusive, as crianças maiores lêem livros para as menores, trocando repertórios e experiências. Aos poucos, vão formando assim o hábito de leitura. (BERALDO *et al.*, 1980, p. 22)

Também temos contato com a menção aos **Congressos de Leitura do Brasil** e à **Feira do Livro** como espaços de incentivo ao hábito de leitura e de convivência com o livro. Isso poderá ser visto novamente nos próximos eventos, sinalizando uma representação positiva do Congresso.

³⁹ Não localizamos maiores informações sobre o relatório do estudo mencionado pelos autores.

3º COLE – Várias facetas da leitura

O 3º COLE trouxe novidades na configuração ou desenho do evento presente até então. Além do temário geral “Lutas pela democratização da leitura no Brasil”, apresentou os subtemas: “Leitura e realidade brasileira; Leitura escolar; Leitura e literatura; Leitura e cultura popular; O livro e as bibliotecas”. De um congresso anterior, nitidamente centrado no território escolar, a terceira edição do evento abre-se novamente e mais amplamente a um debate sobre a leitura, que contempla essa prática em diferentes espaços e em diferentes aspectos. Para isso, organiza-se didaticamente em frentes discriminadas, no sentido de permitir a reunião de debates porventura distintos de um mesmo tema.

Com apenas dois objetivos: 1. Reunir interessados no sentido de refletir sobre a problemática da leitura no território nacional; 2. Apresentar e debater trabalhos voltados ao desenvolvimento da leitura junto às classes populares” (CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 1981, p. III), é possível encontrar aqui, pela primeira vez, uma discussão sobre leitura da classe popular pela ótica do proletariado, com a presença de trabalhadores de fábricas.

A parte oficial do 3º COLE contou com uma conferência de abertura, três mesas-redondas e cinco comunicações⁴⁰. Além disso, 21 trabalhos inscritos também fizeram parte deste evento, número bastante representativo de sua abrangência.

A conferência de abertura deste congresso merece destaque por dois motivos, o primeiro por ter sido um dos primeiros momentos de aparição pública de Paulo Freire, que acabara de retornar ao Brasil do exílio; o segundo porque, à frente de seu tempo, o educador já dá luz à questão do espaço na relação entre leitor e texto, ele destaca espaços da casa de sua infância que foram significativos em sua formação de leitor: os **cômodos da casa, o chão do quintal**. Em toda menção aos espaços, Freire os considera ligados à vida. Não há um discurso que afirma como devem ou podem ser, mas uma argumentação em que se destaca a questão do espaço como aspecto fundamental para a leitura e seu diálogo com a vida política.

⁴⁰ Conferência: A importância da leitura. Mesas-Redondas: Em busca de uma política concreta para o desenvolvimento da leitura no Brasil; Formação do leitor infantil; Leitura e classes trabalhadoras. Comunicações: Processo de elaboração de uma cartilha; A identificação e o uso de palavras em livros didáticos; Questionário para avaliar atitudes de leitura de alunos de 1º e 2º graus; Preparando a criança para a leitura; Um roteiro para o ensino da leitura.

Freire afirma fazer uma espécie de arqueologia do complexo ato da leitura, tomando como referência a si mesmo. O primeiro espaço mencionado por ele nesse texto é o da **casa** de sua infância, seus diversos **cômodos** e **ambientes**, com seus diversos personagens. Segundo o autor, o pequeno mundo no qual se movia e que lia, ainda sem saber ler as palavras, em uma leitura da palavramundo, o formou leitor, pela leitura dos fenômenos da natureza, dos hábitos e costumes, dos outros, dos sinais em que palavras e textos se encontram encarnados nas coisas e se oferecem à leitura.

A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avenças de minha mãe – o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, me pus de pé, falei, andei. Na verdade, naquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. (FREIRE, 1981, p. 3)

Freire ressalta a importância do clima para haver a leitura perfeita: “ler na penumbra” da iluminação existente nas **ruas** do Recife de sua infância, as assombrações de um medo de criança, indicando, assim, aspecto do espaço físico que acolhia a leitura. Aponta como lugar do seu aprendizado da leitura das letras o **chão do quintal**: “Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro negro; gravetos, o meu giz” (FREIRE, 1981, p. 4, grifo nosso).

A **escola** e a **aula** de português são citadas para a prática da leitura, espaços que, porém, carregam atos políticos, de conhecimento, ato criador, que tem “no alfabetizando, o seu sujeito” (1981, p. 5). Freire representa o espaço para a leitura de uma forma que vai em direção contrária a dos discursos especializados, tecnicistas, porque a leitura é um ato de ler o mundo, ler a si mesmo, ler as materialidades com o corpo, com o espaço.

A **escola**, **biblioteca**, **casa**, **livraria** seguem, nesse congresso, com a representação de espaços carentes, em que não se lê, espaços pouco presentes na sociedade, que precisam ser criados, espaços mistificados, burocratizados, como, por exemplo, pode-se compreender pela representação trazida pelas professoras da Unesp de Marília-SP, Maria Cecília M. R. A. da Silva e Maura Duarte M. Guarido, a respeito da formação do hábito de leitura na criança:

A situação do relacionamento da criança com o livro, em nosso país pode ser assim sintetizada: quase ninguém compra livros, há pouquíssimas bibliotecas infantis, pais, professores e bibliotecários parecem olvidar sua função de estimuladores do ato de ler. Consequentemente a criança não convive em casa, com livros de sua escolha ou preferência; raramente frequenta bibliotecas infantis e sente-se pouco à vontade no interior de uma livraria (SILVA E GUARIDO, 1981, p. 27).

Ademais, propostas diversas de solução para que a democratização de leitura seja palpável, principalmente tornando acessíveis esses espaços. Relatos de experiências, denúncias, propostas de programas e políticas do livro e da leitura povoam esses textos do 3º COLE.

A preocupação está, principalmente, relacionada com o acesso ao livro e à prática de leitura através da alfabetização e da aprendizagem pelo gosto de ler. Por isso a **escola** se faz presente com força nesses enunciados, inclusive carregando a representação de ser um *espaço de leitura* que possibilita mudança na sociedade.: “Dentro dos limites de sua ação, a escola pode porém exercer uma ação libertadora no sentido da desalienação, fazendo do objeto da educação seu sujeito [...] revisar o conceito de leitura (não mais como imposição, mas como “diálogo”) e da literatura” (AVERBUCK, 1981, p. 35).

Deparamo-nos também com uma representação que difere de todas as outras encontradas em todos os outros congressos. Ela está presente na fala de Suzi Sperber ao participar da mesa-redonda *Em busca de uma política concreta para o desenvolvimento da leitura no Brasil*. A autora afirma que ler é um ato simples, inerente ao ser humano, “ler e ser são sinônimos” e não precisa, inclusive, “de espaço adequado já que todos os espaços servem” (SPERBER, 1981, p. 14). Um argumento para desmistificar a leitura, promovendo-a como uma prática do cotidiano, que pode ocorrer em qualquer espaço, num esforço para democratizá-la e torná-la possível para todos.

Encontramos, a respeito da **livraria**, uma representação que vai se modificando ao longo dos COLEs. Aqui há a afirmativa de que este espaço é pouco existente em termos de Brasil, mas que está presente no eixo Rio-São Paulo. Em alguns momentos, essa representação sustenta a afirmativa de que pouco se lê no país, já que é pequeno o número de livrarias.

Encontramos também menção às **bibliotecas de sindicatos**, de **comunidades de base**, de **bibliotecas de bairro** como espaço de acesso ao livro por parte da classe trabalhadora, na mesa-redonda *Leitura e classes trabalhadoras*. Esse movimento do COLE representa, naquele momento, um movimento de dar voz aos trabalhadores do

chão da fábrica, de ouvir suas angústias e suas ideias acerca da leitura. Mesmo diante da realidade da exaustão das longas jornadas de trabalho diário e da inserção do aparelho de TV nas casas da classe popular, os participantes da mesa se manifestam afirmando: “O trabalhador no Brasil, de uma maneira geral, tem o hábito de leitura” (CARAVANTE, 1981, p. 44) seja pelas publicações dos Sindicatos, seja lendo a TV e o jornalismo eletrônico:

Não me resta nenhuma dúvida que a prática política na qual paulatinamente envolve-se a classe trabalhadora brasileira, nos sindicatos, nas comunidades de base, nos comitês de formação de um partido verdadeiramente seu, fazem com que esta mesma classe perceba a importância de debruçar-se sobre a vida através do mundo mágico da palavra, que valorizado recria o falar e é claro o hábito de ler. (SCHWARCZ, 1981, p. 45)

Ainda que não se trate de uma leitura considerada erudita, clássica, vemos emergir um discurso que traz a tônica da cultura popular. Segundo Takamatsu, nessa mesma mesa-redonda, a presença do professor universitário Octavio Ianni aponta aspectos importantes desse discurso:

Segundo Ianni, a organização dos operários se constitui na "dialética entre passado e presente", na qual se forma uma "teia das condições da consciência real e possível". É necessário reconhecer o patrimônio cultural das classes populares, patrimônio que compõe um "universo de linguagens, representações, imagens, ideias, noções, explicações que obviamente constitui um acervo fundamental". Esse universo da cultura popular faz parte da história social e cultural da população e a questão da leitura estaria implicada nesse contexto cultural – para que a leitura se realizasse, seria preciso que seu conteúdo tivesse uma ressonância entre seus leitores. Toda aquisição, segundo ele, poderia vir a se tornar uma prática ou uma "força social", mas desde que ela pudesse "ressoar no seu modo de viver, pensar e atuar". Todo novo conhecimento somente se efetivaria "se [respondesse] e [correspondesse] aos elementos e articulações culturais inerentes às condições de vida e trabalho" [...]

A análise do professor Octávio Ianni trazia uma nova perspectiva a respeito da questão da leitura sob a luz da concepção de cultura popular. A mescla de elementos da cultura burguesa a uma cultura própria e de tradições das classes populares seria definida pelo movimento dialético que permitiria a incorporação de novos elementos aos elementos já existentes ou até o reconhecimento do antagonismo entre esses elementos culturais, pois, segundo Ianni, muitas vezes "uma aparece no espelho da outra" e seu reconhecimento possibilitaria "tornar qualquer nova aquisição cultural em prática, em força social" [...] A noção de cultura popular implica a compreensão de uma cultura amalgamada e produzida dialeticamente, mas que mantivesse sua distinção e propriedade. É justamente nesse pensamento dialético que o alcance

dos textos e o ato de ler deveriam ser compreendidos. (TAKAMATSU, 2017, p. 15).

4º COLE – Ação

O 4º COLE apresenta o temário “Leitura na Sociedade Democrática: do discurso à ação”. Em seu Edital de Abertura⁴¹ deixa claro o objetivo do Congresso: estabelecer diretrizes para uma política nacional de leitura. Os debates ocorridos no evento anterior, cujo temário centrava-se nas lutas pela democratização da leitura, parecem necessitar de uma complementação. A palavra de ordem é ação, o 4º COLE chama por mudanças, por planejar ações concretas para novos rumos:

Urge, então, unir todas as entidades civis, preocupadas com a problemática da leitura e da cultura, em torno de diretrizes políticas concretas, visando principalmente a recuperação do tempo perdido e a conquista de condições. Que diretrizes seriam essas? De que forma atacar os inúmeros problemas? Quais as prioridades de ação a serem estabelecidas? [...] Quais os mecanismos de luta a serem utilizados por professores e bibliotecários, visando essa mudança? Que tipos de mobilização podem ser efetuados a fim de restaurar o real significado de leitura nua sociedade como a nossa? Como, a partir das condições presentes nos órgãos de cultura (como a escola e a biblioteca), formar leitores críticos? (DIRETORIA DA ALB, 1983, p. 1-2)

São os questionamentos principais levantados pela Diretoria da ALB neste momento, naquele congresso. No Edital de Abertura, também a preocupação com a **biblioteca escolar** se faz presente, porque “praticamente [elas] inexistem e as autoridades educacionais estão sempre postergando *ad-eternum* o problema” (DIRETORIA DA ALB, 1983, p. 3).

É possível perceber que o objetivo e os questionamentos levantados por esse Edital de Abertura se fazem presentes nas quatro mesas-redondas realizadas como parte oficial do congresso e na palestra proferida pela professora Marisa Lajolo⁴²: O 4º COLE também contou com 35 trabalhos inscritos, que buscavam se inserir na discussão sobre ações possíveis para enfrentar a problemática da leitura.

⁴¹ O volume de Anais do 4º COLE não traz os objetivos do congresso em separado do Edital de Abertura, como apresentado nos demais impressos.

⁴² Mesas-Redondas: Comunicação e expressão: o ensino da leitura; Subsídios para uma política de leitura; Leitura popular; Debate entre representantes de entidades e associações ligadas à questão do ensino e da leitura. Palestra: Tecendo a leitura.

No conjunto de quinze textos selecionados dos Anais desse congresso, os espaços que aparecem mencionados são: **escola, sala de aula, livraria, biblioteca, biblioteca escolar, arquivos, coleções, banco de livros, rede de bibliotecas públicas, biblioteca regional, universidades, hospitais, creches, asilos, igreja, exposição de pinturas, filmes de cineastas, casa com TV e rádio.**

Além da verificação de certa continuidade das denúncias sobre as condições e precariedades relativas aos *espaços de leitura*, no 4º COLE aparecem também representações de cunho otimista sobre a leitura e o espaço físico em que essa prática acontece, seguindo a proposta de *ação*. Há, por exemplo, um relato bastante expressivo da bibliotecária nordestina, representante do Rio Grande do Norte, Zila da Costa Mamede, da experiência de uma biblioteca pública de sucesso. A **Biblioteca Pública** Câmara Cascudo, segundo Mamede, supre a necessidade de bibliotecas escolares atendendo, principalmente, jovens de cinco aos dezesseis anos que vão em busca de respostas às tarefas escolares e, em menor quantidade, em busca de leitura por prazer.

A autora não explica em detalhes o funcionamento de uma “Sala Infanto-Juvenil” dessa **biblioteca pública**, mas alguns indícios apontam que ali ocorriam, também, atividades como jogos e contação de histórias. A autora argumenta que as crianças carentes que frequentam o espaço o utilizam para suprir carências da escola pública (MAMEDE, 1983).

Além disso, Mamede apresenta a proposta de criação de uma **biblioteca regional**, semelhantemente ao que conhecemos como uma **escola-polo**. Ela funcionaria a partir da providência de condições de atendimento que se referem ao acervo bibliográfico adequado e ao pessoal técnico especializado, em oposição a cada escola ter sua biblioteca, vez que isso já se mostrou inviável. A autora traz dados de uma pesquisa que aponta que 95% das escolas estaduais não possuem bibliotecas e que parte das que possuem, consideram-na como depósito ou banco de livros.

Para o espaço da **sala de aula**, Mamede propõe a criação de uma disciplina de Literatura Infantil no currículo básico, que fomentaria práticas de leitura através de narração de histórias, dramatização, redação, jogos e brinquedos. A **biblioteca regional** daria suporte à **escola** com pessoal especializado e acervo. Também poderiam ser parceiros as escolinhas de arte e cursos de educação artística da Universidade local (MAMEDE, 1983).

Dentre cinco medidas mínimas obrigatórias para uma política de leitura (objetivo proposto pela coordenadora da mesa-redonda *Subsídios para uma política de leitura*, na

qual seu discurso se inseriu), Zila elenca e discute três que se relacionam com *espaços de leitura*: traz a ideia de biblioteca regional, de programas de rádio e de programas de televisão integrados ao livro.

A autora coloca **programas de rádio** e de **TV** em um contexto de parte essencial de uma política de leitura. Eles deveriam ser produzidos por especialistas e integrados ao livro “como reforço para esta política” e promoveriam o encontro com o “livro e debates sobre literatura infantil” (MAMEDE, 1983, p 34). O aluno ouvinte e espectador desses programas saberia como e onde recorrer ao livro físico, buscando por uma **biblioteca**. Por mais que **programa de rádio** e **TV** não se configurem como espaços físicos para a prática da leitura, no sentido trazido pela autora, eles promovem o encontro do texto com o leitor, que terá contato com os meios necessários para recorrer à biblioteca regional para ocupar-se do objeto livro. A rede integrada de leitura proposta pela bibliotecária compõe nosso conjunto de *espaços de leitura* porque pressupõe, em última instância, um corpo que escuta, vê, lê e se apropria de espaços outros para essa prática social e cultural.

5º COLE – Prática

Com o temário “O professor e a Leitura”, o 5º COLE objetivou⁴³:

promover uma reflexão sobre as condições de produção da promoção da leitura no Brasil, fundamentalmente nas escolas de 1º e 2º graus, privilegiando os seguintes temas:
O professor e suas condições de leitura
O professor e o ensino da leitura
A pesquisa em leitura: quem faz, como faz e quem usa.

É possível verificar que a questão da promoção da leitura nas **escolas** é objetivo desse congresso, sendo, talvez esse, o principal motivo da seleção de, praticamente⁴⁴, todos os textos dos Anais para compor nosso corpus de pesquisa. Além da **escola** e seus espaços da **sala de aula**, **sala de leitura**, **biblioteca escolar**, encontramos discussões acerca dos espaços da **casa**, **biblioteca**, **livraria**, **ônibus**, **igreja**, representados como locais de acesso ao livro (alguns desses espaços carregam a representação de espaços

⁴³ Os Anais do 5º COLE não contam com os detalhes de seu objetivo. Essa informação foi inferida através da “Programação Geral” do evento, documento do tipo folhetim, que compõe o arquivo do COLE.

⁴⁴ Com exceção do texto nomeado “Professor do professor como leitor e incentivador de leitura”, do professor do IEL-Unicamp, Haquira Osakabe, que focaliza a questão do professor de literatura relacionando um texto de Nietzsche (*Origem da Tragédia*) com a prática docente, mas não destaca nenhum espaço.

carentes, como as casas populares, por exemplo) e locais de prática de leitura, seja da leitura silenciosa, de estudo, da leitura técnica... seja para memorização de conteúdos escolares ou religiosos...

Essas representações são delineadas com o foco na prática. Por exemplo, Sarita Moisés denuncia “A morte do leitor” de fruição em contrapartida à vida de um “aprendiz que deve aprender leitura” (1985, p. 102). Assim como o “leitor-memorizador” dos primórdios da história da leitura, a escola coloca ao aluno a leitura como um “exercício de decifração, algo mnemônico”, o que restringe os limites que a leitura poderia alcançar no desenvolvimento intelectual do aluno que: “Como leitor, nunca chegará à produção de leituras, já não é a leitura que conduzirá os seus caminhos, é a técnica” (MOISES, 1985, p. 104).

No conjunto de quinze textos que foram selecionados dentre as quatro mesas-redondas⁴⁵ que compuseram a programação oficial do 5º COLE, também há a ideia da **escola** enquanto espaço de leitura do professor e uma crítica ao cotidiano deste profissional, cujo tempo é escasso e não sobra para a leitura. “A escola, por sua vez, poderia ajudar a professora nessa tarefa de construir a leitura, mas nem sempre o faz” (BEDRAN, 1985, p. 56).

Ainda apoiadas na ideia de que os textos apresentados nesses Anais são fortemente e diretamente influenciados pela temática e objetivos propostos, notamos que a maioria dos enunciados aqui presentes se remetem, em algum momento, a questões de ordem prática da **sala de aula, biblioteca** ou **sala de leitura**. A título de exemplo, um trecho do discurso de uma professora da rede pública do estado de Sergipe, Ana Lúcia Vieira Menezes:

O manuseio diário com os livros de histórias infantis, a leitura das ilustrações de tais livros, a leitura do texto pela professora, vão provocando o interesse das crianças em ler e escrever. Este ler e escrever não é apenas um fato coletivo da aula: os momentos de atividades individuais de leitura e escrita, assistidos diretamente por mim [...] O trabalho tem me ensinado que a passagem da leitura do mundo para a decifração de símbolos gráficos não é homogênea no tempo, na forma, nem segue etapas pré-determinadas. A expectativa de que as coisas acontecem segundo uma ordem, um tempo e de uma mesma forma, é falsa. Ora, esta leitura da realidade é também uma leitura que eu faço com eles. (MENEZES, 1985, p. 118-119)

⁴⁵ A política cultural no Brasil: o acesso ao livro e à leitura; O professor como leitor e como incentivador da leitura; A escolarização do texto; A pesquisa na área da leitura.

Vemos aqui nesse congresso, o surgimento da discussão sobre a **Sala de Leitura** (SL). Carvalho (2015) registra a história das SL:

O Programa de Salas de Leitura tem sua origem num projeto piloto, nos idos dos anos de 1972. Naquela época, as escolas municipais não possuíam bibliotecas, salas ou espaços de leitura destinados à guarda de acervo de livros e ao uso dos alunos. O projeto piloto deu origem ao Programa Escola Biblioteca (PEB) nascendo a partir do descontentamento em relação ao desempenho dos alunos, em especial no que dizia respeito a seu baixo rendimento e interesse nas atividades de Comunicação e Expressão.

O acesso ao livro era precário e um grupo de especialistas a partir desta constatação, resolveu que a implementação de uma experiência piloto que favorecesse o acesso dos alunos a uma biblioteca municipal poderia trazer benefícios. Tanto no que se referia à melhora do desempenho em Comunicação e Expressão, quanto como estímulo para que passassem a frequentar bibliotecas públicas infanto-juvenis (CARVALHO, 2015, p. 65).

Mas foi em 1984, com a criação da Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) que o programa se expande a nível nacional: “a recente iniciativa de distribuição de livros de literatura, pela Fundação de Assistência ao Estudante, órgão ligado ao Ministério da Educação, nas escolas da rede pública, através do Programa Salas e Leitura” (CADEMARTORI, 1985, p. 25), com o objetivo de criar maiores condições de acesso ao livro, como apontado pela representante da FAE no 5º COLE.

Apesar de ser representada como espaço que democratiza o livro, garantindo acesso a todos “os segmentos da sociedade” (CADEMARTORI, 1985, p. 25), a emergência da solução para a problemática da leitura, as SL, são criticadas pelos bibliotecários em um manifesto. Produzido em momento posterior ao evento, mas publicado nos Anais, o “Manifesto dos Bibliotecários” conta com a presença acentuada da classe⁴⁶ fazendo a crítica da ausência das bibliotecas escolares, que perdem lugar para as salas de leitura. Igualmente faz crítica às políticas assistencialistas, que desconsideram

⁴⁶19 bibliotecários assinaram o documento. Os autores do Manifesto dos Bibliotecários são: Olga Guedes Soares (UFCE), Maria Helena F. C. de Tarros (Pós – PUCC), Ana Maria Nogueira Machado (UNICAMP), Roseli A. Leme (São Paulo), Iracema S. Rodrigues (Biblioteca Pública do Paraná), Zilmara Quirino do Prado (Biblioteca Pública do Paraná), Regina T. Nishiyama (Biblioteca Pública do Paraná), Maria Isabel Santoro (UNICAMP/PUCC), Vera Sílvia Marão Beraquet (PUCCAMP), Guacira Helena Santoro (Araraquara C.P.A.), Maria Helena Croda (Campinas), Maria de Lourdes Cardoso (Campinas), Doralice Gomes B. Soares (Campinas), Maria Odaísa E. de Oliveira (UFPA), Lusimar Silva Ferreira (UFMA), Maria Helena B. Maia (PUCCAMP), Maria Marcia Coutinho Barilloni, Miriam Regina Silva, Terezinha Ongaro Monteiro de Barros (Biblioteca Municipal de Sumaré).

questões fundamentais para a formação de espaços, como a falta de suporte necessário, entre outras questões. Em nosso trabalho anterior (OLIVEIRA, 2015, p. 44-46) analisamos este texto com mais detalhes.

Por ocasião do 7º COLE, a representante do INL, Walda de Andrade Antunes, traz, em seu discurso, uma espécie de balancete sobre as ações do programa Sala de Leitura:

Desde 1984, a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) desenvolve o programa “Salas de Leitura”, a tentativa é de garantir na escola a aproximação entre criança-livro e literatura-leitura. faz-se da “Sala de Leitura” o espaço livro onde o desenvolvimento e consolidação do gosto de ler, opõe-se à mecânica quase sempre imposta ao ato de ler na sala de aula.

O impacto inicial gerado pela presença do livro de literatura na escola repetiu-se em maior escala do que iniciativas anteriores já haviam ocasionado [...] o Programa “Sala de Leitura” não se esgota nisso, a proposta mais ampla e abrangente busca a exigência de uma ação didático-pedagógica, onde a realidade do aluno, em todas as suas peculiaridades esteja presente e onde o ato de ler permita o questionamento desta realidade na busca da compreensão, de modo que com ela se possa interagir e, sobre ela, agir.

Em 1988, a implantação de 47.820 “Salas de Leitura” ocasionou a distribuição de 73.591 acervos onde 3.017.000 livros foram enviados a 4.074.000 crianças, alunos prioritariamente de zonas rurais e periferias urbanas (ANTUNES, 1991, p. 102).

O discurso sobre os propósitos do Salas de Leitura, representados pelos números trazidos por Antunes em 1991, que certamente são reflexos dos dizeres do 5º COLE, parecem apontar para o caminho de que os passos para a democratização do acesso ao livro já estavam sendo consolidados no país. Ainda diante de incertezas e falta de estrutura adequada, a preocupação com as condições do espaço, que também forma o leitor, assim como a presença de um mediador da leitura, estava sendo colocada em pauta naquele momento.

6º COLE – Promoção da leitura

O 6º COLE teve como temática a “Leitura: a questão dos métodos e os métodos em questão” e colocou em pauta a prática da leitura em sala de aula. Os títulos de suas

mesas-redondas antecipam para o leitor os caminhos que esse congresso tomou. O evento contou com uma conferência de abertura, quatro mesas-redondas⁴⁷ e 21 minicursos⁴⁸.

Dois dos quatro objetivos do congresso destacam a questão do espaço da **escola**.

Objetivos:

1. *Apresentar e discutir princípios que permitam uma reflexão sobre novas metodologias para o ensino da leitura nas escolas brasileiras;*
2. *Debater questões atinentes às condições de produção da leitura na rede pública de ensino em sua relação direta com as metodologias atualmente adotadas*
3. *Recuperar e discutir práticas alternativas para o encaminhamento da leitura no 1º, 2º e 3º graus, aprofundando os seus pressupostos e configurações*
4. *Proporcionar aos participantes, através de grupos de estudo (minicursos), conhecimentos que fundamentam novas práticas de leitura no âmbito da escola e da biblioteca (ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL, 1988, p. V, grifos nossos).*

Justamente por isso, assim como no evento anterior, todos os textos presentes nos Anais do evento compuseram nosso corpus de pesquisa. Aqui são unânimes os espaços da **escola, sala de aula, biblioteca, biblioteca de sala, biblioteca escolar, escola pública, sala de leitura** representados como espaços de produção de leitura porque são responsáveis pela sistematização do hábito de ler, seja alfabetizando, seja provendo os estudantes de livros. Encontramos também dois desdobramentos dessa representação: um de que nesses espaços a leitura é obrigação e isso carrega um estigma negativo para o

⁴⁷ Natureza social da leitura e suas implicações na metodologia de ensino; Natureza interdisciplinar da leitura e suas implicações na metodologia de ensino; Condições de produção da leitura na rede pública de ensino; Alternativas metodológicas para o ensino da leitura.

⁴⁸ Proposta para um currículo de leitura na escola, coordenador por Vera Teixeira Aguiar (PUC-RS); Leitura: a formação do gosto, coordenador por Maria do Rosário Magnani (Professora – Campinas); O jogo e a leitura e a leitura do jogo, coordenador por Luís Percival Leme Britto (UFSCAR); Critérios para a seleção de livros didáticos, coordenador por Olga Molina (USP); Curso-montagem: leitura e dramatização, coordenador por Joana Lopes (Diretora de teatro); A dinamização da biblioteca escolar, coordenado por Maria Helana T. C. Barros (Bibliotecária/Jaboticabal-SP); A pesquisa na escola, coordenado por Relinda Kohler (Bibliotecária/Curitiba-PR); Fundamentos psicolinguísticos da alfabetização, coordenado por Silvia Brággio (UFSE); Emília Ferreira e o processo de alfabetização, coordenado por Maria Laura Mayrink-Sabinson (IEL-Unicamp); Uma proposta para alfabetização, coordenado por Iselda Sausen (FIDENE/Ijuí-RS); Trabalho com a linguagem na pré-escola e 1ª série, coordenado por Ana Luiza B. Smolka (FE-Unicamp); Leitura no 1º grau, coordenado por Else Benetti Marques Válio (PUCCAMP); Leitura e Redação no 1º grau, coordenado por Eglê Pontes Franchi; Literatura no 2º grau, coordenado por Alice Vieira (USP); Redação no 2º grau, coordenado por Emília Amaral e Severino Antonio M. Barbosa (Professores, Campinas-SP); Clarice Lispector: obra infantil, coordenado por Maria de Lourdes Patrini (Professora, Campinas-SP); Joel Rufino dos Santos: obra infantil, coordenado por Ivete Kist Huppés (Fundação Alto Taquari de Ensino Superior – Lajeado-RS); O lado sedutor do texto infantil e a sua análise, coordenado por Paulo Bragatto Filho (Instituto Estadual do Livro – Paraná); Produção de textos populares, coordenado por Sílvia Mandredi (GEP-URPLAN-PUCRS); Análise do discurso e leitura, coordenado por João Wanderley Geraldi (IEL-Unicamp); Proposta para o planejamento de unidades de leitura, coordenado por Raquel Salek Fiad (IEL-Unicamp).

aluno que ainda não tem o hábito de ler; e outro de que justamente por isso tudo, esses espaços possibilitam mudanças na sociedade, que só são/serão alcançadas através da leitura:

Como educadora é que tento passar para os meus alunos a ideia de diálogo, de interferência no texto e consequentemente no mundo (a começar pelo próprio mundo da sala de aula, da escola...). Como professora de literatura, procuro me mostrar interessada em textos de maneira geral. Talvez esta seja a minha maneira de interferir na realidade ao meu redor e de, ao menos por alguns momentos dentro da sala de aula, construir algo novo, criativo e libertador (NORONHA, 1988, p. 96-97).

A preocupação com a formação do leitor é nítida nesses enunciados, mas não apenas no que tange ao espaço escolar. Mariano (1988) aponta uma preocupação que atravessa os muros da escola e vai para as **ruas**: como o aluno será leitor da **cidade** se não for capaz de ler as tantas linguagens nela instauradas? De forma fragmentada? Incompleta? Como formar leitores para o mundo?

Para essas e tantas outras questões, parece ser movimento comum nos COLEs as tentativas de propostas de solução, tanto de cunho teórico, quanto prático: melhorias na **escola**, a necessidade da formação de um **aparelho cultural público**, “**centros culturais, casas de cultura** ou instituições congêneres” (PERROTTI, 1988, p. 39, grifos nossos); a criação de **bibliotecas escolares**, e de **aulas de biblioteca**, nas quais, rememora Gadotti (1988, p. 36, grifos nossos), os alunos eram conduzidos pelo professor duas vezes por semana para que ouvissem histórias de livros escolhidos pelo professor. Curiosos, se interessavam pelas leituras e pelas palavras que não conheciam, apelavam para o uso do dicionário e iam se familiarizando com o espaço da biblioteca de maneira bastante positiva e ao lado do professor, porque essa relação é necessária para a formação de leitores “não adianta só exigir leitura, é preciso, até na pós-graduação, a ensinar, orientar ler junto com o outro e ver como devemos ensinar, estudar” (GADOTTI, 1988, p. 36).

No 6º COLE há uma novidade em relação a todos os outros, ao final da transcrição da fala de abertura do congresso, na voz da Deputada Estadual Guiomar Namó de Melo, o encontro com a voz do público que estava presente no evento. Nove perguntas direcionadas à conferencista e suas respectivas respostas compuseram o debate ocorrido e foram registradas neste volume de Anais. As perguntas caminham sempre para movimentos de denúncia das condições do chão da **escola**, de reivindicações para

melhorias, questionamentos das ações do governo, que colocam em xeque conflitos de interesse entre a classe trabalhadora da escola e o governo:

Concordo quando a senhora diz que o grande problema que enfrentamos se encontra no conflito de interesses dentro do aparelho do Estado. Como romper este círculo vicioso, já que atualmente temos, dentro da máquina do estado, um partido que tinha um papel, um ideal a ser concretizado e continua a levar projetos demagógicos e eleitoreiros? Como superar essa descrença que se instala na sociedade civil em relação a atividade partidária? Por que o Estado tem interesses em projetos de impacto e não naqueles que permitam às bases, às escolas, condições de pleno funcionamento? Ainda dentro desse tema: você coloca, com muita propriedade e lucidez, toda uma situação atual que caracteriza, não apenas o aspecto político brasileiro, mas a sociedade como um todo. Contudo, sua postura de “aguardando novas ideias”, não me convence muito na medida em que você mostra ter posições tão definidas e incisivas. Como viver este momento tão controvertido, trabalhando com a educação? (ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL, 1988, p. 14).

Parece que este é o registro de um movimento de luta do público do Congresso. O debate segue bastante rico e extenso sobre essas e outras questões, principalmente no campo político e educacional. Tanto da parte da conferencista, quanto do público questionador, incertezas sobre melhorias na escola, sobre o magistério que acompanha os passos sofridos do desenvolvimento desigual da nossa sociedade.

Mas depois de 20 anos de esmagamento salarial, de deterioração de qualidade de trabalho, de abandono da escola pública, de esvaziamento da universidade, não se pode exigir que o magistério seja o único setor, dessa sociedade, aguerrido, organizado, superados os seus problemas corporativos, com clareza, lucidez de propostas, organização, com canais para falar com a sociedade. Se fosse, então o magistério estaria fazendo uma revolução sozinho. Eu acho que não está, e também não acho que nós devemos esperar dele mais do que a sociedade no seu conjunto (MELLO, 1988, p. 15-16).

7º COLE – O literário

O 7º COLE, com um enfoque temático um pouco mais literário, “Nas malhas da leitura, puxando outros fios”, leva à discussão sobre a leitura para “além do espaço escolar”, colocando em destaque a voz do escritor, de representantes de órgãos e instituições oficiais, de professores e pesquisadores com o objetivo de:

- Ampliar a discussão para além do espaço escolar a fim de possibilitar uma primeira aproximação à caracterização da leitura no interior da mocidade brasileira, pelas ações de diferentes instâncias culturais.
- Reunir, no encontro, não só professores e pesquisadores, mas todos aqueles que também promovem a leitura e que produzem ou constroem as possibilidades de acesso ao que se lê.
- Rever a amplitude do ato de ler face à produção, na sociedade brasileira contemporânea, de múltiplos objetos de leitura.
- Discutir a presença de diferentes objetos de leitura na sociedade e no contexto escolar. (ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL, 1991, p. 7)

O 7º COLE contou com apenas três mesas-redondas⁴⁹ e houve um conjunto de 36 minicursos realizados. Parte significativa desses minicursos eram voltados a questões de cunho literário⁵⁰. Conforme dito anteriormente, este movimento justifica a baixa quantidade de textos selecionados neste Congresso, apenas sete textos, dos vinte oficiais.

Os *espaços de leitura* que identificamos nesse Congresso foram: a **escola**, a **sala de aula**, a **sala de leitura**, a **biblioteca**, **escolar e pública**, a **livraria**, a **casa** e a **comunidade**. Mesmo permeados pelo literário, esses discursos se encontram carregados de movimentos de denúncia. Os espaços que devem promover acesso ao livro, promover

⁴⁹ De leitor para leitores: a produção do que se lê; De leitor para leitores: o texto verbal e não verbal; De leitor para leitores: políticas públicas e programas de incentivo à leitura”.

⁵⁰ São eles: Criação literária: autor-leitor-texto, coordenado por Roberto Gomes; Sexualidade, literatura e repressão, coordenado por Deonísio da Silva; Portugueses Contemporâneos (A e B), coordenado por Haquira Osakabe e Paulo Franchetti; O conto anarquista no Brasil, coordenado por Antonio Arnoni Prado; Padre Vieira e o Barroco, coordenado por Antonio Alcir Pécora; Estudos em literatura de consumo, coordenado por Erci Sabinson; Literatura Brasileira contemporânea, coordenado por Jesus Antonio Durigan; Poesia infantil: ontem e hoje, coordenado por Elias José; Literatura infantil e juvenil: complexidades e banalizações (A e B), coordenado por Maria Helena Martins, Maria Luiza Zoega e Sônia I. Fernandes; Raízes populares da literatura infanto-juvenil nordestina, coordenado por Neide Medeiros Santos; Fatores linguísticos e não linguísticos na interpretação, coordenado por Sírío Possenti; Análise do discurso e leitura, coordenado por Eni Orlandi; Leitura: ensino para pós-alfabetizados, coordenado por Ângela B. Kleiman; Escrever é desvendar o mundo, coordenado por Emilia Amaral e Severino A. Barbosa; Programas de leitura da obra de ficção na escola: configuração para planejamento, coordenado por Ezequiel Theodoro da Silva; A leitura e o jogo simbólico, coordenado por Else Benetti M. Válio; Ler e redigir, coordenado por Maria Antonieta da Cunha; Trabalho interdisciplinar de leitura na escola, coordenado por Tânia Maria K. Rósing; Exercícios de abordagem textual e teoria da literatura, coordenado por Vera T. Aguiar; Escolha dos textos na sala de aula: contribuições da crítica literária, coordenado por Maria da Glória Bordini; Introdução ao pensamento de Bakhtin: linguagem e interação, coordenado por Carlos Alberto Faraco; Filosofia do professor de português: a hermenêutica, seu objeto e suas exigências, coordenado por Augusto Novaski; A expressão plástica: atelier de vivência, coordenado por Sueli Francisco M. de Souza; Programas de TV e a questão da leitura, coordenado por Maria Tereza F. Rocco; Integração professor/bibliotecário na universidade: caminhos e alternativas, coordenado por Maria Isabel Santoro; Fundamentos para uma crítica efetiva de leitura em bibliotecas públicas e infantis, coordenado por Roseli Silva Leme; Cartilha e leitura, coordenado por Luiz Carlos Cagliari; A constituição do leitor nas séries iniciais, coordenado por Sarita Moysés; Alfabetização: hipóteses do aprendiz x estágios de aprendizagem, coordenado por Maria Bernadete M. Abaurre; O desenvolvimento da criança e o trabalho de escrita e leitura, coordenado por Ana Luiza B. Smolka; Leitura e escrita: núcleos de atividades, coordenado por Rosália M. Ribeiro Aragão; Aprendizagem de leitura e escrita: revendo a noção do “erro”, coordenado por Maria Cecília R. Goés; Afasia, escrita e leitura, coordenado por Maria Irma H. Coudry; TV, vídeo e trabalho educacional, coordenado por Carlos Eduardo A. Miranda.

leitura, estimular o hábito de leitura, que são os meios para o conhecimento, são carentes, quando existem, e precisam ser melhorados e criados.

Há que se criar **livrarias e bibliotecas** especializadas no público infantil. Há que se levar em conta as necessidades e vontades do leitor: “Penso também, que essa política pública para a leitura deve ter, ao mesmo tempo, um caráter nacional e uma cara local. O fortalecimento da comunidade principalmente na decisão da ação. Decidir sobre o que ler, onde ler, como ler e quando ler” (GARCIA, 1991, p. 106, grifo do autor).

A preocupação com o “onde ler” vai começando a ganhar espaço no âmbito do Congresso. Aqui vemos as primeiras manifestações que voltam o olhar para o “corpo que lê”, ou a corporeidade da leitura:

[...] a escola tem a tendência a voltar atrás e negar esse mundo indiviso, esse mundo que tem uma riqueza tão grande, da manifestação do corpo da pessoa, do sentimento dela, e aquilo é podado, é transformado da esquerda para a direita, de cima para baixo, e aos poucos a criança vai ficando até quase autômata (sic.). Dentro da escola ela já sabe todas as regras do jogo [...] para escrever é assim, para não pegar recuperação é assim (FISCHER, 1991, p. 63-64).

A escola, que nega a manifestação do corpo da pessoa, o corpo que lê e escreve antes mesmo de ser escolarizado, que dá o caráter abstrato e cognitivo à leitura, obrigação ao texto literário, é a mesma que se coloca como um espaço de grande circulação e consumo do livro.

8º COLE – Leitura crítica e cidadania

O 8º COLE contou com um Discurso de Abertura, quatro conferências e quatro mesas-redondas⁵¹, que geraram 24 textos, dos quais selecionamos dezessete. Além disso, três textos presentes nos Anais se referem às Áreas Temáticas dos trabalhos inscritos no congresso, apresentados em Sessões de Comunicação. São textos oficiais que orientaram e organizaram essa parte da programação do Congresso, por isso compuseram nosso universo de busca.

⁵¹ Leitura e prática docente; Ensino da literatura na sociedade intersemiótica; Função educativa da leitura literária; Leitura, imaginação e exercícios da cidadania. Mesas-Redondas: As práticas de leitura do professor brasileiro: análise e perspectivas; As práticas de ensino no contexto das linguagens verbais e não-verbais; Da necessidade da presença da literatura na vida dos educadores; Leitura crítica e sua promoção na escola.

Um desses textos se refere à questão dos espaços, mais especificamente à **sala de aula** da pré-escola e séries iniciais⁵², espaços que provavelmente ganharam atenção especial nessa sessão de comunicação, embora o texto gerador traga a luz à escola, de maneira mais geral. Nele, Smolka retrata três momentos de reflexão sobre a leitura. No primeiro deles, um movimento de revisitar as vozes da teoria, destaca a teoria de Mikhail Bakhtin e, em especial, as publicações do COLE e da ALB, o que pode apontar para a ideia de que as vozes da entidade e do congresso vão se marcando espaços importantes na teoria da leitura.

O segundo movimento da autora é pensar o leitor no ambiente em que se aprende a ler, a **escola**, a “arena de luta” do leitor: “lugar instituído e institucionalizado da produção de leitores e da leitura. Lugar que também produz, como se sabe, não leitores” (SMOLKA, 1992, p. 228) e segue tecendo pensamentos acerca da pluralidade de concepções que levam a práticas que se cruzam em sala de aula e que perpassam pela formação do leitor, seja para sua formação ou afastamento da leitura.

A autora retrata que no trabalho com a leitura na escola, uma “pedagogia da leitura” se manifesta e nela a questão do espaço vai se fazendo importante: “ouve-se a priorização do **espaço do aluno** e o encorajamento da sua voz na autoria, ouve-se a sugestão para as **salas de leitura**, a necessidade de verbas para livros, a importância da criação de **bibliotecas**” em uma escola representa o ato de ler enquanto fundamental da prática cotidiana (SMOLKA, 1992, p. 228-229, grifos nossos).

No terceiro momento da reflexão da autora, a questão dos espaços em que a prática de leitura acontece e do corpo que lê toma forma em linguagem poética:

Ler as folhas das árvores caindo no chão. Tomar uma folha nas mãos.
Ler as árvores florindo. Sentir o perfume. Ler ninho de passarinho
vazio. Ler manga, abacate e morango no pé e na banca de frutas. Ler
produtos no bar, na quitanda, ou no shopping. Ler traços e pistas,
estradas e trilhas. Ler sintomas. Ler sinais luminosos. Ler encontro de
astros no céu. Ler rostos e gestos de pessoas. Ler modos e modas. Ler
o relógio. Ler o botão do fogão. Ler o livro amarelecido que a vovó deu.
Ler a foto da vovó. Ler contos de fadas. Ler música. Ler revistinha de
montão. Ler a Bíblia. Não ter livro para ler. Ler escondido. Ler
Drummond. Ler Proust, Oscar Wilde, Jorge Amado. Ler Shakespeare
em quadrinhos. Digitar no computador. E ler. Não gostar de ler. Ler a
brisa. Ler ideias dos outros. Ler o outro nos textos. Ler memórias. Não

⁵² SMOLKA, Ana Luiza B. Leitura na pré-escola e séries iniciais (uma reflexão em três momentos). In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB, 1992, p. 227-232.

precisar ler escondido. Ler as histórias contadas por muitos homens. Re-ler... (SMOLKA, 1992, p. 229)

A autora coloca em destaque a leitura em espaços cotidianos. É possível que este texto tenha despertado, nas comunicações orais, reflexões que representam a escola como espaço por excelência na formação do leitor para a vida em uma sociedade letrada, em que a leitura está presente, cotidianamente, em diversos espaços.

Além disso, é possível pensar que essas reflexões também teriam ponderado uma escola que ressignifica o ato de ler no ensinar da palavra escrita e da leitura em uma perspectiva dialógica, em contrapartida a uma concepção mais tradicional do ensino de leitura.

O oitavo Congresso trabalhou com a temática “Leitura: Autonomia, Trabalho e Cidadania”, desdobrando-a nos subtemas:

Condições de produção de leitura para o magistério
Ensino da leitura no contexto das linguagens verbais e não-verbais
Necessidade da literatura na vida dos educadores
Leitura e exercício da cidadania (ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL, 1992, p. 9)

Dos dezessete textos selecionados para o corpus dessa pesquisa, cinco foram escolhidos por remeterem à noção de *espaço de leitura* logo em seu título. Entretanto, um desses textos, de Maria Antonieta Antunes Cunha, apenas faz a menção no título, *Leitura crítica e sua promoção na escola*, não desenvolvendo na discussão questões que perpassem pelos *espaços de leitura*.

Todos os demais reúnem considerações que destacam a leitura em vários espaços. Em grande parte desses textos, é possível perceber a ênfase dada ao conceito de leitura crítica na **escola**, espaço representado como aquele em que é necessário ensinar, praticar e promover a leitura crítica, como sendo o espaço que dá acesso ao saber e que forma o leitor:

É no contexto de uma prática de linguagem que se situa a **leitura – encontro entre sujeitos** (e não estou pensando num sujeito ex-nihilo, mas num sujeito heterogênea e ideologicamente constituído) que não cabe ao professor apenas testemunhar: enquanto sujeito, também ele leitor, é sua tarefa acompanhar a **caminhada interpretativa** do leitor que se forma, apontando pistas, restabelecendo passos para compreender que contrapalavras seu aluno trouxe para o texto que lê, produzindo a compreensão do que produziu (GERALDI, 1992, p. 198. Grifos do autor).

Essa representação do professor também como leitor, enquanto parte fundamental de seu desempenho profissional, sujeito que intervém na formação em leitura de seus alunos, perpassa diversos tempos e momentos no COLE. É possível pensar que na teoria da leitura, o professor-leitor é sinônimo de professor que ensina leitura. Grossi explicita: “Quando o olhar do professor para o objeto de conhecimento não é um olhar de interesse, não é um olhar de paixão, os alunos também não olham” e que, inclusive, é dever do professor frequentar a **banca de jornal** para saber o que o aluno anda lendo (GROSSI, 1992, p. 190).

O **COLE** é também mencionado como um espaço que forma esse professor-leitor. A menção ao evento como sendo um espaço no qual se estuda sobre a leitura já havia aparecido em textos do 4º e 6º COLEs. Igualmente, enquanto espaço de reunião de profissionais da leitura – entre eles os professores – no 7º COLE, ao lado das **Feiras do Livro**, congressos e seminários de outras instituições, como os da Associação de Professores de Língua e Literatura (APLL), do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP), do Centro de Pesquisas Literárias do Rio Grande do Sul, da Associação Internacional de Leitura Conselho Sul (ALBS), entre outros.

Aqui o **COLE** é representado como um espaço da prática da leitura pelo professorado: “As possibilidades de práticas de leitura pelos professores brasileiros constituem a essência deste congresso” (SILVA, 1992, p. 37).

A escola também é representada como *espaço de leitura* do professor, leitura essa direcionada ao trabalho em sala de aula, ao ofício docente. Em relato sobre a circulação da Revista Nova Escola, que era gratuita e amplamente distribuída nas escolas, essa discussão se coloca fortemente marcada. Há a afirmativa de que a revista é lida pelo professor porque ele se interessa pelo assunto, porque a linguagem é acessível, porque o acesso ao impresso é fácil e gratuito, em oposição ao texto literário (SANCHEZ, 1992). O professor tem que ser leitor seja na escola, seja frequentando **bibliotecas, livrarias ou universidades**.

Outra representação da **escola** se faz no âmbito das lembranças, a escola como um espaço de memória, em que os pais dos alunos se encontram com seu passado ao ler os livros que a escola impõe como tarefa (MESERANI, 1992). A esse respeito, na **escola** e na **sala de aula**, há a certeza de que a literatura deve ser dessacralizada, de que devem se

renovar as práticas, trabalhar a literatura com recursos audiovisuais que a TV proporciona, trabalhar com a leitura compartilhada.

A **biblioteca escolar e pública**, que devem ser espaços livres para práticas de manifestações culturais, espaços de promoção da leitura; e às **casas da classe privilegiada**, como espaço rico em estímulos ao hábito de ler, enquanto as **casas da classe popular** são pobres em escritos (GROSSI, 1992), também foram espaços mencionados nesse congresso.

O espaço **editora** também ganha destaque nos textos que compõem nosso corpus, ainda que em pequena quantidade, porque ela aparece, majoritariamente, apenas relacionada ao polo da produção do livro, do material didático, enfim, do impresso. Apenas nos 8º e 9º COLEs, ela é representada como espaço de contato com o livro, quando Magnani, comenta sobre uma pesquisa realizada com professores:

Indagados de que forma entraram em contato com a literatura, 44% das respostas obtidas informaram que foi através da escola regular (19%) ou cursos e matérias optativas (25%). Foram indicadas também a família (10%), bibliotecas (13%), FDE (5%), editoras (5%) e outras formas de contato (10%) (MAGNANI, 1991, p. 57).

E no 9º COLE, quando Cunha discute a **editora** como um espaço em que há preocupação social com a prática de produzir livros:

E do ponto de vista do editor, eu acho que tem de haver uma posição clara dele e de cada editora com relação à sua empresa e ele afinal fazer a opção entre que papel social e cultural que ele pretende desempenhar no Brasil. [...] Escolhendo com clareza nós vamos poder – inclusive com mais segurança – olhar catálogos, estabelecer diálogos... (CUNHA, 1993, p. 70)

Há também a recorrente menção ao editor de livro, mas em situação de referência aos profissionais da leitura. Da mesma forma, em alguns COLEs a referência à ação das editoras nas escolas, que representam um espaço estratégico de interesse ao marketing editorial.

9º COLE – Resultados

Com o temário “Leitura: Conquista de uma Realidade” e com os objetivos de:

1. Analisar o ato de ler sob a ótica de experiências de vida de indivíduos e grupos.
2. Dinamizar a leitura na escola e fora dela, com o intuito de promover a participação do indivíduo na análise e transformação de sua realidade existencial.
3. Promover um intercâmbio de experiências significativas referentes ao ato de ler nos diferentes contextos regionais.
4. Incentivar a criação de núcleos de estudo e pesquisa sobre o ato de ler.
5. Sensibilizar os órgãos oficiais da necessidade de diretrizes políticas concretas para a promoção da leitura em nível nacional. (ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL, 1993, p. VII)

O 9º COLE apresenta um discurso mais próximo ao campo da ação. Parte considerável de seus textos é natureza prática, relatos de experiências pelos quais perpassam discussões teóricas, relatos de entidades relacionadas à problemática da leitura, apontando resultados; textos analisando a política da leitura e colocando em questão a **sala de aula**.

No 9º COLE houve quatro conferências e dezesseis mesas-redondas⁵³. Cada uma dessas mesas-redondas gerou, pelo menos, dois textos, totalizando 40. Porém, só tivemos contato com 28 desses textos, porque os Anais do 9º COLE não foram finalizados, nem publicados. Como explicado anteriormente, o acervo da ALB conta apenas com o Volume 1 de dois planejados. Desses 28 textos, quinze foram selecionados e estudados para buscar nosso tema de estudo.

No conjunto eleito, há também textos que discorrem sobre a prática do professor, do livreiro, da leitura, mas não citam, nem mencionam, nem colocam em discussão o espaço em que isso acontece, ainda que intuitivamente seja possível ligar as práticas à escola (como no caso do professor, por exemplo). O espaço parece representar a

⁵³ Conferências: Leitura em momento de crise social; Novas linguagens e a questão da leitura; O combate aos simulacros através da leitura; Leitura e trabalho educativo. Mesas-Redondas: Políticas Nacionais de leitura: uma análise; Edições de livros para a infância: caminhos e descaminhos; Memória da leitura no Brasil: a sua importância; A FDE e a promoção da leitura nas escolas; Leitura e liberdade; Leitura das imagens e sons; Leitura e estudo; Leitura na educação de adultos; Leitura literária; Leitura no terceiro grau; A edição de livros no Brasil e seus desafios; A leitura em voz alta morreu; Leitura de 5ª a 8ª série; Leitura na pré-escola; O professor como leitor; Leitura e alfabetização.

instituição responsável pela leitura. A título de exemplo, trazemos um trecho da fala de Maria da Glória Bordini.

Uma estratégia de leitura fundamentada nessa postura culturalista, mas visando enfrentar as barreiras do jovem ou do adulto ante o livro, teria, em primeiro lugar, que trabalhar com a resistência à cultura livresca. [...] Desse modo a **escola** teria uma visão de como variam as atitudes ante a leitura e o livro nas culturas que a comunidade engloba (BORDINI, 1993, p. 218-219).

Para além das representações dos espaços que vimos apresentando até agora, da **escola** que possibilita mudanças porque tem a função social de ensinar a ler, da **sala de aula** que não leva em conta a realidade da comunidade, da **biblioteca** que é espaço em que se busca respostas a tarefas escolares, das **livrarias**, ausentes; é no 9º COLE que nosso objeto de estudo se faz presente de maneira mais explícita. O texto *História de leituras de futuros professores* de Alice Vieira, da USP, trabalha com a noção de *espaço de leitura* como entendemos hoje, colocando-o como parte integrante da prática de leitura.

Ao discorrer sobre a questão da formação do leitor, Vieira questiona a afirmativa generalizada de que professor e aluno não leem, destacando que atos de leitura são realizados a todo momento na nossa sociedade. De diversas maneiras, com diversos objetivos e em variados espaços, todos leem: “Os locais em que as leituras realizam-se são os mais diversificados e cada um tem a sua maneira peculiar de ler” (VIEIRA, 1993, p. 154).

A autora relata uma pesquisa realizada com alunos da Faculdade de Educação da USP na qual investigou histórias de leitura desses alunos, focalizando as situações em que as leituras relatadas ocorriam e os tipos de textos lidos. Além de destacar situações que estimularam ou desestimularam a formação desses leitores em suas famílias e vida escolar, Vieira conclui que o espaço em que o contato com o impresso acontece, é definitivo nesse processo. “A formação do leitor estabelece-se também na familiarização que o indivíduo tem com os lugares em que os textos escritos são encontrados de forma organizada, tais como **bibliotecas, livrarias, sebos** e outros” (VIEIRA, 1993, p. 152-153, grifos nossos).

Destaca também que as maneiras de ler se definem em relação aos tipos de textos e/ou aos objetivos da leitura, mas sempre se relacionam com os espaços: a leitura de jornal, para obter informações, que é realizada na **fila do ônibus**, no **trajeto** para a faculdade, durante as aulas; a leitura de revistas de fofocas na **sala de espera do**

consultório ou **no salão de cabeleireiro**. Na **cama**, na hora de dormir, o conto, o romance. A leitura de estudo, que pede por um local silencioso, como uma **biblioteca**. O leitor mais assíduo que lê o romance em qualquer lugar, sempre que tem tempo. E há também quem leia para passar tempo “porque não sabe o que fazer em uma fila” (VIEIRA, 1993, p. 154-155).

A autora se movimenta no sentido de aprofundar as discussões sobre as histórias de leitura na formação do leitor, futuro professor, destacando a importância de que se reconheça que as individualidades de cada leitor devem ser levadas em conta em um processo de ensino de leitura. Embora suas considerações finais não voltem a destacar a questão do espaço, que fica em evidência apenas no relato da pesquisa realizada, a autora contribui para a temática em estudo de forma bastante significativa, e afirma: “É importante ressaltar que a distinção entre as leituras de “prazer” e de estudo não se estabelece em relação ao tipo de texto, mas sim em relação à situação ou locais onde se efetuam e aos objetivos propostos” (VIEIRA, 1993, p. 155).

Além de Vieira, outros autores perpassam pela temática ao colocar em perspectiva questões relativas ao espaço da **sala de aula** como importantes para a prática: “A técnica do crachá, onde o alfabetizando é chamado a escolher no cartaz de pregas o cartão com o seu nome, como se fosse a chapeira do ponto de seu trabalho”; “No primeiro passo da alfabetização os textos são produzidos oralmente a partir da palavra geradora e copiados na lousa” (MENDONÇA, 1993, p. 193); ou ainda, no âmbito de um programa nacional da leitura (o PROLER) o anseio de promover a leitura em espaços comuns: “A meta maior é a de desescolarizar a leitura e levá-la aos espaços sociais em que o cidadão vive o seu cotidiano” (FILHO, 1993, p. 37).

3.2. Uma síntese possível

Caminhamos por alguns conjuntos (dentre tantos outros) de representações que podem ser pensadas a partir da identificação desses *espaços de leitura* nos textos dos cadernos de Resumos e Anais que retomam as apresentações feitas nos congressos. Estamos em busca dos modos “como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 2002, p. 16-17).

Apoiamo-nos em Chartier para afirmar essa produção cultural, sua pluralidade de sentidos produzidos e compreendidos, seus reflexos na história e na sociedade:

[...] esta história deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido. Rompendo com a antiga ideia que dotava os textos e as obras de um sentido intrínseco, absoluto, único — o qual a crítica tinha a obrigação de identificar —, dirige-se as práticas que, pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo. Daí a caracterização das práticas discursivas como produtoras de ordenamento, de afirmação, de distâncias, de divisões; daí o reconhecimento das práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação. (CHARTIER, 2002, p. 27-28)

Os enunciados que apresentamos constituem representações sobre os *espaços de leitura*. São matrizes de um discurso que representa esse congresso, essa entidade. Esse “um” conjunto de representações dadas a ver pela ALB que, pela voz dos participantes oficiais, colocava em circulação uma “produção cultural” acerca de questões várias da leitura, recobre discursos que representam formas de pensar, de encaminhar, de fazer na prática da escola, dentro de uma lógica que representa uma ideologia, uma postura, algo que, em sua circulação entre profissionais ligados ao livro e à leitura, se presta a discutir e dar sentidos para os *espaços de leitura*, em diversos tempos.

Nesse sentido, nossa leitura permitiu a proposição de muitas formas distintas de representar os *espaços de leitura*. Há um conjunto no qual prevalecem sentidos ligados à organização e estrutura desse espaço físico. Nele o *espaço de leitura* é visto e dado a ler como sendo: ausente ou presente em pequena quantidade; tão inexistente que precisa ser criado; concentrado no eixo Rio-São Paulo; um espaço que é para guarda de livros ou coleção de livros, mas que carece de serviço especializado; improvisado; um espaço destinado a garantir o acesso e a convivência com o livro, mas que contraditoriamente é de difícil acesso e não dispõe de acervo adequado; que é sacralizado, limita a liberdade, está associado à obrigação; provoca desinteresse, desconforto, é excessivamente burocratizado, que não leva em conta a realidade da comunidade; espaço econômico estratégico para o marketing editorial e a política de governo.

Aparecem também representações que aproximam seus sentidos das funções que são ou que devem ser exercidas pelos espaços: espaço responsável pela incentivo, formação e sistematização do hábito de ler; espaço que constitui o primeiro mundo da criança, seu contexto de linguagem; espaço de formação do adolescente cidadão; espaço de reunião de profissionais da leitura; espaço em que é necessário ensinar, praticar e promover leitura crítica; espaço de trabalho com outras linguagens; espaço de encontro

da leitura com multiculturas; espaço de nostalgia, de encontro com o passado; espaço que possibilita mudanças; espaço praticado e ressignificado.

Essas representações perpassam os textos de forma bastante heterogênea no que diz respeito à linha temporal COLE a COLE. Como já demonstrado anteriormente, há sentidos comuns, continuidades encontradas do 1º ao 9º COLE. As questões da denúncia em relação à ausência dos *espaços de leitura* públicos (**escola** e **biblioteca**), aos espaços em que a leitura se torna uma obrigação (**escola** e **sala de aula**) ou a defesa dos espaços como responsáveis pela formação do hábito e gosto da leitura (**escola, sala de aula, biblioteca, casa**) são exemplos dessa continuidade...

Vale destacar também os dois espaços mais citados nesse conjunto de textos, a **escola** e a **biblioteca**. É possível representar a escola como o espaço de formação de leitor por excelência, que tem na alfabetização o momento de iniciação do sujeito no mundo da escrita, e que é, por isso também, o grande responsável por essa ação. O valor concedido a esse espaço parece ser inquestionável. Mesmo reconhecendo a família, sociedade e biblioteca como agentes que podem formar os leitores, o espaço da escola é o espaço reconhecido como o mais apropriado para a prática da leitura, formação do hábito etc.

Ela também é representada num misto de reconhecimento de seu impacto na sociedade e de denúncia de suas condições: espaço carente, de condições precárias, porque desprovido de investimento e interesse do poder público. Um espaço sem tempo para a leitura, com profissionais destituídos da formação necessária para a formação de leitores; um espaço em que há pouco interesse de ser frequentado, porque obrigatório e alienante, que reproduz a cultura dominante. Espaço identificado com valores burgueses, com uma variante da linguagem ou dialeto distante daquele utilizado pelas classes populares.

Esse espaço deveria constituir-se em algo bastante diferente. Mereceria uma política de cuidados com a criança, com o livro e a leitura, com a biblioteca e a formação adequada dos profissionais responsáveis pela educação das novas gerações. Deveria constituir-se num espaço que reconhece a historicidade da leitura, que valoriza os sentidos atribuídos aos textos pelos leitores, afastando-se dos modelos identificados com a classe burguesa. Espaço de liberdade, de garantia de movimentação e descontração.

A biblioteca representa o espaço que funciona como um ponto de encontro entre livro e leitor, ao prover e garantir o acesso; é a representação que mais frequentemente esses autores conclamam, alguns ainda dizendo que por ser esse seu objetivo, o espaço é insuficiente e carente de recursos e acervo adequado às necessidades de um leitor crítico.

Nesse sentido de adversidade, a biblioteca ainda é retratada como lugar inexistente - tanto nas áreas mais longínquas, quanto nas escolas - lugar desestruturado, pobre de recursos, escassa de profissional especializado, como lugar que sofre com o desprezo do setor público e que se presta a suprir carências da escola pública, como lugar estigmatizado por estar identificado exclusivamente com a cultura dominante, como lugar de guarda do saber legitimado, sofisticado demais, que afasta o livro do leitor.

Por outro lado, também encontramos dizeres otimistas, de pessoas que insistem em lutar pela garantia desse espaço como sendo ideal para o fomento de práticas de leitura, por meio de projetos que visam o encontro do livro com o leitor. O surgimento da preocupação com a existência do espaço em sindicatos e indústrias, em um movimento de levar o livro às classes que não podem ir aos grandes centros, por exemplo, advém de uma representação positiva do espaço, seu potencial para democratizar o ato de ler.

De toda forma, nos parece certo que a preocupação com os espaços físicos em que as práticas de leitura acontecem sempre esteve presente nas discussões dos congressos. As principais continuidades das preocupações levantadas pela voz dos convidados da ALB parecem caminhar por questões de acesso ao livro, ausência de espaços adequados para que isso ocorra, necessidade de criação de mais espaços em que se tenha o contato com o objeto que carrega conhecimento: o livro.

As formas de representação dos espaços variam conforme variam as concepções de leitura, leitor, prática de leitura e espaço de leitura. Na opinião de Santos (2017), a princípio, a concepção de leitura mais fortemente presente nos primeiros COLEs se apoiava na psicologia fenomenológica-existencialista:

Em meu levantamento inicial e de perfil descritivo, entrevejo ainda, por meio da força da produção de política de leitura fomentada pelo COLE, concepções de leitura de ordem psicológica, que poderiam ser caracterizadas como plurais e híbridas já que negociam seus principais sentidos com o marxismo, humanismo e com a fenomenologia, tanto a partir da produção de Paulo Freire quanto pela produção de Ezequiel Theodoro da Silva.

Isso se evidencia no levantamento de Silva (1981, p. 55, 60) que tanto procura negar a leitura entendida pelo viés positivista quanto procura destacar uma compreensão do “ato psicológico de ler”, e de uma “psicologia essencialmente humana”, o que parece ter ecoado em várias edições do COLE. Nesse sentido, conforme evidencia o autor. “[...] busca-se na ontologia, hermenêutica, na comunicação e na própria psicologia (não a behaviorista, mas a fenomenológica-existencial) aqueles dados que permitam perspectivar os elementos constitutivos do ato de ler, colocando-os dentro de uma estrutura significativa” (SANTOS, 2017, p. 67).

Mas havia, também, aquela concepção de ordem sociológica:

Para além dessa concepção, entrevejo a articulação e sobreposição de elementos de uma prática de leitura, prática social de leitura, que pode ser condensada por significantes de uma perspectiva sociológica, que tanto traz à tona elementos de um olhar fenomenológico quanto problematiza relações de poder de cada período, contexto em que o processo de leitura está circunscrito (SILVA, 1998).

Como exemplo, cito a produção do Livro Elementos de uma pedagogia da Leitura, que ao focalizar a escola, abre mão de uma discussão propriamente psicológica com outros campos discursivos, e ainda o livro Literatura e Pedagogia, desenvolvido por Silva e Zilberman (1990), em que se delineia o ensino de literatura, sua história fora e dentro dos documentos curriculares, bem como seu caráter formativo (SANTOS, 2017, p. 68).

As variações vão sendo registradas nos Resumos e Anais dos COLEs e é possível perceber a pluralidade de ideias e concepções que coexistem, permanecem, multiplicam-se. A perspectiva que se delineia com chegada e ampla divulgação no Brasil dos estudos sobre o livro e a leitura pautados na História Cultural, é possível de ser indiciada no discurso da professora do IEL-Unicamp, Márcia Abreu, no 9º COLE, acerca da história das leituras populares no Brasil, que bastante se aproxima da temática de estudo de Roger Chartier (2002, 2009) sobre a “Biblioteca Azul” na França do século XVII, uma história da leitura cujo foco atinge, também, a leitura do cotidiano, não só aquela oficial, propagada pelos livros de história:

Uma vez que se sabe da existência de um envio regular de folhetos de cordel para o Brasil, impõem-se uma questão: qual era o destino desta literatura aqui? Ou seja, qual era seu público, quem a comercializava, de que forma ela era vendida?

[...]

Com a chegada da corte, em 1808, começam a surgir livrarias – na acepção atual do termo – vendendo tanto publicações brasileiras como livros importados da Europa. Essas casas anunciavam as obras à venda através do jornal, de listas de livros publicadas nas últimas páginas de uma obra por elas editadas ou através de catálogos onde relacionavam as obras de seu acervo. [...]

Estes catálogos fornecem listagens de livros bastante numerosas e foram editados em profusão ao longo do século XIX e no início do século XX – a maior parte dos catálogos data de meados do séc. XIX, sendo que o mais antigo por mim encontrado é de 1811 (ABREU, 1993, p. 83-84).

Ainda, no COLE, o contato com uma concepção de leitura considera o leitor enquanto um ser plural, que constrói suas habilidades de leitura a partir do contato com o

universo cultural em que se insere, inclusive em relação com o espaço físico em que pratica a leitura.

Para começar, creio que devemos refletir sobre a especificidade da leitura na escola. Não esqueçamos que a prática de ler em sala de aula, ao lado de ser uma prática individual, constitui-se boa parte das vezes também numa tarefa coletiva. Seja pelo confronto de opiniões, pelos diferentes níveis de atenção despertados, ou seja, ainda pelo gosto diferenciado de cada leitor, a oportunidade de discussão e confrontação permite a cada um o seu posicionamento em relação ao texto.

[...]

Através da escola, o jovem depara-se com textos, ou melhor, com instrumentos – mais ou menos eficazes – que colocam em cena um jogo de experiências em que cada um entra à sua maneira. Não podemos esquecer, contudo, que muitos desses leitores já têm uma história social cravada na sua idade. São leitores a partir de uma família e de um ambiente determinado que a leitura põe em movimento. É nesse sentido que o espaço da escola pode se tornar importante, ao permitir aos leitores adolescentes que experimentem e arrisquem as múltiplas possibilidades de cada um para encontrar o seu lugar de sujeito (PAIXÃO, 1992, p. 207 e 209).

O encontro do leitor com o texto, a leitura escolar, o leitor plural, a ideia de polifonia, estão presentes nesses enunciados de maneira que podemos relacionar com o conceito de leitura enquanto prática cultural. Aprendem-se modos de ler, modos de compreender o texto, gosta-se ou não de ler, pelas práticas e representações que estão enraizadas na cultura.

4. Considerações Finais

O repúdio ou estímulo à leitura só podem ser bem compreendidos se forem examinados os objetos que se tomam para ler e sua relação com questões políticas, estéticas, morais ou religiosas nos diferentes tempos e *lugares em que homens e mulheres, sozinhos ou acompanhados, debruçaram-se sobre textos escritos.* (ABREU, 2002, p. 15, grifos nossos)

No livro que reúne as participações no 1º Congresso de História do Livro e da Leitura no Brasil, evento promovido pela ALB, em coocorrência ao 12º COLE (1998), que contou com pesquisadores nacionais e internacionais, Márcia Abreu faz a assertiva em destaque. Apoiamo-nos na ideia de que os enunciados sobre *espaço de leitura*, assim como a própria prática de leitura, variam no âmbito das teorias, das políticas sobre a leitura e que as diferentes abordagens atravessam as discussões dos COLEs no tempo.

Uma breve revisitada a algumas leituras nos contam parte dessa história. Silva (2002) afirma que na história da leitura luso-brasileira, o livro e seu processo de produção foi o primeiro objeto de estudo dos historiadores, sendo que o trabalho do editor ganha mais atenção do que o do próprio autor. Ao voltar o olhar para os leitores, o trabalho do historiador aborda principalmente questões de distribuição e divulgação dos impressos. Em primeira instância, estuda-se o mercado livreiro, após o foco vai para os espaços físicos, a **biblioteca particular**, em especial, apontando para o sentido de “reconstituição das bibliotecas particulares, ao estudo do conteúdo das estantes dos gabinetes de leitura e das bibliotecas públicas e, também, dos seus frequentadores” (SILVA, 2002, p. 147).

Ainda que a ênfase não seja no espaço físico enquanto local praticado de leitura, é fato que o espaço se faz importante na história da leitura. Segundo a autora, em 1945, em Belo Horizonte, um estudo de Eduardo Frieiro⁵⁴ sobre um religioso do século XVIII foi o primeiro que abordou a questão do espaço da biblioteca particular, ao tratar da problemática da leitura. O autor tinha o propósito de conhecer a coleção de seu escolhido para estudar o que era lido por um “brasileiro ilustre” (SILVA, 2002, p. 156).

De lá para cá, o estudo do espaço físico como tendo importância para a circulação do impresso e para a formação de leitores foi sendo ressignificado, principalmente nos anos 80 com a chegada ao Brasil da perspectiva Histórico Cultural, especialmente dos estudiosos franceses, como Roger Chartier, Jean Hébrard, Anne-Marrie Chartier e outros, cujo foco de pesquisa se dá no livro e na leitura.

⁵⁴ FRIEIRO, Eduardo. *O diabo na livraria do cônego*. Belo Horizonte: Livraria Cultura Brasileira, 1945.

Assim como a posse de livros não implica necessariamente a sua leitura, também a ausência dos mesmos não significa que os indivíduos não tivessem acesso ao conteúdo de várias obras, ou pelas conversas ou por cópias manuscritas em circulação. Nos grandes centros urbanos do Brasil colonial havia locais privilegiados de sociabilidade, que eram as boticas e os botequins, nos quais livros em voga eram comentados. Além disso, ainda em inícios do século XIX, copiavam-se à mão senão livros inteiros, pelo menos alguns excertos, por vezes em tradução, quando se tratava de obras estrangeiras (SILVA, 2002, p. 159).

No Congresso de Leitura do Brasil, espaço pioneiro na reunião de profissionais do livro, que pesquisam e discutem as questões de leitura, tanto na perspectiva teórica como prática, a questão do espaço está presente, desde o início, como fundamental para a formação do leitor. De que formas? Numa representação do espaço como essencial para o acesso ao livro e, a partir dessa afirmação unânime, a denúncia da ausência ou precariedade desses espaços, em especial a biblioteca, mas não só: a casa (família), a escola e a sala de aula, a livraria; como espaço que proporciona ações que, além de colocar o leitor em contato com o livro, também educam o corpo do leitor, seus gestos e atitudes, incitam o desejo pelo livro, provocam o hábito. Por isso acentua-se, desde sempre, sua importância na democratização da leitura, pelo seu potencial transformador.

Hoje compartilhamos de uma visão de leitura em que o sujeito não precisa ser alfabetizado para ser educado na leitura. Em um espaço adequado, gestos e atitudes, que não passam necessariamente pela questão da decodificação, movimentam a leitura. Um bebê que vive em um ambiente de estímulo, por exemplo, aprende logo a manipular o livro, enquanto objeto, a folheá-lo, a virar a página. Educa-se, assim, numa prática existente em sua comunidade cultural.

Durante minha prática pedagógica, passei por algumas instituições de educação formal e não-formal, da pré-escola ao ensino médio, e por todos esses caminhos, encontrei problemas na tentativa de utilizar o espaço da biblioteca para ou com educandos. Identifico que existem três tipos de bibliotecas: as que não funcionam, pois estão fechadas ou em estado de degradação; as que estão abertas, mas por algum motivo não atendem aos alunos (falta de funcionário especializado, por exemplo); as que funcionam porque parecem ter por base um projeto específico que garante o seu funcionamento.

As instituições de educação não-formal apresentam espaços mais acolhedores, inclusive por assim ser seu ideal: proporcionar ambientes agradáveis para atender o público. Acredito que esse possa ser o (ou um dos) motivo(s) da diferença entre os

espaços das instituições. Naquelas de ensino formal, a biblioteca, por exemplo, é um espaço de leitura que não consegue se desvencilhar do estigma de obrigação. Ir à biblioteca é um dever, uma imposição, não uma escolha, uma sugestão.

De acordo com Silva (2001), faltam ambientes que despertem nos alunos o gosto e o hábito pela leitura. O trecho a seguir fortifica essa ideia:

E como as nossas crianças, lamentavelmente, enfrentam inúmeras dificuldades para rodar o pião da leitura! A falta de condições é indiscutível: não há espaço para ler, não se formam circuitos de leitura, não existe vinculação entre o lido e o vivido, etc... etc... E como as nossas crianças, condicionadas pelos organismos sócio-culturais, passam rapidamente a detestar a leitura... (SILVA, 1986 apud SILVA, 2001 p. 9).

As leis que permeiam a leitura no nosso país parecem que foram caminhando no sentido de democratizar o acesso ao livro e abrir o espaço para a comunidade, como afirmado por Aliaga:

O Plano Nacional do Livro e da Leitura mostra a dimensão assumida pela temática da leitura dentro das esferas políticas e sociais. No âmbito do Ministério da Cultura, a partir dos anos 90, as ações que visam à instalação e implementação de bibliotecas concentraram-se principalmente em ações conjuntas com a Fundação Biblioteca Nacional. No início da década de 90, a preocupação era fundamentalmente com a existência de bibliotecas físicas, com a gestão e organização do acervo. Somente a partir das Diretrizes das Bibliotecas Públicas, publicadas no ano 2000, é que se percebe uma maior preocupação com a democratização das bibliotecas públicas enquanto centros de informação e leitura abertos a toda comunidade (ALIAGA, 2013, p. 41).

No Programa Nacional do Livro e Leitura, PNLL, a biblioteca, escolar e pública, é o espaço de leitura em que se centram as preocupações. Assim como o objetivo primeiro de seus precursores, o Programa Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE), que foi “desenvolvido desde 1997, [e] tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência”⁵⁵; e do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), amplamente discutido no âmbito dos COLEs:

⁵⁵Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

O Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER) tem por finalidade contribuir para a ampliação do direito à leitura, promovendo condições de acesso a práticas de leitura e de escrita críticas e criativas. Isto implica articular a leitura com outras expressões culturais, propiciar o acesso a materiais escritos, abrir novos espaços de leitura e integrar as práticas de leitura aos hábitos espontâneos da sociedade, constituindo, dentro e fora da biblioteca e escola, uma sociedade leitora na qual a participação dos cidadãos no processo democrático seja efetiva.⁵⁶

Esses programas têm em comum a busca por promoção da leitura e formação de leitores em nível nacional a partir da formação de acervos em espaços adequados, com o objetivo de democratizar o acesso. Um dos eixos do PNLL trata especificamente da “democratização do acesso” ao livro, com uma ação que se molda justamente na questão do reconhecimento e expansão dos espaços em que se pratica a leitura:

1.3 Conquista de novos espaços de leitura

Criação e apoio a salas de leitura, bibliotecas circulantes e “pontos de leitura” (ônibus, vans, táxis, peruas, trens, barcos etc.). Atividades de leitura em parques, centros comerciais, livrarias, aeroportos, estações de metrô, estádios de futebol. Leitura em hospitais, asilos, penitenciárias, praças e consultórios pediátricos, com crianças em situação de rua, e em locais de trabalho. (BRASIL, 2014, p. 28)

Diversas entidades e instituições relacionadas ao livro e à leitura tiveram participação na produção do PNLL, inclusive o COLE e a ALB. Talvez, por isso, é possível perceber essa representação em um programa de governo.

Como destacado por Carvalho (2015, p. 70):

Em 1980, já acompanhando mudanças em relação a um discurso maior sobre a inserção da leitura literária na escola, começamos a observar mudanças significativas nos documentos e proposições acerca das atividades das salas de leitura. É nesta década, logo em seu início, por exemplo, que Freire (1983, p. 14) afirmou que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, apontando para uma expansão do conceito de leitura – ler não é apenas decodificar, ler relaciona-se com o conhecimento que temos e vamos construindo, pressupondo um leitor ativo e crítico.

ALB e COLE são citados por Rosa Maria Hessel Silveira (1991, apud Carvalho, 2015, p. 71-72) como movimentos importantes para essa mudança no discurso sobre a leitura no Brasil:

⁵⁶ Disponível em: <<http://proler.culturadigital.br/oproler/>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

Neste período, por exemplo, são publicados textos cruciais em relação a este assunto, que problematizam o ensino de Língua Portuguesa, da escrita – em especial com uma crítica à redação escolar – e da leitura. No artigo “Leitura e produção textual: novas ideias numa velha escola”, Silveira (1991, p. 38) faz uma retomada dessa movimentação em torno do ensino da língua portuguesa na escola, identificando duas vertentes principais que influenciaram as novas ideias: de um lado:[...] a renovação dos estudos linguísticos, em especial a análise do discurso, a teoria da enunciação e a pragmática, etc., e também o impacto de estudos sobre o hábito e processo de leitura. De um ponto de vista mais pragmático, contribuiu enormemente para esta revisão a chamada “crise do ensino brasileiro”. Silveira cita os livros: *Leitura em Crise na Escola: alternativas para o professor*, organizado por Regina Zilberman em 1982; a tradução do livro de Bamberger (de 1977), *Como incentivar o hábito da leitura*; a publicação do livro organizado por João Wanderley Geraldi, *O texto na sala de aula* e ainda a publicação pela Associação de Leitura do Brasil (ALB) da *Revista Leitura: teoria e prática*, assim como a realização do COLE – Congresso de Leitura do Brasil como marcos muito importantes aqui no Brasil no âmbito do discurso em torno da leitura na escola.

A questão do gosto e do prazer, do hábito e do caminho do leitor, da subjetividade que entra em jogo no momento da leitura, da construção de sentidos que ele realiza a partir de leituras anteriores e sua experiência de vida, são aspectos que passam a fazer parte também do novo discurso escolar. Cresce uma preocupação com a formação do leitor, muito diferente de um olhar voltado apenas para as habilidades de leitura que até então parecia hegemônica.

A leitura que acontece em espaços informais ou incomuns, a leitura escondida, a leitura compartilhada, a ressignificação de um espaço cotidiano para um *espaço de leitura*, é como um ato de resistência do leitor, que, aos poucos, vem sendo reconhecido como uma prática legítima.

Nesses seis anos em que sou membro da pesquisa “ALB: memórias”, venho lendo e estudando esse universo histórico e cultural que o acervo dos COLEs carrega. Hoje, o acervo se encontra no Centro de Memória da Educação, um espaço de pesquisa da memória, que de fato tende a contribuir significativamente para que a vida do acervo seja ainda mais longa. Esse movimento, para mim, parece ser mais um esforço da Associação, principalmente representada pelo trabalho de uma de suas fundadoras, para democratizar

a leitura, agora dando a ver a história da construção de uma discussão que ganhou força e visibilidade pelos congressos. O desejo é de que mais temáticas sejam pesquisadas, de que mais vozes sejam lembradas, outros olhares venham compor esforços para a defesa da importância da formação de leitores em nosso país.

Fontes

1º Congresso de Leitura do Brasil (1978)

CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 1º COLE e 1º COBI*. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1978.

ASSIS, Vivina de. Literatura infantil. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 1º COLE e 1º COBI*. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1978. p. 4-5.

BRÁGGIO, Carlos. Divulgação da cultura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 1º COLE e 1º COBI*. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1978. p. 21-22.

NOGUEIRA, Carmina Castro. Utilização da Biblioteca. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 1º COLE e 1º COBI*. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1978. p. 40-41.

SILVA, Ezequiel Theodoro da; MAHER, James Patrick. Releitura da leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 1º COLE e 1º COBI*. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1978. p. 50-63.

1º Conferências para Bibliotecários (1978)

CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 1º COLE e 1º COBI*. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1978.

FERREIRA, Carmina Nogueira de Castro. Sede de leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 1º COLE e 1º COBI*. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1978. p. 77-84.

LITON, Gaston. A biblioteca particular do bibliotecário. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 1º COLE e 1º COBI*. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1978. p. 71.

RABAÇAL, Alfredo João. Diretrizes da implantação do Sistema de Bibliotecas no Estado de São Paulo. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 1º COLE e 1º COBI*. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1978. p. 73-76.

2º Congresso de Leitura do Brasil (1979)

CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 2º COLE*. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1980.

ARMENTANO, Cecília Ernestina D'Ottaviano; CARVALHO, Vania Lando de; GABRIEL, Antonio; FERREIRA, Carminda Nogueira de Castro. RAMOS, Ester. Estudo comparativo das atribuições do Conselho Regional de Biblioteconomia e Associação de Classe. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 2º COLE*. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1980. p. 11-13.

BERALDO, Alda Terezinha; FREITAS, Helena Costa Lopes de; JANUZZI, Gilberta; MANFREDI, Sílvia Maria; MATTOS, Maria Luiza Lana; PANNUTI, Maria Regina. O instrumental do alfabetizador. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 2º COLE*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1980. p. 20-24.

FERREIRA, Carminda Nogueira de Castro; FERREIRA, Oscar Manoel de Castro. Programa de incentivo ao hábito de leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 2º COLE*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1980. p. 6-9.

MIRANDA, Antonio. Biblioteca, leitura, educação contínua. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 2º COLE*. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1980. p. 32-33.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura ou “lei dura”? In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 2º COLE*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1980. p. 3-5.

3º Congresso de Leitura do Brasil (1981)

CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1981.

AVERBUCK, Lygia Morrone. Formação do leitor infantil. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1981. p. 35.

CAPARELLI, Sérgio. Leitura e classes trabalhadoras. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1981. p. 47.

CARAVANTE, Francisco de Paula Garcia. Leitura e classes trabalhadoras. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1981. p. 44.

CRUZ, Márcia. Formação do leitor infantil. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1981. p. 36.

CUNHA, Maria Antonieta. Formação do leitor infantil. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1981. p. 37-38.

FREIRE, Paulo. A importância da leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1981. p. 3-6.

GUARIDO, Maura Duarte Moreira; SILVA, Maria Cecília Mattoso Ramos Alves da. Preparando a criança para a leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1981. p. 27-29.

LAJOLO, Marisa. Formação do leitor infantil. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1981. p. 39.

LIMA, Luis Firmino de. Em busca de uma política concreta para o desenvolvimento da leitura no Brasil. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1981. p. 12.

MARIANO, Regina. Formação do leitor infantil. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1981. p. 40-41.

MENDES, Tânia Rodrigues. Em busca de uma política concreta para o desenvolvimento da leitura no Brasil. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1981. p. 7-8.

MILANESI, Luis Augusto. Em busca de uma política concreta para o desenvolvimento da leitura no Brasil. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1981. p. 13.

PRADO, Caio Graco. Em busca de uma política concreta para o desenvolvimento da leitura no Brasil. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1981. p. 9-10.

SANDRONI, Laura Constância Austregésilo de Athayde. Em busca de uma política concreta para o desenvolvimento da leitura no Brasil. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1981. p. 11.

SCHWARCZ, Luis. Leitura e classes trabalhadoras. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1981. p. 45.

SPERBER, Suzi. Em busca de uma política concreta para o desenvolvimento da leitura no Brasil. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1981. p. 14-15.

YUNES, Eliana. Formação do leitor infantil. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1981. p. 34.

4º Congresso de Leitura do Brasil (1983)

CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais 4º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1983

AGUIAR, Vera Teixeira de. Debate entre representantes de entidades e associações ligadas à questão do ensino e da leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais 4º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1983. p. 54-57.

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. Debate entre representantes de entidades e associações ligadas à questão do ensino e da leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais 4º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1983. p. 57-62.

BARROSO, Maria Alice. Subsídios para uma política de leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais 4º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1983. p. 25-27.

BORDINI, Maria da Glória. Debate entre representantes de entidades e associações ligadas à questão do ensino e da leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais 4º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1983. p. 63-65.

COELHO, Nelly Novaes. Subsídios para uma política de leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais 4º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1983. p. 29-32.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Leitura popular. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais 4º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1983. p. 40-43.

DIRETORIA DA ALB. Edital de Abertura do 4º COLE. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais 4º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1983. p. 1-4.

DOBRÁNSZKY, Enid Abreu. Leitura e consciência de classe. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais 4º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1983. p. 74-76.

LAJOLO, Marisa. Tecendo a leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais 4º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1983. p. 77-83

LOUZEIRO, José. Leitura popular. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais 4º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1983. p. 39-40.

MAMEDE, Zila da Costa. Subsídios para uma política de leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais 4º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1983. p. 32-36.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Comunicação e expressão: o ensino da leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais 4º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1983. p. 12-22.

PONDÉ, Glória Maria Fialho. Debate entre representantes de entidades e associações ligadas à questão do ensino e da leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais 4º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1983. p. 66-69.

SANDRONI, Laura Constância Austragésilo de Athayde. Subsídios para uma política de leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais 4º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1983. p. 27-29.

SOARES, Magda Becker. Comunicação e expressão: o ensino da leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais 4º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1983. p. 5-7.

5º Congresso de Leitura do Brasil (1985)

ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *5º Congresso de Leitura do Brasil. Anais. Comunicações Oficiais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1985.

ALMEIDA, Milton José. A pesquisa na área da leitura. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *5º Congresso de Leitura do Brasil. Anais. Comunicações Oficiais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1985. p. 121-122.

ANTONIO, João. A escolarização do texto. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *5º Congresso de Leitura do Brasil. Anais. Comunicações Oficiais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1985. p. 91-100.

BEDRAN, Maria Therezinha Saad. O professor como leitor e como incentivador de leitura. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *5º Congresso de Leitura do Brasil. Anais. Comunicações Oficiais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1985. p. 51-58.

CADEMARTORI, Lígia. Salas de Leitura: Democratização do livro. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *5º Congresso de Leitura do Brasil. Anais. Comunicações Oficiais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1985. p. 25-29.

GARCIA, Edson Gabriel. Programa de Salas de Leitura das escolas municipais de 1º grau da Cidade de São Paulo. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *5º Congresso de Leitura do Brasil. Anais. Comunicações Oficiais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1985. p. 30-34.

GERALDI, João Wanderley. De como produzir milagres ou “O professor pega um boizinho, rifa e compra livros”. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *5º Congresso de Leitura do Brasil. Anais. Comunicações Oficiais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1985. p. 43-50.

LAJOLO, Marisa. Literatura infantil e escola: a escolarização do texto. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *5º Congresso de Leitura do Brasil. Anais. Comunicações Oficiais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1985. p. 76-84.

LUCAS, Fábio. A política cultural no Brasil: o acesso ao livro e à leitura. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *5º Congresso de Leitura do Brasil. Anais. Comunicações Oficiais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1985. p. 14-24.

LUFTI, Eulina Pacheco. O professor como leitor e como incentivador de leitura. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *5º Congresso de Leitura do Brasil. Anais. Comunicações Oficiais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1985. p. 65-74.

MENEZES, Ana Lúcia Vieira de. A pesquisa na área da leitura. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *5º Congresso de Leitura do Brasil. Anais. Comunicações Oficiais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1985. p. 115-120.

MOISÉS, Sarita M. Affonso. A morte do leitor. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *5º Congresso de Leitura do Brasil. Anais. Comunicações Oficiais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1985. p. 102-106.

PONDÉ, Glória Maria Fialho. A política cultural no Brasil: o acesso ao livro e à leitura. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *5º Congresso de Leitura do Brasil. Anais. Comunicações Oficiais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1985. p. 35-41.

ROCHA, Ruth. A escolarização do texto. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *5º Congresso de Leitura do Brasil. Anais. Comunicações Oficiais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1985. p. 85-90.

SILVA, Lilian Lopes Martin da. A pesquisa em leitura. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *5º Congresso de Leitura do Brasil. Anais. Comunicações Oficiais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1985. p. 107-114.

ZILBERMAN, Regina. A política cultural no Brasil: o acesso ao livro e à leitura. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *5º Congresso de Leitura do Brasil. Anais. Comunicações Oficiais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1985. p. 5-13.

6º Congresso de Leitura do Brasil (1987)

ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *6º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1988.

BORDINI, Maria da Glória. Alternativas metodológicas para o ensino de leitura. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *6º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1988. p. 69-73.

GADOTTI, Moacir. A natureza social da leitura e suas implicações na metodologia de ensino. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *6º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1988. p. 29-36.

GERALDI, João Wanderley. Cinco questões sobre a questão dos métodos. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *6º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1988. p. 80-85.

HUBNER, Regina. Condições de produção da leitura na pública de ensino. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *6º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1988. p. 63-66.

LEITE, Lígia Chiappini M. Condições de produção da leitura na rede pública de ensino: texto gerador. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *6º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1988. p. 53-54.

MARIANO, Ana Salles. Interferências - Leituras cruzadas. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *6º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1988. p. 74-79.

MARTINS, Maria Helena. O professor, a leitura e as artimanhas do sistema -Uma visão do lado de fora da sala de aula e da escola. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *6º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1988. p. 59-62.

MAYRINK-SABINSON, Maria Laura T. Alternativas metodológicas no ensino de leitura: A questão da alfabetização. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *6º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1988. p. 87-91.

MELLO, Guiomar Namó de. Conferência de Abertura do 6º COLE. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *6º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1988. p. 1-26.

NORONHA, Diana Maria. A especificidade no trabalho com literatura no 2º grau. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *6º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1988. p. 92-97.

PERROTTI, Edmir. Hábitos de leitura, hábitos de luxúria. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *6º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1988. p. 37-41.

RENSI, Leila Teresinha Simões. Leitura: Casos de Paixão. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *6º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1988. p. 55-58.

RESENDE, Antônio Muniz de. A natureza social da leitura e suas implicações na metodologia de ensino. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *6º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1988. p. 42-46.

7º Congresso de Leitura do Brasil (1989)

ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *7º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1991.

ANTUNES, Walda de Andrade. De leitor para leitores: Políticas públicas e programas de incentivo à leitura. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *7º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1991. p. 98-104.

BENCLOWICZ, Ary Kuflik. De leitor para leitores: Políticas públicas e programas de incentivo à leitura. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *7º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1991. p. 109-114.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. De leitor para leitores: O texto verbal e não verbal. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *7º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1991. p. 61-66.

GARCIA, Edson Gabriel. Políticas públicas e programas de incentivo à leitura. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *7º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1991. p. 105-108.

LAJOLO, Marisa. De autores e leitores em forma de fantasmas ou não. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *7º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1991. p. 49-55.

YUNES, Eliana. De leitor para leitores: Políticas públicas e programas de incentivo à leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *7º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1991. p. 91-97.

ZILBERMAN, Regina. Políticas públicas e promoção da leitura. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *7º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1991. p. 87-90.

8º Congresso de Leitura do Brasil (1991)

ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Leitura crítica e sua promoção na escola. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 211-214.

DE SANT'ANNA, Affonso Romano. Da necessidade da presença da literatura na vida dos educadores. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 163-168.

GERALDI, João Wanderley. Ainda e sempre – Leitura. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 195-198.

GROSSI, Esther Pillar. Leitura, imaginação e exercício da cidadania. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 183-192.

JOSÉ, Elias. Minando o terreno. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 201-204.

LIBÂNEO, José Carlos. O professor e a leitura crítica. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 65-70.

MAGNANI, Maria Aparecida Ceravolo. A prática de leitura do professor brasileiro: Análise e perspectivas. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 53-58.

MALARD, Letícia. Da necessidade da presença da literatura na vida dos educadores. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 159-162.

MESERANI, Samir Curi. Da necessidade da presença da literatura na vida dos educadores. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 169-175.

NERY, Alfredina. Leitura crítica e sua promoção na escola. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 199-200.

PACHECO, Elza Dias. As práticas de ensino no contexto das linguagens verbais e não verbais: a TV na sala de aula como estratégia curricular. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 91-97.

PAIXÃO, Fernando. A leitura como educação dos sentidos. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 205-210.

PEREIRA, Wilcon Jóia. Da necessidade da presença da literatura na vida dos educadores. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 177-182.

SANCHEZ, Ana Maria. A prática de leitura do professor brasileiro: Análise e perspectivas. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 59-64.

SANTOS, Laymert Garcia dos. As práticas de ensino no contexto das linguagens verbais e não verbais. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 98-102.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Discurso de Abertura. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 37-39.

SMOLKA, Ana Luiza B. Leitura na pré-escola e séries iniciais (uma reflexão em três momentos). In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 227-232

VENTURELLI, Paulo. O professor e a leitura. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 71-76.

9º Congresso de Leitura do Brasil (1993)

ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais do 9º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1993.

ABREU, Márcia. Leituras populares. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais do 9º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1993. p. 81-94.

BORDINI, Maria da Glória. Leitura literária e repertório social-cultural do sujeito leitor. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais do 9º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1993. p. 212-233.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Edição de livros para a infância: Caminhos e descaminhos. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais do 9º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1993. p. 60-71.

FILHO, Francisco Gregório. PROLER. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais do 9º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1993. p. 37-40.

FRANCO, Marília da Silva. A leitura das novas linguagens. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais do 9º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1993. p. 22-30.

GARCIA, Walter Esteves. Políticas nacionais de leitura: uma análise. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais do 9º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1993. p. 51-58.

GARRIDO, Elsa. Introduzindo a leitura crítica através da leitura: Experiência no segundo grau. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais do 9º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1993. p. 141-148.

MAGNANI, Maria Aparecida. A FDE e a promoção da leitura nas escolas. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais do 9º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1993. p. 96-104.

MENDONÇA, Olympio Correa de. Leitura na educação de adultos. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais do 9º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1993. p. 189-196.

PEDROZA, Roberto Castanheira. Leitura na educação de adultos. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais do 9º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1993. p. 205-210.

RICHE, Rosa Maria Cuba. O livro, o contexto e o professor. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais do 9º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1993. p. 73-78.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Políticas nacionais de leitura: uma análise. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais do 9º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1993. p. 32-36.

SOUSA, Sandra M. Zákia L. A FDE e a promoção da leitura na escola. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais do 9º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1993. p. 105-113.

VIEIRA, Maria Celina Teixeira. Leitura e estudo na universidade: O papel do professor. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais do 9º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1993. p. 157-187.

VIEIRA, Alice. Histórias de leituras de futuros professores. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais do 9º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1993. p. 149-156.

Referências Bibliográficas

ABREU, Márcia (org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2002 (1ª reimpressão). 640 p.

_____. Prefácio: Percursos da Leitura. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2002 (1ª reimpressão), p. 9-15.

ALIAGA, Renata. *A biblioteca escolar na produção acadêmica sobre leitura: movimentos, diálogos, aproximações*. 2013. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000925486>>. Acesso em: 21 set. 2017

ANTUNES, Walda de Andrade. De leitor para leitores: Políticas públicas e programas de incentivo à leitura. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *7º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1991. p. 98-104.

ARMENTANO, Cecília Ernestina D'Ottaviano; CARVALHO, Vania Lando de; GABRIEL, Antonio; FERREIRA, Carminda Nogueira de Castro. RAMOS, Ester. Estudo comparativo das atribuições do Conselho Regional de Biblioteconomia e Associação de Classe. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 2º COLE*. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1980. p. 11-13.

ASSIS, Vivina de. Literatura infantil. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 1º COLE e 1º COBI*. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1978. p. 4-5.

ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *5º Congresso de Leitura do Brasil. Anais. Comunicações Oficiais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1985.

_____. *6º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1988.

_____. *7º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1991.

_____. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992.

_____. *Anais do 9º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1993.

AVERBUCK, Lygia Morrone. Formação do leitor infantil. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1981. p. 35.

BARRETO, Angela Maria. Os espaços de leitura. In: *Comunicação e Educação*, v. 12, n. 1, p. 41-53, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37618>>. Acesso em: 15 maio 2017.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. O estudo dos manuais escolares e a pesquisa em História. In: _____. *Livros escolares de leitura no Brasil*. Elementos para uma história. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009, p. 11-40.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 9ª ed. São Paulo, SP: Hucitec, 1999.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BEDRAN, Maria Therezinha Saad. O professor como leitor e como incentivador de leitura. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *5º Congresso de Leitura do Brasil. Anais. Comunicações Oficiais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1985. p. 51-58.

BERALDO, Alda Terezinha; FREITAS, Helena Costa Lopes de; JANUZZI, Gilberta; MANFREDI, Sílvia Maria; MATTOS, Maria Luiza Lana; PANNUTI, Maria Regina. O instrumental do alfabetizador. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 2º COLE*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1980. p. 20-24.

BORDINI, Maria da Glória. Leitura literária e repertório social-cultural do sujeito leitor. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais do 9º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1993. p. 212-233.

BRAGGIO, Carlos. Divulgação da cultura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 1º COLE e 1º COBI*. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1978. p. 21-22.

BRASIL. *Caderno do PNLL*. Brasília: Ministério da Educação, 2010. Edição atualizada e revisada em 2014.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2005.

CADEMARTORI, Lígia. Salas de Leitura: Democratização do livro. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *5º Congresso de Leitura do Brasil. Anais. Comunicações Oficiais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1985. p. 25-29.

CARAVANTE, Francisco de Paula Garcia. Leitura e classes trabalhadoras. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1981. p. 44.

CARVALHO, Ana Carolina Pereira de. *Posso dar uma ideia? Cada um pega o livro que quer...* sobre a formação de leitores da sala de leitura. 2015. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/322076>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

CAVALO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo, SP: Editora Ática. 1998.

CHARTIER, Anne-Marie; HÉBRARD, Jean. *Discursos sobre a leitura – 1880-1980*. São Paulo, SP: Editora Ática S. A. 1995. 590 p.

CHARTIER, Roger. (org.) *Práticas da Leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. 4ª Ed. São Paulo: Estação Liberdade. 2009.

_____. *História cultural – Entre práticas e representações*. 2ª Ed. Lisboa: Difel, 2002. 244 p.

_____. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger. (org.) *Práticas da Leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. 4ª Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009, p. 77-105.

CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 1º COLE e 1º COBI*. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1978.

_____. *Resumos 2º COLE*. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1980.

_____. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1981.

_____. *Anais 4º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1983.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Leitura crítica e sua promoção na escola. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 211-214.

DIRETORIA DA ALB. Edital de Abertura do 4º COLE. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais 4º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1983. p. 1-4.

FERREIRA, Carminda Nogueira de Castro. Sede de leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 1º COLE e 1º COBI*. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1978. p. 77-84.

FERREIRA, Carminda Nogueira de Castro; FERREIRA, Oscar Manoel de Castro. Programa de incentivo ao hábito de leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 2º COLE*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1980. p. 6-9.

FERREIRA, Norma S. Almeida. *A pesquisa sobre leitura no Brasil 1980-1995*. Campinas, SP: Komedi; Arte Escrita, 2001.

_____. *Um estudo sobre "Versos para pequeninos", manuscrito de João Köpke*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2017. 275 p.

FILHO, Francisco Gregório. PROLER. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais do 9º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1993. p. 37-40.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. De leitor para leitores: O texto verbal e não verbal. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *7º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1991. p. 61-66.

FREIRE, Paulo. A importância da leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1981. p. 3-6.

FREITAG, Bárbara. *Escola, estado & sociedade*. 4ª Ed. Ver. Coleção educação universitária. São Paulo: Moraes, 1980. 142 p.

GADOTTI, Moacir. A natureza social da leitura e suas implicações na metodologia de ensino. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *6º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1988. p. 29-36.

GARCIA, Edson Gabriel. Políticas públicas e programas de incentivo à leitura. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *7º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1991. p. 105-108.

GERALDI, João Wanderley. Ainda e sempre – Leitura. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 195-198.

GROSSI, Esther Pillar. Leitura, imaginação e exercício da cidadania. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 183-192.

GUARIDO, Maura Duarte Moreira; SILVA, Maria Cecília Mattoso Ramos Alves da. Preparando a criança para a leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1981. p. 27-29.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentido. In: CHARTIER, Roger. (org.) *Práticas da Leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. 4ª Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009, p. 107-116.

LITON, Gaston. A biblioteca particular do bibliotecário. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 1º COLE e 1º COBI*. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1978. p. 71.

MAGNANI, Maria Aparecida Ceravolo. A prática de leitura do professor brasileiro: Análise e perspectivas. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 53-58.

MAMEDE, Zila da Costa. Subsídios para uma política de leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais 4º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1983. p. 32-36.

MARIANO, Ana Salles. Interferências - Leituras cruzadas. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *6º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1988. p. 74-79.

MELLO, Guiomar Namó de. Conferência de Abertura do 6º COLE. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *6º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1988. p. 1-26.

MENDONÇA, Olympio Correa de. Leitura na educação de adultos. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais do 9º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1993. p. 189-196.

MENEZES, Ana Lúcia Vieira de. A pesquisa na área da leitura. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *5º Congresso de Leitura do Brasil. Anais. Comunicações Oficiais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1985. p. 115-120.

MESERANI, Samir Curi. Da necessidade da presença da literatura na vida dos educadores. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 169-175.

MIRANDA, Antonio. Biblioteca, leitura, educação contínua. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 2º COLE*. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1980. p. 32-33.

MOISÉS, Sarita M. Affonso. A morte do leitor. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *5º Congresso de Leitura do Brasil. Anais. Comunicações Oficiais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1985. p. 102-106.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização*: (São Paulo - 1876-1994). São Paulo, SP: Editora UNESP; CONPED: INEP, 2000. 372 p.

NOGUEIRA, Carmina Castro. Utilização da Biblioteca. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 1º COLE e 1º COBI*. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1978. p. 40-41.

NORONHA, Diana Maria. A especificidade no trabalho com literatura no 2º grau. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *6º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1988. p. 92-97.

OLIVEIRA, Larissa de Souza. *A biblioteca escolar entre as páginas escritas do Congresso de Leitura do Brasil e da Revista Leitura: Teoria & Prática (de 1978 a 1985)*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Orientação de Lilian Lopes Martins da Silva. Campinas, SP: [s.n.], 2015. 1 recurso online (61 p.), il., digital, arquivo PDF. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000951663&opt=4>>. Acesso em: 21 set. 2017.

PAIXÃO, Fernando. A leitura como educação dos sentidos. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 205-210.

PERROTTI, Edmir. Hábitos de leitura, hábitos de luxúria. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *6º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1988. p. 37-41.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008. 192 p.

_____. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2013. 168 p.

RABAÇAL, Alfredo João. Diretrizes da implantação do Sistema de Bibliotecas no Estado de São Paulo. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 1º COLE e 1º COBI*. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1978. p. 73-76.

SANCHEZ, Ana Maria. A prática de leitura do professor brasileiro: Análise e perspectivas. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 59-64.

SANTOS, Geniana dos. “O meu aluno não lê”: sentidos de crise nas políticas curriculares para a formação em leitura. Orientação de Alice Ribeiro Lopes. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ. Faculdade de Educação. 2017. 233 f. Disponível em: <http://www.bdt.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=11670>. Acesso em: 05 jun. 2018.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas. In: *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. São Leopoldo, v. 1, n. 1, 2009, p. 1-15. Disponível em: <<https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/6>>. Acesso em: 15 maio 2017.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura ou “lei dura”? In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 2º COLE*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1980. p. 3-5.

_____. Apresentação. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais 5º COLE*. Campinas: FE/Unicamp, 1985, p. 1-2.

_____. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 4ª Ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988. 104 p.

_____. Discurso de Abertura. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. 8º *Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 37-39.

_____. *Unidades de leitura – trilogia pedagógica*. 2ª Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (coleção Linguagens e Sociedade). 117 p.

SILVA, Ezequiel Theodoro da; MAHER, James Patrick. Releitura da leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 1º COLE e 1º COBI*. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1978. p. 50-63.

SILVA, Ezequiel Theodoro da; OLIVEIRA, Luciane Moreira. Avaliação do 6º COLE. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. 6º *Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB, 1988, p. 101-105.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. História da leitura luso-brasileira: Balanços e perspectivas. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, (1ª reimpressão), 2002, p. 147-164.

SILVA, Lilian Lopes Martin da; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. Encenando a Leitura: a leitura, o leitor e a biblioteca construídos numa campanha publicitária veiculada no jornal. In: *Revista Nuances* (UNESP Presidente Prudente), v. 14, 2006, p. 191-205.

SILVA, Lilian Lopes Martin da; OLIVEIRA, Luciane Moreira. Documentos en Imágenes: Carteles de los Congresos de Lectura do Brasil. In: SOCIEDAD ESPAÑOLA DE HISTORIA DE LA EDUCACION, *Acta del XVIII Coloquio de Historia de la Educación: Arte, literatura y educación*, España: Universitat Del Vic, Universitat Del Vic – Universitat Central de Catalunya, vol 2, 2015, p. 383-392.

SILVA, Lilian Lopes Martin; OLIVEIRA, Luciane Moreira. (orgs.). *Tempo de Cole*. Campinas, SP. FE/UNICAMP, 2014. 82 p.

SMOLKA, Ana Luiza B. Leitura na pré-escola e séries iniciais (uma reflexão em três momentos). In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *8º Congresso de Leitura do Brasil. Anais*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1992. p. 227-232

SPERBER, Suzi. Em busca de uma política concreta para o desenvolvimento da leitura no Brasil. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1981. p. 14-15.

VIEIRA, Alice. Histórias de leituras de futuros professores. In: ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais do 9º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1993. p. 149-156.

TAKAMATSU, Sônia Midori. *Artes de fazer: memória, participação e história nos 30 anos da Associação de Leitura do Brasil*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. 2017. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/331047>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

Anexo 1

Produções do ALLE/AULA sobre *espaços de leitura*.

Fonte: <https://www.alleaula.fe.unicamp.br/>

ALIAGA, Renata. *A biblioteca escolar na produção acadêmica sobre leitura: movimentos, diálogos, aproximações*. 2013. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000925486>>. Acesso em: 21 set. 2017.

ALIAGA, Renata. *Programa bibliotecas escolares da rede municipal de Campinas/SP (1993-2002): um estudo das avaliações feitas pelas unidades escolares em 1997*. Orientação de Lilian Lopes Martins da Silva. Campinas, SP: [s.n.], 2007. 68 f. <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=36650>>. Acesso em: 21 set. 2017.

AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros. *Ensino de leitura e escrita na escola modelo Barão de Melgaço, em Cuiabá, MT: práticas, propostas, ideários pedagógicos e circulação de cartilhas e livros de leitura nas primeiras décadas*. 2008. Tese (Pós-Doutorado).

BIANCHI, Maria do Carmo. *Os livros na Escola Estadual Barão Geraldo de Rezende: entre a biblioteca e a sala-ambiente*. 2003. 125p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252808>>. Acesso em: 21 set. 2017.

CAPELLATO, Antonia Shirley Rovere. *Formação de leitores em uma escola pública de Valinhos (SP)*. Orientação de Norma Sandra de Almeida Ferreira. Campinas, [SP: [s.n.], 2004. 73f. ISBN (Broch.). Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000330004>>. Acesso em: 23 out. 2017.

CARVALHO, Ana Carolina Pereira de. *Posso dar uma ideia? Cada um pega o livro que quer...* sobre a formação de leitores da sala de leitura. 2015. 1 recurso online (168 p.). Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/322076>>. Acesso em: 23 out. 2017.

CORREA, Carlos Humberto Alves. *Entre práticas e representações: um estudo sobre aspectos da leitura na universidade*. 1999. 233f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252271>>. Acesso em: 23 out. 2017.

CORREA, Daniela Bacelar. *A biblioteca escolar: o acervo de literatura infantil e as práticas de leitura*. Orientação de Norma Sandra de Almeida Ferreira. Campinas, SP: [s.n.], 2011. 1 recurso online (88 p.), il., digital, arquivo PDF. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000824525&opt=4>>. Acesso em: 21 set. 2017.

COSTA, Franciane Martins da. *Bibliotecas particulares: uma leitora "comum" do século XX*. Orientação de Norma Sandra de Almeida Ferreira. Campinas, SP: [s.n.], 2012. 1 recurso online (169 p.), il., digital, arquivo PDF. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000896639&opt=4>>. Acesso em: 21 set. 2017.

FELIPE, Eliana da Silva. *Entre campo e cidade: infâncias e leituras entrecruzadas - um estudo no Assentamento Palmares II, Estado do Para*. 2009. 224 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251693>>. Acesso em: 23 out. 2017.

HIGA, Sue Ellen Lorenti. *Famílias que participam de biblioteca: a mediação afetiva na constituição do sujeito leitor*. 2015. 1 recurso online (302 p.). Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/305036>>. Acesso em: 21 set. 2017.

KLEBIS, Carlos Eduardo de Oliveira. *Leitura e envolvimento: a escola, a biblioteca e o professor na construção das relações entre leitores e livros*. 2006. 165p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252967>>. Acesso em: 21 set. 2017.

KOLOKATHIS, Maria Lucia Bachiega. *Programa bibliotecas escolares: memórias/histórias de uma experiência de incentivo à leitura nas Escolas Municipais de Campinas - 1993 a 2001*. 2008. 246 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251788>>. Acesso em: 21 set. 2017.

LATÂNCIA, Lara Elisa. *Memórias (entre) cruzadas da Biblioteca Municipal de Valinhos "Dr. Mario Correa Lousada"*. Orientação de Norma Sandra de Almeida Ferreira. Campinas, SP: [s.n.], 2011. 1 recurso online (139 p.), il., digital, arquivo PDF. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000845489&opt=4>>. Acesso em: 21 set. 2017.

LATÂNCIA, Lara Elisa. *Os leitores e as práticas de leitura na Biblioteca Municipal de Valinhos*. 2016. 1 recurso online (126 p.). Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/322072>>. Acesso em: 21 set. 2017.

MAZIERO, Maria das Dores Soares. *Arnaldo de Oliveira Barreto e a Biblioteca Infantil Melhoramentos (1915-1925): histórias de ternura para mãos pequeninas*. 2015. 1 recurso online (212 p.). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/254070>>. Acesso em: 21 set. 2017.

MECIANO, Adriana Cristina. *Um programa de leitura na escola*. Orientação de Lilian Lopes Martins da Silva. Campinas, [SP: [s.n.], 2004. 75f. ISBN (Broch.). Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000330533&opt=4>>. Acesso em: 23 out. 2017.

NEGRO, Telma Cristina. *Afetividade e leitura: a mediação do professor em sala de aula*. Orientação de Sergio Antônio da Silva Leite. Campinas, [SP: [s.n.], 2001. 121f. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000295415&opt=4>>. Acesso em: 23 out. 2017.

OLIVEIRA, Adriana Pontes de. *Um estudo de leitores na biblioteca escolar*. Orientação de Norma Sandra de Almeida Ferreira. Campinas, SP: [s.n.], 2010. 56 f. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000785992&opt=4>>. Acesso em: 21 set. 2017.

OLIVEIRA, Larissa de Souza. *A biblioteca escolar entre as páginas escritas do Congresso de Leitura do Brasil e da Revista Leitura: Teoria & Prática (de 1978 a 1985)*. Orientação de Lilian Lopes Martins da Silva. Campinas, SP: [s.n.], 2015. (61 p.), Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000951663&opt=4>>. Acesso em: 21 set. 2017.

OLIVEIRA, Liliam Ricarte de. *Analizando experiências de leitura no curso de pedagogia/UNICAMP*: buscando o espaço de formação do leitor. Orientação de Sergio Antônio da Silva Leite. Campinas, [SP: [s.n.], 2001. 42f. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000297011&opt=4>>. Acesso em: 23 out. 2017.

PEREIRA, Carolina Canhassi. *Um estudo exploratório sobre o gabinete de leitura "Ruy Barbosa": (1908-2001)*. Orientação de Lilian Lopes Martins da Silva. Campinas, SP: [s.n.], 2001. 91 f, il. ISBN (Enc.).

ROCHETTI, Paula Virginia de Almeida. *Leitores de locadora de livros*. 2012. 188 p. Dissertação (mestrado)- Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251340>>. Acesso em: 23 out. 2017.

SANTOS, Maria Lygia Cardoso Köpke. *Entre louças, pianos, livros e impressos: a Casa Livro Azul: 1876-1958*. 2004. 196p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252734>>. Acesso em: 23 out. 2017.

SAVELI, Esmeria de Lourdes. *Leitura na escola: as representações e práticas de professoras*. 2001. 173p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251575>>. Acesso em: 23 out. 2017.

SCHMIDT, Luciane Vaughn. *Funcionamento da biblioteca municipal "Prof. Ernesto Manoel Zink": reflexões sobre condições de letramento e política de leitura na cidade de Campinas*. Orientação de Sergio Antonio da Silva Leite. Campinas, [SP: [s.n.], 1999. 112f. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000296443&opt=4>>. Acesso em: 21 set. 2017.

SILVA, Vitor Aparecido. *Leitura literária na sala de aula: concepções dos professores das séries iniciais*. Orientação de Norma Sandra de Almeida Ferreira. Campinas, SP: [s.n.], 2011. 1 recurso online (91 p.), il., digital, arquivo PDF. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000821658&opt=4>>. Acesso em: 23 out. 2017.

TAKAMATSU, Sônia Midori. *A biblioteca Cesar Bierrenbach: o Centro de Ciências, Letras e Artes e a utopia do conhecimento*. 2011. 173 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251259>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

Anexo 2

Relação das Comissões Organizadoras dos três primeiros COLEs (1978-1981)

1º COLE - 23 e 24 de setembro de 1978

Ezequiel Theodoro da Silva (Coordenador)

Carlos Brággio

Eurídice Palma Stecca

Hilário Fracalanza

Lilian Lopes Martin da Silva

Lucia Helena Menezes Negri Nilson

Raquel Pestana Teixeira Lima

2º COLE - 22 a 28 de outubro de 1979

Ezequiel Theodoro da Silva (Coordenador)

Helena Lopes de Freitas

Lilian Lopes Martin da Silva

Rosália Maria Ribeiro

Silvia Maria Manfredi

Vania Lando de Carvalho

3º COLE - 13 a 15 de novembro de 1981

Ezequiel Theodoro da Silva (Coordenador)

Ana Lúcia Bonatto

Dorotéia Cuevas Francalanza

Eloisa de Mattos Holling

Helena Costa Lopes de Freitas

Hilário Francalanza

Lilian Lopes Martin da Silva

Maria Christina Malta Pretti

Vania Lando de Carvalho

Relação das diretorias da ALB no período de 1981 a 1993⁵⁷

Diretoria Provisória – Gestão 1981-1983

Presidente – Ezequiel Theodoro da Silva

Vice-Presidente – Olga Molina

1ª Secretária – Raquel Maria de Almeida Prado

2ª Secretária – Marli Pinto Ancassuere

1º Tesoureiro – Hilário Fracalanza

2ª Tesoureira – Lilian Lopes Martin da Silva

Gestão 1984-1985

Presidente – Ezequiel Theodoro da Silva

Vice-Presidente – Olga Molina

1ª Secretária – Raquel Maria de Almeida Prado

2ª Secretária – Marli Pinto Ancassuere

1º Tesoureiro – Hilário Fracalanza

2ª Tesoureira – Lilian Lopes Martin da Silva

Gestão 1986-1987

Presidente – Ezequiel Theodoro da Silva

Vice-Presidente – Olga Molina

1ª Secretária – Raquel Maria de Almeida Prado

2ª Secretária – Marli Pinto Ancassuere

1º Tesoureiro – Hilário Fracalanza

2ª Tesoureira – Lilian Lopes Martin da Silva

Gestão 1988-1989

Presidente – João Wanderley Geraldi

Vice-Presidente – Lilian Lopes Martin da Silva

⁵⁷ Disponível em: < <http://alb.org.br/a-alb/diretoria-atual-bienio-20142016/>> Acesso em 21 Ago. 2018.

1ª Secretária – Olga Molina
2ª Secretária – Maria do Rosário Longo Mortatti
1º Tesoureiro – Hilário Fracalanza
2ª Tesoureira – Ana Luiza Bustamante Smolka
Presidente de Honra – Ezequiel Theodoro da Silva

Gestão 1990-1991

Presidente – Ezequiel Theodoro da Silva
Vice-Presidente – James Patrick Maher; Else Benetti Marques Válio
1ª Secretária – Luciane Moreira de Oliveira
2ª Secretária – Maria Isabel Santoro
1º Tesoureiro – Carlos Vidal França
2ª Tesoureira – Maria do Rosário M. Magnani

Gestão 1992-1993

Presidente – José Eduardo de Andrade; Rute Batista Pontes
Vice-Presidente – Rute Batista Pontes; Beteizabete de Brito
1º Secretário – João Batista Ramos; César Augusto Castro
2ª Secretária – Lídia Felizatte
1ª Tesoureira – Marlene Ramos Gomes
2º Tesoureiro – Beteizabete de Brito; José Eduardo de Andrade

Anexo 3

2º COLE na mídia: Jornal Correio Popular

Inicia-se dia 22: Congresso de Leitura

Numa promoção da Faculdade de Educação da UNICAMP, Associação Campineira de Bibliotecários, realiza-se, no período de 22 a 24 corrente, o 2º Congresso de Leitura, destinado a professores em geral, estudantes de cursos universitários (letras, pedagogia, comunicação, normalistas, pesquisadores). O certame será realizado no Centro de Convivência Cultural, inscrições abertas na Secretaria Municipal de Cultura, 3º andar do Palácio dos Jequitibás, Faculdade de Educação (Cidade Universitária e Banesp). Informações pelos fones (019) 31-0555, ramal 374 e (019) 39.1301, ramal 352.253.

Será expedido o certificado aos participantes.

Dia 22 de outubro (segunda-feira) — BIBLIOTECA: 17:30 hs. — ENTREGA DO MATERIAL AOS CONGRESSISTAS: 19:00 hs. — ABERTURA DO 2º COLE: Prof. Ezequiel Theodoro da Silva, coordenador geral: 19:30 hs. — INÍCIO DO SEMINÁRIO INTEGRADO — "Programa de Incentivo ao Hábito de Leitura". Coordenação: Oscar Manoel de Castro Ferreira. Execução: Carminda Nogueira de Castro Ferreira.

Dia 23 de outubro (terça-feira) — BIBLIOTECA: 19:00 hs. — CONTINUAÇÃO DO SEMINÁRIO INTEGRADO — "Programa de Incentivo ao Hábito de Leitura". Coordenação: Oscar Manoel de Castro Ferreira. Execução: Carminda Nogueira de Castro Ferreira.

Dia 24 de outubro (quarta-feira) — BIBLIOTECA: 15:00 hs. — COMUNICAÇÃO: "A Literatura, a Criança e o Adulto". Convidado: Fúlvia Rossetti. 20:00 hs. — Mesa Redonda: Situação das Bibliotecas do Est. de São Paulo.

Dia 25 de outubro (quinta-feira) — Alfabetização — Tema: "O Instrumental do Alfabetizador" 9 às 12 horas COMUNICAÇÕES — Convidados: Geraldina Porto Witter, Ana Maria Popporie, Gilberta Januzzi. 14 às 17 horas — MESA REDONDA — Convidados: Madalena Freire, Silvia Maria Manfredi, Carlos Rodrigues Brandão, Helena Lopes de Freitas, Haquira Osakabe.

18 horas Filme — Dia 26 de outubro (sexta-feira) — Ciências — "Encontro Regional sobre Material Didático para o Ensino de Ciências" 9 às 12 hs. — MESA REDONDA — "Produção, divulgação e utilização de materiais didáticos para ensino de ciências no 1.º e 2.º graus". Agências Convidadas: CECEB, CENAFOR,

CECISP, Fac. de Educação UNICAMP, FUNBEC, Inst. de Física UNICAMP, Inst. de Física USP, INECC: 14 às 18 horas. SESSÃO DE DIVULGAÇÃO — Apresentação de projetos para o ensino de ciências pelas agências participantes 20 às 22 hs. — COMUNICAÇÃO — "Biblioteca, Leitura, Educação Continuada", Antonio Lisboa C. de

Miranda, Assessor-Planejamento Bibliotecário do CAPES.

Dia 27, Pedagogia da leitura, mesa redonda, com vários convidados; das 14 às 17 horas. Comunicações e dia 28 encerramento, programas gerais de leitura, das 9 às 11 e das 13 às 17 horas, avaliação do Congresso e encerramento festivo.

Figura 2. Inicia-se dia 22: Congresso de Leitura do Brasil. *Jornal Correio Popular*, Campinas-SP, p. 9, 18 de outubro de 1979.

O 2.º COLE e Mostras de Material Didático

O 2º Congresso de Leitura do Brasil que será realizado aqui em Campinas no período de 22 a 28 de outubro no Centro de Convivência Cultural destina-se a professores de 1.º e 2.º graus, estudantes-leitores, pedagogos, comunicadores, cursos outros e ainda jornalistas e pesquisadores, mas segundo o coordenador do 2º COLE, Ezequiel Teodoro da Silva, como o congresso tem caráter nacional, envolve diretamente, por uma questão de cadeia, o livreiro e o próprio leitor, na tentativa de fortalecer o hábito da leitura, sobrepondo-se à atual crise do setor.

Ezequiel da Silva explica que estão três as causas históricas atuais e mesmo de ordem estrutural que contribuem para a atual crise da leitura: portanto o Brasil conta com um número reduzido de leitores, tendo como base toda a gama de assuntos veiculados nos livros dispostos à venda. A primeira causa que o coordenador do congresso cita é o simples fato de inúmeras livrarias no Brasil estarem sendo fechadas por falta de procura de mercado, o que significa que o brasileiro de baixa renda que forma a maioria da população não lê.

Por uma questão óbvia, financeira no caso, muitas livrarias estão encerrando suas atividades e como motivo reforçador dessa situação, para Ezequiel, os livros realmente apresentam-se para uma classe dirimida, ou seja, aquela que tem condições de pagar pelo livro e exatamente a questão do preço da mercadoria, por vezes excessivamente cara, restringe o mercado consumidor.

A segunda causa estaria intimamente ligada à primeira: o preço dos livros não atende às aspirações econômicas da maioria da população, portanto no Brasil existem falta de leitor. A terceira causa da crise da leitura é a concorrência dos veículos de comunicação: nossa residência pode existir vários veículos de comunicação como por exemplo rádio, TV, jornal, telefone, etc., o que de certa forma não permite que o indivíduo se dedique à leitura, que em contraposição necessita de espaço e silêncio para ser veiculada o que não acontece com os outros meios de comunicação como a TV por exemplo que é bem dinâmica e deixa o espectador numa posição quase que passiva, "despejando" informação direta que não necessita de tempo para ser assimilada, portanto está aí a grande diferença dos livros e dos outros meios de comunicação do nosso tempo.

PROPOSTA

O objetivo do 2º COLE é o de minimizar este estado de coisas, promovendo a propagação nas escolas, entre professores e alunos, chamando-os para uma maior integração entre indivíduo e cultura, realizando de forma especial pelo veículo-livro. As inscrições estão abertas até o dia 22 às 16 horas. A princípio o 2º COLE pretende estabelecer estratégias para a incrementação do hábito da leitura junto à população e fornecer aos professores de 1.º e 2.º graus algumas propostas para melhoria do ensino da leitura. Ezequiel ainda cita a importância da reflexão sobre temas e aspectos relacionados

com a utilização de livros e materiais didáticos nas escolas e a troca de experiências voltadas à pedagogia da leitura.

É importante lembrar que os professores que participarem do 2º COLE estarão dispensados das atividades escolares nesse período, e no final do congresso haverá entrega de certificados, homologados pela UNICAMP — reconhecido pelo Departamento de Recursos Humanos do Estado de S. Paulo, e os participantes receberão ainda resumos, contendo os resultados do Congresso de Leitura, bem como todas as comunicações referentes ao movimento cultural.

MATERIAL DIDÁTICO

Paralelamente ao 2º COLE, no Centro de Convivência Cultural, será realizada uma mostra de materiais didáticos direcionados ao ensino de Ciências, com a participação do professor Décio Pacheco, da Faculdade de Educação da UNICAMP, da área de Metodologia de Ensino, o organizador desse primeiro encontro regional sobre a matéria. A mostra terá materiais e livros brasileiros, selecionados entre uma centena de edições, classificadas como realmente didáticas e tendo por trás toda uma pedagogia e especialização de editores.

Décio Pacheco explica que a mostra terá inclusive materiais que ainda não se encontram no mercado, mas todo o material passou por seleção rigorosa entre os muitos, incluindo-se nesses materiais didáticos os livros de acompanhamento vendidos a preços módicos e até mesmo sem conteúdo cultural algum ao consumidor despreparado na matéria.

PROGRAMAÇÃO

Dia 22 — 2.ª-Feira — 15 hs.
1.º Grau — (1) Ciências Ambientais para o 1.º Grau; (2) Cadernos de Ciências: Luz e Som, Eletricidade e Magnetismo, Movimentos, Misturas

e Substâncias, Reprodução Humana, O Ambiente; (3) Subsídios para Implementação do Guia Curricular de Ciências — Prof.ª Anita Bernardino — CECISP.

Dia 23 — 3.ª-Feira — 10 hs.
Materiais Didáticos para o Ensino de Física, Geografia, Estudos Sociais e Ciências no 1.º e 2.º Graus. Prof.ª Mairice L. Ribeiro — Prof.ª Marilei Simões Glória Golvela, Prof.ª Teluko Yonamoto, FUNBEC.

Dia 23 — 3.ª-Feira — 15 hs.
2.º Grau — "Laboratório Circular de Física: Uma Nova Dimensão para o Ensino Experimental" — Prof.ª Dr. Fuad Daher Sand — Instituto de Física da USP.

Dia 24 — 4.ª-Feira — 8h.
2.º Grau — "Energia: Fontes Convencionais e Não Convencionais" — PROJETO MEC/DEM/UNICAMP — Prof. Dr. Carlos Alberto Lima — Instituto de Física da UNICAMP.

Dia 24 — 4.ª-Feira — 15 hs.
2.º Grau — (1) Ciência Integrada; (2) Subsídios para a Implementação do Guia Curricular de Biologia; (3) Química para o 2.º Grau; (4) Jogos e Simulações para Programa de Saúde no 2.º Grau, Prof.ª Angélica Ambrogi — CECISP.

Dia 25 — 5.ª-Feira — 10 hs.
"Experiências de Química" — Prof.ª Reiko Miyama.

Dia 25 — 5.ª-Feira — 15 hs.
2.º Grau — "Laboratório Circular de Física: Uma Nova Dimensão para o Ensino Experimental" — Prof.ª Dra. Cecília Alvarenga Pimentel — Instituto de Física da USP.

Dia 25 — 5.ª-Feira — 16h30
2.º Grau — "Química: Dos Experimentos As Teorias" — Prof.ª Yvone Mussa Esperidião e Prof.ª Naldes de Cerqueira e Silva Alves de Lima.

Dia 26 — 6.ª-Feira — 10h30
PROJETO VULCAO: "Decomposição Térmica do Dicromato de Amônio" — Prof. José Carlos Prado — Prof.ª Miuaco K. Kuya — Prof.ª Mariana Eunice Ribeiro Marcondes.

Figura 3. O 2º COLE e Mostras de Material Didático. *Jornal Correio Popular*, Campinas, p. 4, 20 de outubro de 1979.

Anexo 4

O 4º COLE na mídia: Jornal Correio Popular

Congresso nacional encerra-se hoje
Educadores discutem
a leitura no Brasil



Com um debate sobre "Leitura na Sociedade Democrática: do discurso à ação", a realizar-se no auditório do Colégio Culto à Ciência, encerra-se hoje o 4º Congresso de Leitura do Brasil, promovido pela Associação de Leitura do Brasil, Centro de Leitura da Unicamp e Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo. A discussão desse tema estará a cargo de representantes de várias entidades nacionais que se dedicam à dinamização da leitura no País, como a PUC/RS, Associação dos Professores de Língua e Literatura do Rio Grande Sul e de São Paulo, Fundação Nacional do Livro Infante-Juvenil, Centro de Pesquisas Literárias do Rio Grande do Sul e Academia Campineira de Letras.

Dos 300 participantes desse congresso, a maioria é de outros estados brasileiros, já que poucos profissionais de São Paulo se inscreveram, o que foi explicado por Lillian Lopes Martin da Silva, uma das coordenadoras do evento, como consequência da própria crise financeira do País, que está afetando drasticamente a classe dos professores, maior interessada nesse tipo de promoção.

"Por outro lado — disse — está havendo uma saturação de congressos e seminários em São Paulo, tanto a nível estadual como municipal, no caso de Campinas, tornando impossível a participação dos professores em todos eles".

O Congresso de Leitura realiza-se no Culto à Ciência

Assuntos como Formação do Professor de Português e do Bibliotecário, Leitura no Processo Democrático e Leitura na Biblioteca, considerados como relevantes para incentivo da leitura nas escolas de 1º e 2º graus, foram debatidos em vários grupos de trabalho, cujos resultados serão apresentados na assembléia final do 4º Cole, que decidirá a aprovação de moções e propostas, bem como o encaminhamento de reivindicações da ALB aos setores oficiais e privados competentes.

Esse congresso reservou ainda uma sessão de comunicação de trabalhos, que foram divididos em 4 áreas: Abordagem Teórica da Leitura, Leitura Infante-Juvenil, Leitura e Biblioteca e Leitura e Alfabetização.

Por outro lado, os integrantes da Associação de Leitura do Brasil elegeram, na plenária de domingo, sua primeira diretoria definitiva, já que a entidade foi fundada por ocasião do 3º Cole e vinha funcionando em caráter provisório.

Todos os diretores que vinham atuando temporariamente foram confirmados em seus cargos: Ezequiel Theodoro da Silva - presidente; Olga Molina, vice-presidente; Raquel Maria de Almeida Prado, 1ª secretária; Marli Pinto Ancasuerdi, 2ª secretária; Hilário Fracalanza, 1º tesoureiro e Lillian Lopes Martin da Silva, 2ª tesoureira.

Figura 4. Congresso nacional encerra-se hoje. *Jornal Correio Popular*, Campinas-SP, p. 6, 15 de novembro de 1983.

Anexo 5

O 6º COLE na mídia: Jornal Diário do Povo

Campinas, domingo, 13 de setembro de 1987

Congresso de Leitura vai terminar hoje

Termina hoje o 6º Congresso de Leitura do Brasil - Cole com a realização de uma redonda sobre o tema "Alternativas Metodológicas para o Ensino da Leitura". O Congresso que teve início no dia 10 conta com a participação de cerca de 600 representantes do todo o País, entre professores, editores e bibliotecários. O tema deste ano é "Leitura: a questão dos métodos e os métodos em questão". Na mesa redonda realizada ontem e que contou com a presença de professores da USP, sob a coordenação da professora Ligia Chiappini de Moraes Leite, foram discutidas as condições de produção da Leitura na rede pública de ensino.

Tecendo sérias críticas aos livros didáticos utilizados nas escolas Ligia disse que a maior parte destes é produzida pela cópia sem apresentar reflexões. "Ele se concebe como um manual, um livro único, o que nas escolas não pode se aplicar. Não é possível pensar que o saber está condensado em uma única obra autoritária e imposta", diz. Segundo Ligia a leitura é um processo individual que não pode ser achatado, mas há um consenso entre os professores de que o livro didático é um mal necessário, onde o professor tem que mostrar as falhas aos alunos. "O professor tem que saber disso e estar lendo poe-

mas, contos e jornais. É preciso sempre ter tempo e gosto para se ler", argumenta a professora dizendo que o livro didático pode ser usado desde que o seja de maneira crítica.

Os professores acham que é mais fácil se investir em novas obras mais completas, mas para Ligia isso não é suficiente. "É preciso que o Governo faça investimentos na formação de professores e que estes tenham tempo pago para ler. Hoje o professor é transformado em máquina de dar aula", afirma. As leituras alternativas enriquecem o conteúdo das aulas e despertam nos alunos o interesse e o hábito de ler, como defendem os participantes do congresso.

O Congresso de Leitura ocorre a cada dois anos em Campinas com a participação de representantes de todo o País. Segundo o coordenador do Congresso, Ezequiel Theodoro da Silva, o evento está sendo considerado produtivo e bem organizado além de ter participação ativa dos congressistas, sob a ótica da Comissão julgadora. Dele serão tirados documentos a serem enviados aos governadores e prefeitos de todos os estados além de ter seus resultados e propostas publicados nos anais do congresso. "Podemos apontar a possibilidade de mudança nacional no Ensino da leitura", diz Ezequiel.

Figura 5. Congresso de Leitura vai terminar hoje. *Jornal Diário do Povo*, Campinas - SP, 13 de setembro de 1987.